

Universidade Federal de Minas Gerais

**A TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS
ROSIANOS NA VERSÃO ITALIANA
DE
“*GRANDE SERTÃO: VEREDAS*”,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA**

Patrizia Giorgina Enricanna Collina Bastianetto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

A TRADUÇÃO DOS NEOLOGISMOS
ROSIANOS NA
VERSÃO ITALIANA DE
“*GRANDE SERTÃO: VEREDAS*”,
DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

por

PATRIZIA GIORGINA ENRICANNA COLLINA BASTIANETTO

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

Orientadora:

**Prof. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes
UFMG**

**BELO HORIZONTE
1998**

Dissertação defendida e aprovada em 26/08/98
Pela Banca Examinadora constituída pelos professores:



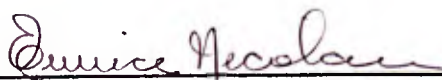
Prof.^a. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes
Orientadora



Prof. Dra. Veronika Benn-Ibler



Prof. Dr. Edson José Martins Lopes



Prof.^a. Dra. Eunice Maria das Dores Nicolau
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras
Estudos Lingüísticos - FALE/UFMG

A José Eduardo, Roberto, Paulo e Dudu.

A minha mãe e meus irmãos.

E em memória de meu pai,

que contava estórias.

Agradeço

à Prof^a. Dra. Eliana Amarante de Mendonça Mendes, pela orientação acadêmica que dedicou a este trabalho, caminhando comigo pelas trilhas tortuosas e fascinantes da tradução, “sertão: veredas”;

aos Professores Doutores Veronika Benn-Ibler, Else Ribeiro Pires Vieira e Luiz Carlos de Assis Rocha, pelos os ensinamentos valiosos e incentivos constantes;

aos Professores do Departamento de Letras Românicas, especialmente às colegas Lúcia Fulgêncio, pelo entusiasmo e inúmeras contribuições, e Miquelina Barra Rocha, pela disponibilidade e ajuda;

aos Professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da FALE/UFMG, por sua participação no meu crescimento intelectual;

a Edoardo Bizzarri, em memória, pela revelação de uma obra de arte.

Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever e avaliar o tratamento tradutório conferido aos 942 neologismos de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, na sua versão italiana. Pretende-se averiguar se, de que forma e quanto BIZZARRI, o tradutor italiano, aventurou-se, como ROSA, pelo caminho da criação lexical. Este estudo justifica-se, pois, pelo interesse em se estabelecer até que ponto a transcrição e/ou transgressão rosiana foram colhidas na sua essência e reproduzidas, ou não, pelo tradutor. A Linguística e a Teoria da Tradução constituem o suporte teórico para a realização dessa tarefa, apontando os caminhos abertos por muitos estudiosos, entre os quais destacam-se MENDES (1991), VINAY & DARBELNET (1960), NEWMARK (1988), ROCHA (1996) e SCALISE (1994).

Presentazione

Il fine del presente studio è quello di descrivere e valutare la modalità di traduzione per la versione italiana dei 942 neologismi presenti nel romanzo *Grande sertão: veredas* di João Guimarães Rosa. Con questa ricerca si vuole verificare se BIZZARRI, il traduttore italiano, si è avventurato come ROSA nella formazione lessicale, e si vuole descriverne il modo e la quantità. La stessa è motivata dall'interesse di definire fino a che punto la "transcreazione" e/o la trasgressione *rosiana* sono state attinte nella loro essenza e riprodotte o no dal traduttore. La Linguistica e la Teoria della Traduzione costituiscono la base teorica per l'adempimento di questo compito, seguendo le tracce di molti studiosi tra cui si distinguono MENDES (1991), VINAY & DARBELNET (1960), NEWMARK (1988), ROCHA (1996) e SCALISE (1994).

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo 1	
A Metodologia	12
1.1 A análise morfológica.....	13
1.2 Os processos de criação lexical em Português.....	15
1.3 Os processos rosianos de criação lexical.....	17
Capítulo 2	
Sobre a tradução.....	20
2.1 A equivalência.....	20
2.2 A função textual	21
2.3 A tradução de neologismos	24
2.4 O perfil do tradutor.....	25
2.5 Uma abordagem integrada da tradução	26
Capítulo 3	
O modelo tradutório e suas variáveis	28
3.1 A função do neologismo	28
3.2 A compensação	34
3.3 A intraduzibilidade	34
3.4 A estrutura morfológica da língua de tradução (LT).....	35
Capítulo 4	
A morfologia da língua italiana	36
4.1 Os processos de formação lexical.....	36
4.2 Análise morfológica de 20 criações lexicais em italiano a partir da tradução de neologismos rosianos.....	43
Capítulo 5	
Os neologismos rosianos na versão italiana de <i>Grande sertão: veredas</i> e suas modalidades tradutórias	62
5.1 O processo de detecção.....	62
5.2 A unidade de tradução	63
5.3 Modalidades tradutórias.....	64

Capítulo 6

A análise morfológica e tradutória dos neologismos de *Grande sertão: veredas* traduzidos em italiano por criação lexical..... 71

Capítulo 7

A tradução não-neológica dos neologismos rosianos na versão italiana de *Grande sertão: veredas* 115

Capítulo 8

Formas de compensação na tradução dos neologismos rosianos.... 119

8.1 A morfossintaxe e o estilo..... 119

8.2 A tradução neológica de expressões não-neológicas no texto da LO..... 127

8.3 Considerações sobre a tradução do prefixo “des-” nas criações lexicais em português e suas traduções 129

Capítulo 9

BIZZARRI leitor e escritor de ROSA 134

9.1 A escrita “bizzarriana” 134

9.2 A travessia tradutória 137

9.3 A recepção de *Grande sertão: veredas* pela crítica italiana .. 142

Conclusão 145

Referências bibliográficas..... 149

Introdução

O objetivo geral desta dissertação é descrever o tratamento tradutório conferido aos neologismos de *Grande sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, na sua versão italiana, refletindo sobre o problema da tradução das criações lexicais em textos literários. Pretende verificar, também, se BIZZARRI, ao traduzir as 942 ocorrências neológicas da obra original, conseguiu levar o leitor italiano pelas mesmas trilhas, obscuras e fascinantes, percorridas por ROSA e Riobaldo. Isso significa avaliar, se – e quanto – o tradutor italiano se aventurou, como o autor, pelo caminho da criação lexical.

ROSA revela, nos seus escritos, uma atitude experimentalista em relação à língua: manipula de tal forma as estruturas das palavras conhecidas, que essas acabam por dar origem a novas palavras, com novos referentes. Nascem, assim, palavras dotadas de uma força mágica, de evocação ou sugestão, advindas dos elementos mais variados, como o erudito, o científico, o arcaico, o poético, o indígena, o dialetal e o estrangeiro. Querer verificar a tradução dos neologismos de *Grande sertão: veredas* justifica-se, fundamentalmente, pelo interesse de estabelecer até que ponto tamanhas transcrição e/ou transgressão foram colhidas na sua essência e reproduzidas, ou não, pelo tradutor, tentando alcançar os mesmos objetivos rosianos.

É senso comum entre os lingüistas entender a formação de um signo como uma resposta às necessidades criadas por uma nova situação social em determinado momento. HUMBOLDT, desde o começo do século XIX, e WHORF, no início do XX, já iam além disso, entendendo que o papel das estruturas lexicais e da gramática não é apenas o de dar uma forma oral às idéias, mas, sim, o de modelar e gerar idéias. Ao afirmar que: “a língua não é um *ergon*,

mas uma *energeia*”, HUMBOLDT ressalta que ela não é um produto feito e acabado, mas uma produção ativa. Trata-se de uma atividade criadora, meio de comunicação do homem para expressar sua visão de mundo, sua *Weltanschauung*. Visão de mundo que está estreitamente relacionada à estrutura de sua língua, à mentalidade de seu povo e à sua própria.

No caso da criação neológica literária, entende-se que a carência de um novo signo não nasce de uma nova situação social, mas de uma necessidade intrínseca ao próprio autor de expressar a sua *Weltanschauung*, que se revela como uma experiência *sui generis*, distante do senso comum, podendo, por isso, ser enunciada por uma língua igualmente *sui generis*, pelo afastamento do inventário lexical e gramatical disponível na língua. Nasce, assim, o neologismo.

Em 1965, ROSA declarara a LORENZ, crítico literário alemão, em Gênova, durante o “I Congresso de Escritores Latino-Americanos”: “... o material lingüístico existente e comum ainda basta para folhetos de propaganda e discursos políticos, mas não para a poesia, nem para pronunciar verdades humanas” (ROSA, apud LORENZ, 1973:346).

Para MENDES (1991:8), a neologia “se define pela possibilidade de criação de novas unidades lexicais, novas formas de significante e significado, em virtude da existência de um mecanismo de produção incluído no sistema lexical.”

Para BARBOSA (1996:80), o neologismo, produto do processo de criação neológica, é

“um suporte particularmente eficiente de transmissão de uma informação, de um conhecimento, uma vez que a um novo referente corresponde uma nova forma lexical. Mas a função de comunicação fica em plano secundário, se se consideram os efeitos que a coisa comunicada provoca no universo lingüístico-cultural do destinatário, pois que reformula os dados de sua experiência anterior, vale

dizer, a sua *visão de mundo*. Não se está enfatizando, nesse caso, o referencial, mas, ao transmiti-lo, passa o destinatário a ser o ponto mais importante do ato de comunicação, já que tanto o discurso trivial como o neologicamente marcado são o lugar da ‘distorção ideológica’, para retomar os termos de Barthes (*apud* Marcellesi, 1974 : 95), o lugar do *vol du sens*, ou, ao contrário, de sua sugestão, de uma cumplicidade ou de uma agressão lingüística e ideológica, ou seja, em uma palavra, o lugar da intersubjetividade.”

CAPÍTULO 1

A metodologia

Considerando-se o objetivo geral desta dissertação, torna-se necessário definir uma metodologia de trabalho voltada especialmente para a criação neológica, que auxilie na determinação da composição do neologismo e na compreensão plena de seu significado.

Para uma abordagem tão específica, recorreu-se à pesquisa de Eliana Amarante de Mendonça Mendes, doravante citada como MENDES. Em sua tese de Doutorado, intitulada *A tradução dos neologismos de Grande sertão: veredas* (1991), a autora avalia, de forma objetiva e exaustiva, as traduções das criações neológicas dessa obra rosiana nas versões alemã, de Curt Meyer-Clason, francesa, de Jean-Jacques Villard, e inglesa, de James Taylor, prestando uma contribuição preciosa aos estudos tradutológicos.

O recorte teórico do presente estudo tem, portanto, como ponto de partida essa pesquisa, que alicerça e guia todo o trabalho nele desenvolvido. Tenta-se fazer, no entanto, uma abordagem integrada das ciências lingüística e literária, em consonância com as tendências atuais da Teoria da Tradução. Com isso, procura-se harmonizar o discurso lingüístico-teórico com o estético-literário e, nessa complementaridade enriquecedora, depreender ao máximo as múltiplas facetas do grande, infinito, sertão.

Entre as disciplinas viabilizadoras da criação lexical e de sua apreensão e análise estão a Morfologia, a Semântica e a Estilística que, juntas, colaboram com a Teoria da Recepção enquanto instrumento de leitura.

Os 942 neologismos detectados em *Grande sertão: veredas* – que constituem o *corpus* da pesquisa de MENDES – são classificados, na Língua de Tradução (LT), quanto ao processo de criação lexical e à manutenção, ou não, da função exercida no texto da Língua de Origem (LO).

É importante analisar todo o processo formador do neologismo na LO para alcançar-se a apreensão plena do produto dele resultante e, conseqüentemente, poder-se compará-lo criticamente com a constituição da nova criação lexical na LT. Por sua vez, para uma compreensão mais ampla desse produto na LT, é também necessário apreender seu processo formador.

Apresentam-se, a seguir, algumas considerações inerentes à morfologia como disciplina que permite caracterizar os processos subjacentes à formação de palavras, numa síntese das possibilidades de formação lexical na língua portuguesa.

1.1 A análise morfológica

A morfologia permite caracterizar os processos subjacentes à formação das palavras, fornece os instrumentos para analisar a estrutura interna da palavra e define, em termos explícitos a noção de palavra possível em uma determinada língua. Comparando-a com a sintaxe, pode-se dizer que, se esta deve poder definir o conjunto das frases possíveis em uma língua, ela deve poder definir o conjunto de suas palavras possíveis. SCALISE (1994: 74) lembra, entretanto, que a morfologia vai além disso e faz uma distinção entre as noções de possível e de existente. Assim, tratando-se de palavras, há três possibilidades: a) palavras realmente existentes; b) palavras possíveis, mas não-existentes, e c) palavras não-possíveis (e não-existentes). Na sintaxe, porém, diferentemente do que acontece na morfologia para a formação de palavras, há somente

duas classes: a) a das frases possíveis e b) a das frases impossíveis. A formação de palavras é um processo pelo qual, a partir de uma unidade existente, se forma uma unidade “nova”. Esse processo é governado por regras, denominadas Regras de Formação de Palavras (RFP’s). As palavras já existentes são submetidas à análise por outro tipo de regras, as Regras de Análise Estrutural (RAE’s).

Em relação às palavras, ou melhor, ao componente lexical de uma língua, SCALISE (1994:93) explica que este se organiza por Regras de Composição, Regras de Derivação e Regras de Flexão.

As Regras de Composição estabelecem as modalidades para a formação de palavras compostas, que são palavras novas formadas a partir de palavras existentes.

As Regras de Derivação estabelecem as modalidades para a formação de palavras derivadas, que são aquelas palavras novas formadas por meio de um afixo, ou seja, um prefixo ou um sufixo.

As Regras de Flexão estabelecem as normas para se acrescentarem às palavras informações relativas a gênero, número, tempo, modo, voz e/ou aspecto.

Em relação à criação lexical, ROCHA (1996:55-56) propõe que “existem três, e apenas três, processos produtivos de formação de palavras no português contemporâneo: a derivação, a composição e a onomatopéia.” Quanto aos empréstimos, são eles configurados pelo autor como “neologismos formados por itens léxicos provenientes de outros sistemas lingüísticos”, embora não sejam tratados em sua obra, *Princípios de morfologia gerativa*, cujo objetivo é avaliar os processos de formação de palavras e, conseqüentemente, apenas aqueles neologismos oriundos da própria língua ou “formados por processos autóctones”, conforme ALVES (1990:5).

ROCHA declara que as “Regras de Derivação (entenda-se: derivação sufixal) e as Regras de Flexão não são muito nítidas”. No capítulo 5 de seu estudo, ele tenta fixar as fronteiras dessas Regras.

Como, nesta dissertação, a flexão não será considerada, esse assunto não será tratado aqui.

1.2 Os processos de criação lexical em português

MENDES (1991) analisa os processos de formação lexical na língua portuguesa com base nos modelos de Maria Aparecida Barbosa e Margarida Basílio e pondera que ambos têm pontos positivos e, de certa forma, se completam. E conclui que BARBOSA analisa todos os tipos possíveis de criação lexical e que BASÍLIO se detém nos processos morfossintáticos. Apresenta, então, uma proposta alternativa de análise dos processos de formação lexical, que constitui uma tentativa de conciliação das duas posições. Essa proposta divide os processos de formação lexical em dois grupos: o dos que envolvem significante e significado e o dos que envolvem apenas o significado.

Segue-se a relação dos diversos tipos característicos desses dois grupos.

A) Processos de formação lexical que envolvem significado e significante

ai) Criam signos mínimos.

Trata-se de processos fonológicos que utilizam principalmente recursos fonético-fonológicos, uma vez que não se baseiam em signos preexistentes. Podem ser:

1. imotivados em relação ao significante/significado (por ex.: a criação “ex nihilo”, que é um processo neológico de menor produtividade, ocorrendo, às vezes, no discurso literário e, com freqüência, no discurso publicitário, para dar nome a novos produtos de consumo; nesse caso, não há relação de

motivação entre o referente e o signo lingüístico que o representa. São exemplos: OMO, Trim (MENDES 1991:24)); ou 2. relativamente motivados (por ex.: a criação onomatopaica, a criação a partir de siglas e a criação por empréstimo).

aii) Não criam signos mínimos.

São os processos utilizados para a formação de novas unidades léxicas com base em signos preexistentes no léxico da língua: criam signos relacionados, ou seja, relativamente motivados quanto à relação significante/significado. Nessa classificação, incluem-se:

1. os processos morfossintáticos por derivação: prefixação, semiprefixação, sufixação, parassíntese, derivação regressiva e por composição;
2. os processos sintagmáticos: aglutinação, formação de expressões sintagmáticas coesas;
3. os processos mistos: formação de vocábulo impressivo, expansão de sigla lexicalizada, expansão de redução, expansão de empréstimo;
4. os processos estilísticos: criação gráfica, redobro, aglutinação estilística, criação forjada de expressões sintagmáticas coesas, cruzamento de palavra, redução.

B) Processos de formação lexical que envolvem apenas o significado.

bi) Processos semânticos.

bii) Processos sintático-semânticos que incluem a conversão categorial.

1.3 Os processos rosianos de criação lexical

Além dos já referidos, ROSA utiliza, ainda, outros processos de formação lexical, estudados por vários autores e chamados, por MENDES, de processos rosianos.

O próprio ROSA explicou, certa vez, o porquê de tanta invenção lexical. Na já referida entrevista a Günter Lorenz, durante o I Congresso de Escritores Latino-Americanos, em Gênova, ele declarou:

“Nesta Babel espiritual de valores em que hoje vivemos, cada autor deve criar seu próprio léxico. E não lhe sobra nenhuma alternativa; do contrário, simplesmente não pode cumprir sua missão. Estes jovens tolos que declaram abertamente que não se trata mais da língua, que apenas o conteúdo tem valor, são pobres coitados dignos de pena. O melhor dos conteúdos de nada vale, se a língua não lhe faz justiça.” (ROSA, apud LORENZ, 1973: 346-347)

Segundo MENDES (1991:101), das 942 ocorrências neológicas em *Grande sertão: veredas*, 80,998% são constituídas por processos morfossintáticos, das quais 49,279% são expressas por processos *sui generis*, ou seja, não-previstos pelas regras de formação lexical. Esses processos são codificados, pela autora, com a sigla PR — que remete às iniciais de referência de cada processo — e numerados, conforme se comprova na lista a seguir, em função de suas características fundamentais:

PR1 - O uso de afixos improdutivos, incluindo-se aqueles considerados arcaicos, como, por exemplo, o sufixo formador de aumentativo *-az*, em *malvaz*, e o prefixo *ex-*, com o sentido de movimento para fora, em *excogitei*.

PR2 - O esvaziamento semântico de afixos, utilizados, no entender de MENDES, apenas para conferir à lexia um significante

fonologicamente mais rico, como, por exemplo, o prefixo **de-**, em *deamar*, e o sufixo **-al**, em *buracal*.

PR3 - A modificação do sentido dos afixos, como, por exemplo, o prefixo **des-** em *desenormes*, com valor intensivo.

PR4- A substituição de afixos, como, por exemplo, o uso do prefixo **des-** por **in-**, em *desfeliz*, e o uso do sufixo **-ice** por **-ura**, em *docice*.

PR5- A recuperação de bases presas, quando há condições de isolabilidade, como, por exemplo, na formação de *deciso*, a partir de *indeciso*.

PR6- A aplicação de regras de afixação a bases indevidas, como, por exemplo, na formação de *amormente* e de *desmim*.

PR7- O uso de elementos tomados ao latim, como, por exemplo, a desinência **-em**, de acusativo singular, em uso sufixal, como em *felém*.

PR8- O uso pleonástico de afixos, como, por exemplo, em *depoismente*, em que o sufixo **-mente**, formador de advérbios, é aplicado a uma base que já é advérbio.

PR9- A vernacularização de lexias de formação erudita, como, por exemplo, na formação de *caintes* (por *cadentes*).

PR10- A criação de afixos, como, por exemplo, **-ém** e **-iz**, em *homenzém* e *zumbiz*.

PR11- A criação com base em analogia com um único modelo lexical, como, por exemplo, a formação de *mortalma*, a partir de *vivalma*.

PR12- A expansão de compostos por derivação, como, por exemplo, *beija-florou*, a partir de *beija-flor*.

PR13- A modificação de compostos, como, por exemplo, a formação de *bem-me-quis*, a partir de *bem-me-quer*.

PR14- A criação de palavras gramaticais, como, por exemplo, a formação do advérbio *trastanto*.

PR15- O uso de elementos inusitados na composição, como, por exemplo, a criação de *zé-zombavam*.

PR16- O uso simultâneo de dois prefixos *a-* e *-re-* = *arre-*, intensivos.

Esses processos, de acordo com classificação de MENDES, poderão, ou não, ser utilizados por BIZZARRI ao traduzir de forma neológica as criações lexicais de ROSA. Por outro lado, eles não são mutuamente excludentes, ou seja, é possível que haja, no mesmo neologismo, dois processos atuando simultaneamente. Essas hipóteses serão verificadas no decorrer desta análise.

CAPÍTULO 2

Sobre a tradução

2.1 A equivalência

Pensar em tradução leva, de imediato, ao conceito de **equivalência**, que vem sendo bastante tratado pelos teóricos da tradução e assumiu diferentes acepções ao longo dos anos.

NIDA (1964:159), por exemplo, entende que, no processo tradutório, é preciso buscar-se a maior equivalência possível entre a mensagem do texto da LO e a do texto na LT, considerando que há dois tipos de equivalência fundamentalmente diferentes: a formal e a dinâmica.

A tradução com base na equivalência formal preocupa-se, geralmente, em aproximar ao máximo, na LT, a mensagem da LO. Assim, seu objetivo é reproduzir, da maneira mais literal e significativa possível, a forma e o conteúdo do original. Isso permite ao leitor identificar-se com uma pessoa do contexto da LO e compreender melhor seus costumes, sua maneira de pensar e de se expressar.

A tradução com base na equivalência dinâmica, por sua vez, pretende que a relação do receptor com a mensagem traduzida seja a mesma do receptor da LO, isto é, a tradução deve ter sobre seu leitor o mesmo efeito que o texto original teve sobre o seu leitor. Trata-se, portanto, de uma tradução que, como tal, deve refletir o significado e a intenção da fonte. Seu objetivo é a naturalidade de expressão, sem a preocupação de fazer o leitor compreender padrões culturais do contexto inerentes ao texto da LO.

Já NEWMARK (1988), ao abordar o problema do ato decisório do tradutor frente ao desafio de dar ênfase à LO ou à LT, reconhece

o valor de que se reveste o princípio do “efeito equivalente”. A propósito, explica que, muitas vezes, esse conceito gera um equívoco em função de não levar em consideração as funções da linguagem presentes em um determinado texto, ou a sua finalidade. Com isso, introduz o conceito de função da linguagem, ou seja, a importância do estabelecimento da finalidade do texto. É de acordo com essa função, que será definido o modelo tradutório, pois, para cada tipo de texto, haverá um modelo de tradução mais adequado. O autor apresenta, então, dois modos extremos de traduzir, que chama de “tradução semântica” e de “tradução comunicativa”.

A tradução semântica realiza-se no nível lingüístico do autor, expressando seu pensamento e evidenciando nuances de significado, ou seja, interpreta. É o modelo tradutório mais indicado para textos de caráter expressivo, como os literários, os discursos, as obras acadêmicas, científicas e filosóficas. Por outro lado, a tradução comunicativa faz-se no nível do leitor, concentrando-se na mensagem, ou seja, explica. É o tipo de tradução mais indicado para textos que exercem a função informativa, como os relatórios técnicos, as teses, e a função vocativa, como os de publicidade.(NEWMARK,1988:46-47).

2.2 A função textual

Nessa perspectiva, a **função textual** assume um papel preponderante para a atividade tradutória. Essa função poderia ser, pois, função expressiva, informativa, vocativa, fática ou metalingüística (NEWMARK,1988:39-44).

Outros autores tratam, também, da importância que assume a função exercida pelo texto. HÖNIG e KUSSMAUL, por exemplo, elaboram seu critério básico para a avaliação qualitativa de uma

tradução, priorizando o critério específico de se preservar do original tanto quanto for necessário para que a função do texto atinja a sua meta, e não o de se preservar o máximo possível do original (*apud* SNELL-HORNBY, 1988:45).

Por sua vez, REISS e VERMEER elaboram a *Skopostheorie*, ou seja, a Teoria de Objetivos, também conhecida como Teoria da Funcionalidade. Por essa via, assinalam o valor de que se revestem os objetivos em todas as traduções. Literalmente, expressam-se eles da seguinte forma: “*Die dominante aller Translation ist deren Zweck*”¹ (*apud* SNELL-HORNBY 1988:46).

A importância da função é salientada por REISS em trabalho de 1971, intitulado *Moeglichkeiten und Grenzen der Uebersetzungskritik. Kagorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Uebersetzungen* (Possibilidades e limites da crítica da tradução. Categorias e critérios para um julgamento objetivo de traduções). Nesse trabalho, a autora desenvolve uma tipologia textual centrada nas funções da linguagem e nas funções comunicativas dominantes no texto, estabelecendo a dimensão da linguagem em cada tipo de texto (*apud* MENDES, 1996: 167-172).

Na sua tese de livre-docência, defendida na Universidade de Mainz, Alemanha, em 1976 – *Texttyp und Uebersetzungsmethode. Der operative Text* (Tipo de texto e método de tradução. O texto operativo) –, cujo objetivo central é estudar a tradução dos textos chamados operativos, essa autora reelabora sua tipologia textual, classificando o texto em três categorias: informativo (cuja função é a de transmitir informações), expressivo (cuja função é a expressão artística) e operativo (cuja função é alterar o comportamento do receptor). REISS entende que, embora tais funções normalmente coexistam num mesmo texto, uma delas é predominante e, por isso, o caráter de um texto é determinado pelas funções determinantes.

¹ O preponderante em todas as traduções é seu objetivo. (Tradução minha.)

Para ela, assim como para NEWMARK, cada tipo de texto exige um método de tradução diferente.

Em relação a *Grande sertão: veredas*, é possível considerá-lo um texto que congrega as três categorias definidas por REISS, com predominância da expressiva e da operativa — sobretudo, da operativa. Esse texto atua, pois, sobre seu receptor, incitando-o à renovação interpretativa contínua, dadas as inúmeras criações lingüísticas de ROSA, que esclarece:

“Meu lema é: a linguagem e a vida são uma coisa só. Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente”. (ROSA, *apud* LORENZ, 1973: 339)

E ainda:

“A língua é o espelho da existência, mas também da alma. Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo”. (ROSA, *apud* LORENZ, 1973:345)

O neologismo é utilizado pelo narrador da estória, o velho sertanejo Riobaldo, que relata suas experiências no sertão a um jovem visitante. A narração de experiências únicas e bastante inusitadas torna-se o pretexto de que o autor precisa para criar, para seu narrador, palavras também inusitadas. Trata-se de um discurso “falado-escrito” que congrega as características do discurso “falado-falado”. WARD em *O discurso oral em Grande sertão: veredas*, comprova a oralidade contida nessa obra, por meio de uma análise lingüística do texto, focalizando as áreas da sintaxe e do discurso, e do exame de uma amostra de discurso oral, recolhida em pesquisa de campo no norte de Minas Gerais.

Desse modo, para a determinação da função e conseqüente escolha do modelo tradutório mais adequado, entende-se ser

prioritário um primoroso entendimento do texto na LO, em termos de sentido e de estilo.

Nessa perspectiva, enfatiza-se, no papel do tradutor, o domínio das duas línguas envolvidas. Conforme explica DELISLE (1980:36), “traduzir consiste em dizer bem, por escrito, dentro de uma língua que a gente sabe muito bem, aquilo que a gente compreende muito bem dentro de uma língua que a gente sabe bem.”

Fica clara, assim, a necessidade de se compreender em profundidade o texto na LO, pois o sentido potencial deste abrange todas as possibilidades de interpretação válidas a partir de elementos do próprio texto e de elementos contextuais, isto é, do mundo e da experiência do autor e do leitor. O sentido potencial do texto projeta, portanto, a compreensão da leitura para muito além da própria página, para uma realidade sociopsicolingüística abrangente.

2.3 A tradução de neologismos

NEWMARK (1988) é um dos poucos autores que trata da tradução de neologismos reconhecendo que a criação lexical é um dos maiores problemas para a tradução de textos não-literários. O autor descreve as várias possibilidades de criação neológica e apresenta as soluções tradutórias para cada caso, que, na maioria das vezes, se referem a textos técnicos.

No entanto ele faz observações relativas a textos literários e afirma que qualquer tipo de neologismo literário deve ser recriado. Salienta, ainda, que o tradutor deve identificar o que há de incomum numa determinada palavra da LO, para reproduzir, no texto da LT, o mesmo aspecto, tão incomum quanto aquele do texto da LO. Se se trata, por exemplo, de um termo derivado, é possível criar-se um neologismo na LT utilizando-se o mesmo morfema da LO, ou um

equivalente. Se se trata de uma criação lexical por processo fonológico, a criação neológica na LT ocorrerá por meio de fonemas que produzam o mesmo efeito que os seus correspondentes na LO. As criações neológicas devem procurar respeitar as regras morfológicas e fonológicas da LT. O autor conclui que a responsabilidade do tradutor reside, basicamente, em perceber que a língua deve expressar o mundo mental e material habitado pelo homem, de forma cuidadosa e, se possível, econômica (NEWMARK, 1988: 143-149).

2.4 O perfil do tradutor

Do exposto, ressalta a necessidade de o tradutor ser não somente **bilíngüe** mas também **bicultural**, uma vez que um texto, na acepção de VERMEER (*apud* SNELL-HORNBY 1988:69), é um *Teil eines Weltkontinuums*, ou seja, uma parte do contínuo do mundo. Propor-se a traduzir neologismos, considerados estranhos ao senso comum — tanto no nível do significante quanto no do significado —, implica, pois, dominar o conhecimento das duas culturas envolvidas, para que se possa transpô-las para os novos cânones propostos pelo autor.

Além disso, para se poder “dizer bem [...] aquilo que a gente compreende muito bem...”, é igualmente indispensável, sobretudo no caso da tradução do neologismo, que o tradutor tenha conhecimentos não só das línguas envolvidas mas também **sobre** essas línguas, ou seja, conhecimentos metalingüísticos. Isso significa que ele deve saber reconhecer, entre outros, os processos de formação de palavras e os diversos registros da língua em questão, enfim, revelar conhecimentos morfológicos, semânticos e estilísticos relativos a ela.

2.5 Uma abordagem integrada da tradução

SNELL-HORNBY (1988), no prefácio ao seu livro, aponta a difícil relação entre a Lingüística e os Estudos da Tradução, especialmente no tocante à tradução literária, salientando que um modelo tradutório centrado somente na Lingüística não poderia ser adotado indiscriminadamente. Argumenta, todavia, que há abordagens e métodos que, originados na Lingüística, foram adaptados com sucesso para a tradução. A autora propõe, então, uma **abordagem integrada** da tradução, resultante da combinação da prática com a teoria tradutória, e liga o texto à cultura. Discute, a propósito, os mais recentes tratamentos da tradução na Alemanha, como os trabalhos dos teóricos HÖNIG e KUSSMAUL, bem como os de REISS e VERMEER, que também a consideram um evento intercultural, um ato comunicativo e não apenas um processo de transcodificação.

Neste estudo, adota-se essa postura de interação da Lingüística com a Literatura, entendendo-se estarem essas duas disciplinas relacionadas na urdidura textual. Ambas são, portanto, passíveis de análise para uma compreensão plena de um texto literário. Dessa forma, acata-se a sugestão de SNELL-HORNBY e, também, a de CALVINO, quando, no ensaio intitulado *Una pietra sopra*, apresenta uma solução para a representação de uma cultura dos tempos atuais, tão divergente em seus discursos específicos. A solução, para este autor, está numa postura de coincidência entre o comportamento científico e o poético, pois ambos são, ao mesmo tempo, comportamentos de pesquisa e planejamento, de descoberta e invenção.

Essa posição justifica-se na medida em que, por um lado, a pesquisa lingüística exige uma metodologia sistemática, de lógica aristotélica, e, por outro, a língua, enquanto objeto de estudo, por

querer dar conta de expressar todos os sentimentos, escapa freqüentemente a essa racionalidade. Assim também ocorre com a literatura: numa perspectiva, acolhe todos os sentimentos e devaneios humanos; noutra, exige, para análise, sistematização e objetividade.

A proposta de CALVINO (1980:84) é esta:

“Già l’atteggiamento scientifico e quello poetico coincidono: entrambi sono atteggiamenti insieme di ricerca e dia progettazione, dia scoperta e di invenzione. La via per rendere una cultura del nostro tempo, altrimenti così divergente nei suoi discorsi specifici, è proprio in questo comune atteggiamento”.²

Na análise dos neologismos, é possível compartilhar plenamente dessa postura de confraternização entre a ciência e a poesia, em função de um prisma lingüístico e literário. A Lingüística, por seu turno, fornece os instrumentos para a explicitação dos processos de criação lexical, permitindo alcançar-se a compreensão plena de seu significado. Os meios de investigação literária, por sua vez, transcendem o aspecto formal e concreto do texto, para ensejar o entendimento dos sentimentos humanos mais profundos, os meandros da alma.

² Já a postura científica e a poética coincidem: ambas são, ao mesmo tempo, posturas de pesquisa e planejamento, de descoberta e invenção. O caminho para apresentar uma cultura de nosso tempo, que, de outra forma, seria tão divergente em seus discursos específicos, reside, justamente, nessa postura coincidente. (Tradução minha.)

CAPÍTULO 3

O modelo tradutório e suas variáveis

Este trabalho pretende fazer uma avaliação da tradução das criações lexicais rosianas na versão italiana de *Grande sertão: veredas*, como proposto na introdução. Para tanto, é necessário dispor-se de um instrumental que seja o modelo a ser seguido. Neste caso, adotou-se o modelo utilizado por MENDES, que resultou de uma análise dos modelos de CATFORD e de VINAY & DARBELNET. O modelo destes é de aplicação mais fácil e mais sistemática do que o daquele, mas não prevê todas as possibilidades tradutórias. Em função disso, MENDES propõe um modelo alternativo de modalidades de tradução, com base nas observações apresentadas por ALVES.(1983:24) e AUBERT (1984:74).

A versão do modelo de VINAY & DARBELNET, reformulada por AUBERT e ALVES e reelaborada por MENDES, assume as seguintes modalidades: 1) omissão; 2) transcrição; 3) empréstimo; 4) decalque; 5) tradução literal; 6) transposição; 7) explicitação; 8) modulação; 9) equivalência; 10) adaptação; 11) recriação; 12) acréscimo.

O modelo de análise proposto por MENDES inclui, também, variáveis para uma avaliação tradutória — a função do neologismo, a compensação, a intraduzibilidade e a estrutura morfológica da LT.

3.1 A função do neologismo

Essa variável diz respeito à função desempenhada pela criação neológica, que não é nem gratuita, nem fortuita, mas fruto, às vezes,

de uma busca extenuante por parte do autor. Declarava ROSA a LORENZ (1973:336): “E também choco meus livros. Uma palavra, uma única palavra ou frase podem me manter ocupado durante horas ou dias”.

Assim, é importante determinar-se a função dos neologismos, já que esta poderá ser preservada, ou não, na tradução, que, por sua vez, poderá ser neológica, ou não. A preservação da função do neologismo na LT, via outros recursos lingüísticos que não a criação neológica, pode ser considerada um fator positivo na avaliação da tradução.

Voltando à análise que considera o texto rosiano, em *Grande sertão: veredas*, predominantemente operativo, entende-se que ele é um somatório de partes menores, cada qual com função também operativa. Essas partes do texto, às quais foi delegada tal tarefa, são, sobretudo, as de domínio lexical. A análise de sua função é, dessa forma, determinante, bem como é especialmente determinante a análise da criação lexical, que, aliada a outros aspectos, vai fazer com que a função do texto se torne operativa.

MENDES (1991:42-44), na sua análise da função desempenhada pelas criações neológicas em *Grande sertão: veredas*, adota a classificação de BASÍLIO (1987), acrescentando-lhe, no entanto, a função estilística. Em seu modelo, BASÍLIO reconhece que a criação lexical exerce as funções semântica e mista. Por função semântica, a autora entende a necessidade de denominação e, por função mista, a de adequação ao discurso e à sintaxe, isto é, de adequação à estrutura sintático-discursiva.

MENDES, no entanto, entende que o neologismo pode ter, além disso, uma função estilística, entendida não só como necessidade estética de criação vocabular mas também como necessidade de adequação a um determinado registro, por exemplo, a uma linguagem coloquial. Na sua opinião, essa pode ser uma função

pura, isto é, a necessidade estilística pode ser a única motivação para a criação lexical, ou coexistir com outras funções. Assim sendo, no modelo que propõe, atribui ao neologismo cinco possíveis funções:

- 1) a estilística pura;
- 2) a mista e estilística;
- 3) a semântica e estilística;
- 4) a semântica;
- 5) a mista.

A **função estilística pura** explica os casos em que a única motivação para a criação lexical se origina de uma necessidade estética ou de adequação a um determinado registro. Esse tipo de criação lexical não atende a uma necessidade de denominação; pode abranger, também os casos em que a língua já dispõe de sinônimo da mesma raiz, mas o autor optou pela criação lexical. Um exemplo de neologismo rosiano que exerce a função estilística pura pode ser observado em:

“... só doido é quem faz isso, ou **jagunz...**” (p.40)³

No lugar desse neologismo, o autor poderia ter utilizado a palavra, já existente, “jagunço”.

No caso da **função mista e estilística**, a motivação para a nova formação lexical advém da necessidade de se expressar uma nova idéia, revelando, também, um traço estilístico marcante, como se vê em:

“Agora ele falasse **grosseado**, com modo de chefe e mando...” (p.202).

³ A edição de referência para toda essa exemplificação é a 18ª. edição, de 1985, da Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

Por **função semântica e estilística**, entende-se a conjugação da necessidade estética de um novo registro lexical com a de denominação, como ocorre em:

“... na **brumalva** daquele falecido amanhecer ...” (p.47)

Já a **função semântica** corresponde diretamente à necessidade de denominação. As criações por empréstimo têm, via de regra, função semântica, pois preenchem uma lacuna semântica na língua. Também as formações por derivação prefixal têm essa função semântica, assim como as por derivação sufixal, caso o sufixo utilizado tenha função semântica. Um exemplo pode comprovado em:

“**Despresiencei**. Aquilo foi um buracão de tempo.” (p. 395).

A **função mista** é assim denominada porque atende a necessidades tanto sintáticas e discursivas quanto de denominação, como se pode observar em:

“...porque os bebelos tinham **espiação**, ou tomado o faro.”(p.212).

Nesse exemplo, há uma nominalização a partir do verbo “espiar”, no sentido de ‘olhar’.

Dos 942 neologismos detectados e analisados por MENDES (1991), na referida obra de Guimarães Rosa, 657 desempenham um tipo de função estilística, a saber: 387 têm função estilística pura; 141, função mista e estilística; e 129, função semântica e estilística. Esse conjunto representa uma porcentagem de 69,639% do total de neologismos considerados na pesquisa realizada.

Por outro lado, do total de 942 neologismos estudados, somente 177 desempenham a função mista, enquanto 108 se

caracterizam pela função semântica, constituindo, juntos, apenas 30,360% desse *corpus*, segundo a autora (1991:103).

MENDES entende que, na tradução, considerando-se as cinco funções discriminadas, pelo menos a função estilística deveria ser respeitada e preservada. Portanto, incluí-a, em seu trabalho, como uma variável sujeita a avaliação.

O termo *estilística* é entendido, no presente estudo, com a acepção que lhe dá BALLY (*apud* Dubois *et al.*, 1989:287):

“Estudo dos fatos de expressão da linguagem organizada do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, expressão dos fatos da sensibilidade pela linguagem e ação dos fatos de linguagem sobre a sensibilidade.”

Quanto à linguagem, o próprio ROSA confirma, freqüentes vezes, a importância que também lhe atribui. De fato, ao manifestar-se sobre o ato de escrever, ele salienta o valor da forma de se expressar, forma que imprime a marca única do autor:

“Mas ainda mais importante para mim é o outro aspecto, o aspecto metafísico da língua que faz com que minha linguagem antes de tudo seja minha. [...] Meu lema é: a linguagem e vida são uma coisa só; quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente.”
(ROSA, *apud* LORENZ, 1973:339)

ASSIM, ROSA cria diversos neologismos, motivados, mais freqüentemente, por razões estilísticas.

Na versão italiana, BIZZARRI não descuida do aspecto estilístico e é justamente por querer imprimir a marca rosiana ao texto italiano que ele, por sua vez, também cria neologismos. A oralidade, tão marcante em *Grande sertão: veredas* é igualmente mantida pelo tradutor, em prejuízo, às vezes, da morfossintaxe;

contudo ele cria um estilo próprio que, aderindo ao estilo rosiano, o permeia, penetra e reproduz.

Tanto em relação a ROSA quanto a BIZZARRI, parece legítimo pensar-se que se trata de um exercício de retórica. A noção de retórica não é considerada, neste estudo, com o significado a ela conferido no século XVII — quando implicava um cuidado exagerado com a forma, que resultava em obras fátuas, recheadas de ociosas banalidades — , mas deve ser entendida à luz da avaliação que vem sendo feita há algumas décadas, isto é, como forma de atender às atuais exigências expressivas, portanto mais apropriada ao aspecto pragmático da língua (MORETTI, 1994:642). Trata-se, portanto, da busca de uma formação lingüística apta a construir um discurso oral persuasivo e convincente. Para isso, não só o autor mas também o tradutor lançam mão dos recursos lingüísticos à sua disposição e fazem uso de figuras de pensamento, como a antítese, a exclamação, a interrogação, o oximoro e a reticência, entre outros. Utilizam, também, figuras de palavra, como a aférese, a aliteração, o anacoluto, a antonomásia, a apócope, o hipérbato, a metáfora, a metátese, a onomatopéia, a perífrase, a prosopopéia, a síncope e outras. Como se vê, os recursos utilizados por ROSA para expressar sua visão de mundo e seus sentimentos — e, conseqüentemente, por BIZZARRI, para traduzi-los — são inúmeros. Mesmo assim, o autor imprime seu caráter e seu gênio, principalmente por intermédio de um repertório lexical inédito.

Por essa via, os pretensos “desvios” da língua configuram-se como concretização das potencialidade do sistema lingüístico. Nesse sentido, adquire pertinência a conclusão a que chega COSERIU (1982:146): a língua poética deve ser concebida como a materialização da plena funcionalidade da língua, razão por que “a poesia (a ‘literatura’ como arte) é o lugar do desenvolvimento, da plenitude funcional da linguagem”. Dessa forma, o estudo da língua

literária constitui, sob o ponto de vista científico e didático, um instrumento privilegiado para o conhecimento das potencialidades de uma língua.

3.2 A compensação

A **compensação** é definida por VINAY & DARBELNET, no glossário de termos técnicos de sua obra, como “um procedimento estilístico que visa a manter o tom do conjunto, restabelecendo, em outro ponto do enunciado, aquela nuance que não foi possível representar na mesma passagem do original.”⁴

MENDES entende que, não lhe sendo possível ou não querendo o tradutor recriar determinados neologismos, poderá ele valer-se da modalidade da compensação, no que diz respeito, pelo menos, aos neologismos que desempenham função estilística, de forma a preservar, mesmo que parcialmente, as características estilísticas do texto original.

Os neologismos criados por BIZZARRI que não correspondem a formações neológicas no texto de ROSA, não constituem objeto de análise neste estudo, mas merecem algumas considerações, que se desenvolvem a seguir.

3.3 A intraduzibilidade

Quanto ao problema da **intraduzibilidade**, este é antigo e tratado praticamente por todos os teóricos da tradução. MENDES, em seu trabalho, alerta sobre a necessidade de saber-se distinguir a intraduzibilidade restrita da dificuldade tradutória e lembra que, sendo possível traduzir-se, mesmo que por meio de outras

⁴ “Procedé stylistique qui vise à garder la tonalité de l’ensemble en rétablissant sur un autre point de l’énoncé la nuance qui n’a pu être rendue au même endroit que dans l’original.” (VINAY & DARBELNET, 1960:6)

modalidades, como a adaptação, não se pode pensar em intraduzibilidade. Nesta dissertação, compartilha-se essa postura, acrescida da idéia de SCHNAIDERMAN (1996:24), que, no artigo “Os limites da traduzibilidade”, afirma:

“... chego à conclusão de que os limites da tradução são única e exclusivamente os limites da competência do tradutor, desde que não se considerem fatores contingentes como tempo disponível, possibilidades de reflexão etc.”

3.4 A estrutura morfológica da língua de tradução (LT)

Quanto à estrutura morfológica da LT, sua inclusão como variável na avaliação é necessária, uma vez que, para se estabelecer a correspondência comunicativa entre os dois textos, — o original e o traduzido —, é importante saber-se como a língua receptora pode acolher a nova realidade lingüística.

Seguem-se observações relativas à morfologia da língua italiana e exemplos de criação lexical, nessa mesma língua.

CAPÍTULO 4

A morfologia da língua italiana

4.1 Os processos de formação lexical

A morfologia da língua italiana, nos mesmos moldes da portuguesa, pode ser resumida em dois grandes conjuntos: o das Regras de Formação de Palavras e o das Regras de Flexão.

Ao primeiro conjunto pertencem a composição e a derivação, que pode ser subdividida em prefixação e sufixação. O processo de formação de palavras por sufixação é bastante produtivo e, por meio dele, é freqüente a formação de palavras novas a partir de outras categorias lexicais (como substantivos e adjetivos), com exceção das preposições. O sufixos da língua italiana têm muitas formas combinatórias, respeitando-se as restrições advindas da base.

A morfologia da língua italiana, assim como a da língua portuguesa, é do tipo aglutinativo, incluindo uma vasta série de sufixos nominalizadores, como *-ura*, *-zione*, *-mento*, *-ata*, *-a*, *-enza/-anza*, *-ío*, e diversos sufixos formadores de nomes indicando agente, como *-ore*, *-ante*, *-ino*, *-one*.

Utiliza, também, e com freqüência, o processo de formação lexical por parassíntese. O único processo não-aglutinativo que admite, mesmo assim muito produtivo, é o da conversão, processo pelo qual a base muda de categoria sem que se precise acrescentar-lhe um afixo, como em *discutere / il discutere*.

Na formação lexical por derivação pela união dos constituintes, é possível criarem-se seqüências que precisam de

reajustes. Nesses casos, trata-se, na maioria das vezes, de regras de apagamento e de alomorfia.

No segundo conjunto de regras de formação de palavras, as Regras de Flexão possuem uma natureza diferente. Geralmente, acrescentam à palavra-base, sem lhe alterar a categoria lexical, informações relativas a gênero, número, tempo, caso, modo, voz e aspecto. Assim, enquanto os processos derivacionais geram uma palavra nova, os de flexão imprimem mudanças nas informações gramaticais da palavra original.

Em função disso, neste estudo, não será analisada a flexão, uma vez que ele se propõe a avaliar o processo de criação de neologismos. No entanto, nos casos em que a flexão incidir, de alguma forma, nos aspectos semântico-estilísticos do texto, ela será devidamente tratada.

São exemplos de flexão, entre outros, *consapeva* — “consabia” em português, — cujo sufixo *-eva* informa sobre o tempo verbal, e *colombando* — “colombinhando” em português, — cujo sufixo *-ando* informa sobre o aspecto da ação expressa pelo verbo.

SCALISE interpreta o uso do particípio passado na categoria de adjetivo como o resultado de dois processos: o primeiro por regra de flexão (de tempo) e o segundo por processo derivacional e sufixação zero. É exemplo disso: *Sandro è determinato*, — em português: “Sandro é determinado (resoluto)”

Convém lembrar que as regras morfológicas da língua italiana, aqui sucintamente apresentadas, se referem apenas aos fenômenos passíveis de formalização.

Segue-se um lista de processos de criação lexical em italiano, com base na proposta de classificação dos processos neológicos do português adotada por MENDES e em consonância com os processos morfológicos da língua italiana contemplados por SCALISE (1994)⁵.

⁵ Todos os exemplos são meus.

1. Derivação

1.1 Prefixação

Exemplos:

inattivo [[in] +attivo] - ‘inativo’

riscrivere [[ri] +scrivere] - ‘reescrever’

1.2 Sufixação

Exemplos:

farmacista [[farmac(ia)]+ista] - ‘farmacêutico’

invernale [[invern(o)+ale] - ‘invernal’

accordo [[accord(are)] + o] - ‘acordo’

V Suf. S

Accordo é considerado por SCALISE (1994:274-275) como exemplo de derivação sufixal, enquanto, no modelo adotado por MENDES, constitui um caso de derivação regressiva.

Segundo SCALISE, essa modalidade de formação lexical é, muitas vezes, avaliada como sufixação zero. Nesse caso, o autor considera diversas hipóteses de análise e opta pela hipótese da derivação sufixal com sufixo nominal.

Exemplos:

[[bonific(are) a] + a] = bonifica - ‘saneamento’ em português.

Derivação sufixal a partir do tema verbal com sufixo nominal e apagamento da vogal verbal /a/.

[[accord(are)a] + o] = accordo / ‘acordo’ em português. Derivação sufixal a partir do tema verbal com sufixo nominal e apagamento da vogal verbal /a/.

Na análise de ROCHA (1996), há vários exemplos, em português, desse tipo de processo, entre os quais “patrulha” e “agito”. O autor observa que a nominalização pode efetuar-se com

sufixo implícito zero, mas pode, também, ser efetuada com sufixos explícitos, como *-mento*, *-ção* e outros, conforme se pode comprovar em “patrulhamento” e “agitação”. A propósito, afirma:

“Há, sim, o sufixo zero, razão por que os casos estudados no presente item devem ser enquadrados como derivação sufixal, ou se quisermos, como derivação sufixal zero ou, implícita (em face da derivação sufixal explícita). Em face do exposto, não faz sentido falar-se em derivação regressiva.” (ROCHA, 1996: 114-115)

Nesse caso, ROCHA afasta-se da posição de ALVES (1990:71), que trata esse tipo de formação lexical como derivação regressiva, do modelo adotado por MENDES e, também, das gramáticas tradicionais de língua portuguesa. SCALISE concorda com ROCHA ao tratar esses casos como derivação sufixal, mas não a considera derivação sufixal zero, mas, sim, derivação sufixal com sufixo nominal. A hipótese de derivação sufixal zero, o autor reserva-a para o particípio passado de um verbo usado com função de adjetivo.

Essas observações têm o objetivo de apontar as diferentes posturas assumidas por lingüistas diversos.

No âmbito deste trabalho, adota-se a postura de SCALISE, visto estar-se seguindo seu modelo de possibilidade de formação lexical em italiano e não se pretender entrar no mérito da questão.

1.2.1 Sufixação por meio de sufixo intermediário ou infixos

Exemplos:

artístico [[[art(e)] +ist] +ico] - ‘artístico’

storicista [[[stor(ia)] +ic] +ista] - ‘historiador’

O modelo adotado por MENDES não avalia esse processo de formação lexical.

1.3 Parassíntese

Exemplos:

sfacciato [[[s]+facci(a)]+ato] - ‘descarado’, ‘atrevido’

ingrandire [[[in]+grand(e)] +ire] - ‘engrandecer’

2. Composição

Exemplo:

capostazione [[capo]+stazione] - ‘chefe de estação’

manoscritto [[mano]+scritto] - ‘manuscrito’

2.1 Processo misto de composição e derivação sufixal

Exemplos:

malavitoso [[[mala]+vit(a)]+-oso] - ‘aquele que conduz uma má vida’

Os exemplos que se seguem são classificados por SCALISE como pertencentes a uma morfologia dita “menor”, por se tratar de processos de formação de palavra esporádicos e não previsíveis.

3. Aglutinação

Exemplos:

lastrico [l'+astrico] - ‘pavimentação’

4. Criação onomatopaica

Exemplos:

bau bau - ‘latido do cachorro’

blablà - ‘blablablá’

5. criação “ex nihilo”

Exemplos:

OMO - ‘marca de sabão em pó’

FLIK FLAK - ‘marca de relógio infantil’

6. Criação a partir de siglas

Exemplos:

SIP (Società Italiana per l'esercizio telefonico) - 'TELEMIG'

CAP (Codice di Avviamento Postale) - 'CEP'

6.1 Expansão de sigla lexicalizada

Exemplos:

missino < MSI (Movimento Sociale Italiano) - participante do Movimento Social Italiano

democristiano < (dc) - 'democrático cristão'

7. Criação por redução

Exemplos:

frigo < frigorifero - 'geladeira'

foto < fotografia - 'fotografia'

7.1 Expansão da redução

Exemplos:

autoparco < [[auto(mobile)]+ parco] - 'estacionamento'

teleabbonato < [[tele(visione)]+abbonato] - 'assinante televisivo'

8. Criação por empréstimo

Exemplos:

briefing (inglês) - 'reunião rápida para passar informações e/ou dar ordens'

tanga (português) - 'tanga'

8.1 Expansão do empréstimo

Exemplos:

sponsorizzare < [[sponsor]+izzare] - 'patrocinar'

jeanseria < [[jeans]+eria] - 'loja que vende jeans'

9. Redobro

Exemplos:

zinzino - 'pequena porção de bebida ou comida'

Gigi - 'expressão hipocorística de *Luigi* (Luís)'

10. Cruzamento de palavras

Exemplos:

polfer [[pol(izia)] + fer(roviaria)] - 'polícia rodoviária'

Esse quadro ilustra as possibilidades de formação lexical em italiano, com base no modelo apresentado por MENDES (1991), incorporando, ainda, as contribuições de ROCHA (1996), para a língua portuguesa, e de SCALISE (1994), para a língua italiana. Pode-se concluir que os três autores tratam amplamente do assunto e enfocam praticamente os mesmos processos de formação lexical, nas duas línguas em questão. Todos abordam, também, os problemas das condições de produtividade, das restrições e do bloqueio, tratados pela morfologia derivacional. Na comparação dos três estudos, observa-se que as RFP's e as restrições a elas apresentam a mesma complexidade tanto na língua italiana quanto na língua portuguesa.

Considerando-se o exposto, parece claro que há uma correspondência muito grande entre os processos morfológicos dessas duas línguas. Assim sendo, de forma que o tradutor italiano, ao se deparar com um neologismo na língua portuguesa, teria amplos recursos morfológicos para, caso fosse esta sua opção, criar uma nova forma lexical também na LT.

Da mesma forma, parece viável imaginar-se que a adoção dos processos rosianos — PR seria possível na língua italiana, mesmo vindo a constituir uma formação lexical não prevista pelas RFP's dessa língua.

Seguem-se 20 exemplos de formação lexical em italiano, selecionados *do corpus* deste estudo, com sua respectiva análise e o texto correspondente na LO. A apresentação dessa amostra visa a elucidar algumas das escolhas do tradutor quanto à formação lexical, tendo em vista as funções exercidas pelos neologismos correspondentes na LO.

4.2 Análise morfológica de 20 criações lexicais em italiano, a partir da tradução de neologismos rosianos

Na apresentação de cada caso, tomaram-se os seguintes cuidados:

- 1) Precedendo cada exemplo, destaca-se o processo de criação lexical nele caracterizado.
- 2) À sigla indicadora do processo segue-se a criação lexical em italiano, com sua estrutura devidamente explicada e visualizada.
- 3) Ao lado do exemplo, tanto em italiano quanto em português, indica-se a página em que ele aparece nas respectivas obras.
- 4) Ao lado do neologismo, em português, é indicada, ainda, a função que ele exerce na versão original, com base na análise de MENDES (1991).

Quando o processo de criação lexical resulta em verbo conjugado, este é apresentado na forma flexionada, uma vez que o morfema flexional pode expressar as noções de tempo e modo, pessoa e número. Em vista disso, considera-se que a flexão não apresenta neutralidade semântica, sendo esses dados importantes para o objetivo deste trabalho, que é de análise tradutória.

A propósito, convém lembrar que o texto de *Grande sertão: veredas*, em português, é o da 18^a edição, de 1985, da Nova Fronteira, Rio de Janeiro; quanto à obra em italiano, que ganha o

título de *Grande sertão*, os exemplos foram retirados da 4ª edição, de 1990, da Feltrinelli, Milano.

Legenda

Abreviaturas dos processos de criação lexical

CP	⇒ Composição
DPR	⇒ Derivação prefixal
DSU	⇒ Derivação sufixal
EMP	⇒ Empréstimo
EXP EMP	⇒ Expansão de empréstimo
ONO	⇒ Onomatopéia
PARAS	⇒ Parassíntese
PR	⇒ Processo rosiano
REDR	⇒ Redobro
REDUÇÃO	⇒ Redução

Abreviaturas das funções

FEP	⇒ função estilística pura
FME	⇒ função mista e estilística
FSE	⇒ função semântica e estilística
FS	⇒ função semântica
FM	⇒ função mista

Abreviaturas das categorias gramaticais

Adj.	⇒ adjetivo
Adv.	⇒ advérbio
Art.	⇒ artigo
Pref.	⇒ prefixo
S	⇒ substantivo
Suf.	⇒ sufixo
V	⇒ verbo

DSU1) **avareggiava**

[[[avar(o)] + eggiare]+ ava]

A V Suf. vogal temática e morfema flexional

“Oggi riconosco che a suo modo il mio padrino fece molto per me, lui che aveva coltivato un amore protettivo per il suo denaro, e che tanto **avareggiava**.” (p. 97)

“Hoje é que reconheço a forma do que meu Padrinho muito fez por mim, ele que criara amparado amor ao dinheiro, e que tanto **avarava**.” - FM (p.107)

É importante salientar que BIZZARRI poderia ter optado pela criação neológica com o simples sufixo *-are*, resultando no verbo *avarare*. Preferiu, no entanto, adotar o sufixo *-eggiare*, que forma verbos cujo significado é o mesmo da base da qual derivam e que, certamente, produz um efeito muito mais eufônico, indo de encontro às expectativas estilísticas do próprio ROSA.

DSU2) **indiavolabile**

[[[indiavola(re)]+ bile]

V Suf. Adv.

“Diadorim, pareva effeminato, ma **indiavolabile** sempre così, come io adesso ero contento di vedere.” (p. 351)

“Diadorim, semelhasse maninel, mas **diabrável** sempre assim, como eu agora eu estava contente de ver.” - FM (p.400)

A formação lexical do neologismo em italiano tem como base o verbo *indiavolare* que significa ‘endiabrar’ em português. Segue-se o sufixo *-bile*, que corresponde a “-ável”, em português, sufixo

que, em ambas as línguas, ao se justapor a um verbo, faz com que a coisa ou a pessoa à qual este verbo se refere possa adquirir o atributo expresso pelo próprio verbo.

DSU

3) prostitutrice

[[prostitu(ta)] + trice]

S Suf. S

“Ma mi piaceva anche Gnorigná la senza meschinerie, formosa per tutti, dalla veste color di limone, **prostitutrice**.” (p.311)

“Igual gostava de Nhorinhá — sem mesquinhice, para todos formosa, de saia cor-de-limão, **prostitutriz**.” - FEP (p. 352)

Em sua análise, MENDES avalia essa formação lexical como resultado de um cruzamento de “prostituta” com “meretriz”. Essa possibilidade seria viável, também, para a análise do neologismo italiano *prostitutrice*, que resultaria do cruzamento de *prostituta* com *meretrice*. Considerando-se, no entanto, que, na LT, o sufixo *-trice* é altamente produtivo e regular, é indicativo de agente feminino — como em *attrice* (‘atriz’), *direttrice* (‘diretora’), *produttrice* (‘produtora’), portanto adequado semanticamente —, e também é a terminação de uma palavra que tem o mesmo significado da base *prostituta*, prefere-se adotar a hipótese de formação de palavra por DSU.

Em português, o processo de formação lexical por cruzamento de palavra é uma hipótese mais forte, uma vez que o sufixo *-triz* não é de uso tão regular quanto em italiano.

DSU

4) disvelo

[[disvel(are)a] + o]

V Suf. S

“Ma, il passarinho de bilo nel **disvelo** del mattino...” (p.26)

“Mas, passarinho de bilo no **desvéu** da madrugada...” - FSE/PR6
(p.26)

Formação lexical por derivação sufixal com sufixo nominal *-o*. O verbo *disvelare*, significa ‘desvendar’, é de uso arcaico e literário em italiano, portanto de baixa frequência de uso. Cumpre seu papel de neologismo, nesse caso, uma vez que cria um certo estranhamento no leitor e atende, também, à função semântica de denominação e estilística de um novo registro.

CP

Uma observação necessária: em italiano, as palavras criadas por composição são grafadas de três maneiras: podem constituir uma única palavra, como em *portalettere*, ‘carteiro’; podem manter separadas as palavras componentes, como em *scuola bus*, ‘ônibus-escola’; ou podem ser grafadas com hífen, como em *verde-bottiglia*, ‘verde-garrafa’.

Neste estudo, avalia-se a ocorrência de criações lexicais por composição sem se considerar a representação gráfica, a não ser nos casos esta venha a ter relevância fonológica.

5) Chiaracque

[[chiar(e)]+acque]

Adj. S S

“Molto gradevole. **Chiaracque**, fonti...” (p. 26)

“Muito delectável. **Claráguas**, fontes...” - FSE (p. 26)

Nesse caso, o processo de criação lexical é idêntico ao do português.

CP**6) vivala legge**

[[viva] + la]+legge]]

V art. S S

“Non faccia **vivala legge** in me...” - PR15 (p.67)“Não faz **vivalei** em mim não ...” - FSE (p.72)

Esse neologismo é constituído por composição, tanto em português quanto em italiano. Em português, o artigo feminino “a” é assimilado fonologicamente, reproduzindo, na escrita, a expressão oral. O tradutor italiano reconhece esse processo de apagamento do artigo; recupera-o, introduzido-o entre *viva* e *legge*.

REDR**7) cincinguettava**

[[cin]+ci]+cinguettava]

[-a]vogal temática

[-va] morfema flexional

V V

“E c’era lo *xem-xem*, che **cin-ci-cinguettava** al mattino svolazzando...”

(p.26)

“E tinha o *xenxém*, que **tintipiava** de manhã no revoredo...” - FEP

(p.26)

Analisa-se esse processo de criação lexical como redobro de parte da base, *cinguettare*, que não é neológica, mas, sim, a tradução de “piar”. Essa escolha tradutória, além de adequada,

garante a manutenção do som africado pós-palatal surdo do português .

Em italiano, a criação lexical por redobro, que, com base no modelo adotado por MENDES, é um processo estilístico que envolve significante e significado, garante, também na LT, a manutenção da função estilística.

8) ONO

“E i grilli con il loro scirilin. ” (p. 99)

“E os grilos no chirilim.” - ONO/FEP/MTD (p.109)

Essa formação lexical é onomatopaica, com decalque no modelo português. Observa-se uma adequação ao sistema gráfico italiano, já que a grande maioria das palavras italianas termina em vogal (com exceção dos empréstimos e das onomatopéias) e somente as consoantes /r/ e /n/ podem ocupar essa posição final. A alteração gráfica em relação ao português atende a essa norma e, ainda, mantém, na LT, o som inicial fricativo alveopalatal surdo da LO .

Em todos os outros casos de formações lexicais constituídas por processo onomatopaico, o tradutor baseia-se no modelo da LO, efetuando, no entanto, pequenas alterações fonéticas como em “xaxaxo” (som fricativo pós-palatal surdo), que, na LT, se torna *ciá-ciá-ciò* (som africado pós-palatal surdo).

PR6

9) lunona

[[luna] +-ona]

S Suf. S

“Bella è la luna, **lunona**, che torna a uscire dalle nuvole, ...” -

PR 6 (p.63)

“Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens, ...” -
FME/PR1 (p. 68)

O sufixo aumentativo *-ona*, formador desse neologismo, não é utilizado de acordo com o que reza a gramática normativa da língua italiana, que prevê seu emprego apenas com os substantivos femininos flexionais que têm um substantivo masculino flexional correspondente, como em *bambino/bambina* (‘menino’ / ‘menina’) cujo aumentativo é, então, *bambinone/bambinona*. Nesse caso, configura-se, portanto, um exemplo de PR6. No caso do substantivo *luna*, utilizado como base, deve-se formar o aumentativo com sufixo *-one*, resultando em *lunone*. A opção do tradutor vai de encontro a uma tendência oral da língua, que, se, de um lado, é pouco adequada a um texto de uma obra literária, do outro, reproduz o discurso que caracteriza a fala de Riobaldo. O neologismo “lualã”, conforme analisa MENDES (1991:53), tem função mista e estilística. Tal função é preservada, na tradução, pelo tipo da escolha dos constituintes da nova formação lexical.

PR11

10) vaivieni

[[vai] + vieni]

V V S

“...la maggiore combriccola di *jagunços* regnante nei **vaivieni** di quei *sertões* dei Gerais.” - PR 11 (p. 273)

“...a jagunçada maior reinante no **vezvez** desses gerais sertões.”
- FEP (p.308)

Em italiano, há formação lexical a partir do modelo *andirivieni*, composição do verbo *andare* e *rivenire*, ‘ir’ e ‘vir de

novo' em português. Trata-se, portanto, de criação lexical por PR 11. Nessa nova criação lexical, a forma infinitiva do verbo *andare* é substituída pela forma flexionada na 2^a pessoa singular do presente do modo indicativo, resultando em *vai*, acrescida de *vieni* de acordo com o modelo em que se baseia.

PR11

11) *tutt'occhi*

[[*tutt(o)*] + *occhi*]

“Il caimano cova — *tutt'occhi*, rugoso di fanghiglia, fissando brutto la gente...” - PR 11 (p.29)

“Jacaré choca — *olhalhão*, crespido do lamal, feio mirando na gente.” - FME/PR 6 (p.29)

Essa formação lexical pode ser classificada, na língua italiana, como uma criação com base em analogia com um único modelo lexical, correspondendo a PR 11. Nesse caso, o termo *tutt'occhi* inspira-se no termo *tutt'orecchi*, que equivale a ‘todo ouvidos’, em português.

O sufixo aumentativo *-ão* do português encontra seu equivalente no termo italiano *tutto*, ‘todo’.

PR11

12) *palma veliera*

“...dove solo mancava il *burití*: *palma veliera* - lungo le *veredas*.” - PR 11 (p. 415)

“...onde só faltava o *buriti*: *palmeira alalã* - pelas *veredas*.”
- FME/PR (p. 476)

Essa formação lexical, que, em português, é constituída por PR1, pode ser considerada, na língua italiana, como tradução por PR11, criação lexical com base em analogia com um único modelo lexical. O termo *palma veliera* inspira-se em *nave veliera*, que significa “nave a vela” em português. O tradutor italiano descreve a palmeira pela forma de sua folha que é espalmada e larga como a vela de um navio. Entende-se, inicialmente, que ROSA descreve a palmeira retomando a idéia de esta crescer em fileiras, formando alas. Haveria, contudo, uma outra interpretação do neologismo “alalã”: este poderia remeter ao latim *ala*, ‘asa’ em português, sugerindo a idéia de as folhas das palmeiras lembrarem asas ao se balançarem. Associando-se à *palma veliera*, essa interpretação parece possível; no entanto, é pouco provável que o leitor comum estabeleça a relação com o termo latino, o que torna a referência opaca.

PR15

13) sigridando

[[si]+ gridando]

V V

“Infine, il *birro* e lo *sgricciolo sigridando*.” - PR 15 (p. 261)

“A fim, o *birro* e o *garrixo sigritando*.” - FSE (p. 294)

A função desse neologismo, em português, é semântica e estilística, portanto há, no caso, ao mesmo tempo, uma implicação semântica e uma necessidade estética. Entende-se que essa criação lexical pretende salientar o ato dos pássaros “gritando um para o outro, entre si”. Com base nessa interpretação, pode-se avaliar que o termo *si-*, em italiano, cumpre seu papel semântico, porque tem função reflexiva. Como se encontra deslocado, no começo da palavra — quando deveria estar no fim —, constitui-se num afixo

inusitado, resultando, assim em um caso de PR 15. O verbo *gridare*, em italiano, corresponde a ‘gritar’ em português.

PR16

14) *sdilinguandosi*

[[s] + di] + lingu(a)] + a(re) + ndosi]

pref. pref. S V morfema flexional [-si] reflexivo V

“...là affondò quasi tutta una mandria, e marcí: di notte, dopo, si poté vedere, disteso lí sopra il bragume, **sdilinguandosi** al vento, e perseguendo tutto, un milione di fiamme azzurre...” - PR 16 (p. 64)

“... lá se afundou uma boiada quase inteira, que apodreceu; em noites, depois, deu para se ver, deitado a fora, se **deslambendo** em vento, do cafofo, e perseguindo tudo, um milhão de lavareda azul...” - FEP/PR4 (p. 69)

A análise dessa formação lexical passou por duas hipóteses, pois, inicialmente, havia uma incerteza quanto à função exercida pelo prefixo “des-” em português.

Pela primeira hipótese, entende-se que BIZZARRI utiliza o processo de formação lexical por PARAS, com o prefixo *dis-* e o sufixo *-are*, constituindo o verbo *sdilinguare*. O prefixo *dis-*, submetido a uma decomposição fonética, resultaria num novo prefixo *sdi-*. A passagem de *dis-* para *sdi-* constitui, segundo ROHLFS (1969:351), um fenômeno do italiano antigo, dos dialetos romanesco meridional e das regiões de Abruzzo e da Calabria.

A segunda hipótese consiste em atribuir ao /s/ a função de movimento, como em *sventolare*, palavra formada pela base *vento*, à qual se somam o sufixo *-(a)re* e o prefixo *s-*, que, nesse caso, indica

uma ação repetitiva de vaivém. O prefixo *s-*, com essa carga semântica, é também usado em outras formações do italiano, como, por exemplo, no verbo *scambiare*.

A diferença entre *cambiare* e *scambiare* (traduzidos ambos como “trocar” em português) consiste, justamente, no fato de que *cambiare* indica um movimento de troca único, feito uma única vez; já *scambiare* indica a mesma ação repetida, mas com um sentido de ida e volta duradouro. Veja-se, por exemplo, a diferença de uso desses verbos em expressões como:

- 1) *cambiare dei dollari* (trocar dólares), ação única, que se processa numa só direção;
- 2) *scambiare due parole* (trocar umas palavras), ação que se repete, duradoura, que vai e vem.

Esse efeito de vaivém, como se pode observar neste último exemplo, é determinado exclusivamente pelo prefixo *s-*, que, além disso, quando é formador de um verbo a partir de outro, adquire função de intensificador.

Por sua vez, o prefixo *di-* é utilizado para formar verbos derivados de substantivos e adjetivos com valor intensivo, como em *divorare* ‘devorar’.

Em função da análise de GALERY (1969:61), que atribui valor intensivo ao prefixo “des-” em “deslambendo”, sem qualquer vestígio negativo, confirma-se a segunda hipótese de análise, ou seja, a de dois prefixos com função de movimento e intensidade.

Na tradução de “deslambendo”, BIZZARRI cria um neologismo em que a base é alterada: em português, o prefixo é adicionado a “lamber” e, em italiano, os prefixos são adicionados a *língua*. A tradução de “lamber”, em italiano, é *leccare*. A opção pela base

lingua produz dois efeitos positivos: em primeiro lugar, cria uma maior proximidade fonética com o “lamber” do português, preservando o som nasal e o número de sílabas; em segundo, remete à expressão *lingua di fuoco*, ‘língua de fogo’, que tem maior ligação semântica com o sujeito *un milione di fiamme azzurre*, ‘um milhão de lavareda azul’. Há de se notar, também, a manutenção, na LT, dos fonema /l/ e do som nasal /n/.

A escolha, no italiano, de prefixos intensivos como recurso enfático, uma das características do estilo de ROSA, indica o reconhecimento da função do neologismo e preserva o estilo do autor.

ONO

15) “...aspettai il **pispiuiu** di qualche altra pallottola...” - FEP (p.275)

“... eu esperei o **pispiuiu** de alguma outra bala, ...” (p.311)

Nesse exemplo, há uma formação lexical por empréstimo, verificando-se, portanto, coincidência entre significante e significado nas duas línguas. Não existem problemas de compreensão, uma vez que o significante, em português, foi criado por processo onomatopaico.

EXP/EMP

16) **farfagliare**

“Cosa è che dice il **farfagliare** delle foglie?” (p.259)

“Que é que diz o **farfal** das folhas?” - FEP (p.292)

A criação lexical, em português, tem função estilística pura. Esse neologismo encerra uma intenção onomatopaica — a de

expressar o barulho das folhas movidas pelo vento. A sonoridade obtida pela aliteração do som fricativo /f/ em “farfalhar das folhas” é retomada, na tradução italiana, com *farfagliare delle foglie*. Entende-se que o tradutor adota o termo “farfal” do português e o expande por derivação sufixal, criando *farfagliare*, que, em seguida, é substantivado. Em italiano, seria também possível formar *farfaglio*, mais próximo do português “farfal”, resultando em *il farfaglio delle foglie*. Entende-se, no entanto, que a expressão assim formada seria menos eufônica por causa da repetição tão próxima dos sons palatais laterais. Isso não acontece com *farfagliare*, que tem uma sílaba a mais, graças ao sufixo *-are*, o que implica, portanto, um alongamento do termo e um distanciamento maior entre os sons laterais.

DPR

17) *svolata*

“Perché proprio in quel momento, accadde che si ebbe, lì avanti, una *svolata* di formiche alate, che per la loro grande quantità, sciamanti, fu cosa molto dura, per me una cosa mai vista: in righe, riempivano l’aria ronzando, per poi cadere, ché la loro legge è quella, per il peso della parte dietro del corpo così panciuta, ovalata, insettone maturo, e loro non resitevano l’arco del volo...” (p.436)

“Qual que, na hora, deu de dar, diante, um *desvão* de tanajuras, que pelas grandes quantidades delas, desabelhadas, foi coisa muito valente, para mim foi o visto nunca visto: em riscos, zunindo como enchiam o ar, caintes então, porque a lei delas é essa, como porque o corpo traseiro pesa tão bojudo, ovado, bichão maduro, elas não aguentam o arco de voar...” - FS (p.499)

Há duas hipóteses de análise para esse caso.

1) [[s] + volata] - **DPR**

pref. S S

2) [[svolare] + at(o)a] **DSU**

V Suf. S

Nas duas, o significante, em italiano, é idêntico; no entanto uma avaliação diferente quanto à formação morfológica vai implicar uma análise semântica também diferente. Antes de definir qual é a formação lexical provavelmente escolhida pelo tradutor e, conseqüentemente, sua função semântica, torna-se necessário entender o significado de “desvão”, em português.

Conforme a análise de GALERY (1969:62), o prefixo “des-”, nesse caso, poderia ter duas interpretações. A primeira seria a de cruzamento entre o prefixo “de-”, que exprime a idéia de ‘lugar de onde’, ponto de partida, e o prefixo “des-”, cujo sentido específico é ‘voar de cima para baixo’, de acordo com o próprio contexto. A outra é a de que “talvez seja também possível interpretar, aqui, o *des-* como tendo valor de negação, pois se descreve uma queda de tanajuras, e a queda é, de certo modo, o contrário do vôo”.

Neste estudo, acata-se esta segunda interpretação, pela qual se entende que as formigas voadoras, num vôo desgovernado, estavam caindo em grandes quantidades.

A primeira hipótese de análise morfológica, em italiano, considera que *svolata* tem como base o substantivo *volata*, em português ‘bando de pássaros em vôo’ ou, em outros contextos, ‘ato de voar’ e de ‘ida e volta rápida para algum lugar’. Esse termo é acrescido de *s-*, que, quando precede um substantivo, lhe confere uma idéia contrária à que este expressa. No caso em discussão, passa a significar ‘falta de vôo’.

A segunda hipótese de análise morfológica da criação lexical em questão, em italiano, prevê que o termo seja formado por derivação sufixal, tendo como base o verbo *svolare*, ‘voar para outro lugar’, no particípio passado, acrescido do sufixo nominal *-a*, com apagamento da vogal /o/. Esse verbo é de baixa frequência de uso; o dicionário *Nuovo Zingarelli* registra-o como sendo um termo de uso literário. Sua baixa frequência de uso é confirmada, também, pelo *Vocabolario fondamentale della lingua italiana*, de SCIARONE, que não o contempla em sua lista de 2600 entradas lexicais, elaborada com base na frequência dos termos na língua falada e escrita, assim como em sua distribuição. O problema, no entanto, não é de registro ou de frequência, mas, sim, de ordem semântica. *Svolare* significa ‘voar para outro lugar’, ‘ir voando daqui e dali’, não contemplando, pois, a idéia de ‘falta de vôo’, presente na primeira hipótese apresentada.

Levando em conta que o neologismo “desvôo”, em português, exerce função semântica, MENDES (1991:261) ressalta que analisar a semântica de seus constituintes é fundamental.

Portanto, com base na avaliação da função semântica do prefixo *s-* em italiano — equivalente ao prefixo “des-” de “desvôo”, em português, tendo-se em vista a análise de GALERY —, considera-se mais apropriada a primeira hipótese de análise morfológica em italiano, ou seja, a de formação lexical por um processo de DPR.

DPR

18) risventagliare

[[ri] + sventagliare]

pref. V S

“... ah, il cinguettare nel palmeto dei *buritis*, il **risventagliare**.”

(p.42)

“...-ah, a papeagem no buritizal, que lequelequêia.” - FME (p.44)

Essa formação lexical, em português, nasce da analogia entre a forma da folha do buriti e a do leque. Os abanos e balanços do buriti, num movimento de ida e volta, como os do leque, são marcados por ROSA pelo recurso morfológico do redobro /lequeleque/. Para a formação lexical, em italiano, BIZZARRI utiliza como base o verbo *sventagliare*, ‘abandar o leque’, acrescido do prefixo *ri-*, que indica repetição, redobro, intensificação; a anteposição do artigo transforma o verbo em nome, por conversão categorial.

DPR

19) rilogora

[[ri]+logora]]

pref. morfema flexional

V V

“... che è quello che rilogora e ricuoce.” (p.468)

“... que é a que regasta e se recoze.” - FEP/PR4 (p.537)

Em português, essa formação lexical é constituída por PR4, que se caracteriza pela substituição de afixos. Dessa forma, o verbo “desgastar” é alterado para “regastar”. Como a função do neologismo é estilística pura, entende-se que essa mudança não acarreta alteração semântica significativa. A tradução, para o italiano, de “desgastar” é *logorare*, que, no caso, constitui a base da criação neológica *rilogora*. Com o prefixo *ri-*, indicador, como já se viu, de repetição, redobro e intensificação e correspondente a “re-”, em português, o tradutor atende à necessidade de intensificação estilística presente na forma original.

REDUÇÃO

20) “E lí Zé Bebelo non dimostrò un zin zin di sorpresa...” (p. 77)

“Aí Zé Bebelo não discrepou pim de surpresa...” – FEP (p. 84)

SCALISE (1994:41) reconhece a existência de procedimentos esporádicos de formação de palavra, pouco previsíveis, que têm uma estrutura interna, às vezes difícil de ser identificada. Nessa categoria, ele inclui a criação por redução, o cruzamento de palavras, a expansão de siglas, e outros. Ao conjunto desses processos o autor dá o nome de morfologia menor. A hipótese de análise da formação lexical deste último exemplo é a de que se trata de uma redução do substantivo *zinzino*, ‘pequena porção de algo a ser comido ou bebido’. Essa análise é feita em função do contexto — em que a personagem Zé Bebelo não demonstra nem um pouco de surpresa — e, também, do termo escolhido pelo tradutor, considerando-se seu significado. Além disso, há, na palavra *zin*, a vogal *i* que garante uma analogia fonológica com o termo “pim”, em português. Nota-se, ainda, a presença da vogal *i* no começo das frases, tanto em português, em “Aí”, quanto em italiano, em “lí”. Assim sendo, entende-se preservada a função estilística do neologismo da LO na tradução.

Observando-se os dados resultantes da análise dessas 20 amostras de criação lexical em italiano, constata-se que sua formação pode ser explicada pela morfologia e seu significado pode ser depreendido mediante a análise semântica de seus constituintes. Assim, comprova-se que BIZZARRI faz uso dos recursos morfológicos disponíveis na língua italiana para, como ROSA, aventurar-se na criação lexical e formar palavras possíveis de existir, mas não-existentes. No entanto, ele vai além disso. Ao criar, também, neologismos por processos rosianos, ele supera as fronteiras

previstas pelo sistema morfológico italiano, alça um vôo de autonomia lingüística e cria novas palavras, que não existem em italiano, como se verá a seguir.

CAPÍTULO 5

Os neologismos rosianos na versão italiana de *Grande sertão: veredas* e suas modalidades tradutórias

5.1 O processo de detecção

Os 942 neologismos de *Grande sertão:veredas*, comprovados na sua versão original em português, resultam, na versão italiana, em 74 possíveis criações lexicais. Sua detecção foi fruto de uma primeira leitura dessa obra em italiano, assinalando-se os termos desconhecidos ou considerados estranhos. Numa releitura, foi conferido, ainda, o registro desses termos em dois dicionários da língua italiana: *Il nuovo Zingarelli - Vocabolario della lingua italiana* (Milano: Zanichelli, 1989), com 127.000 entradas lexicais, e o *Dizionario fondamentale della lingua italiana* (Verona: D°Agostini, 1996). Foram assinalados, então, para análise, os termos não-incluídos nesses dicionários. Os termos dicionarizados que apresentavam uma especificidade de registro, como os arcaicos, raros, de uso literário e outros, foram, também, registrados, para uma avaliação *a posteriori*. Para essa avaliação, consultou-se o *Vocabolario fondamentale della lingua italiana* (Perugia: Guerra, 1995), que informa sobre a frequência de uso de palavras da língua italiana, tendo-se em vista que a baixa frequência de uso de uma determinada palavra configura um registro diferenciado, merecedor de análise específica.

Desse modo, essas 74 criações lexicais foram consideradas, finalmente, neologismos possíveis, dada a não-exeqüibilidade de se verificar *in loco* ou por intermédio de falantes nativos — com exceção da autora — a existência, ou não, de tais termos.

5.2 A unidade de tradução

Por unidade de tradução, entende-se a porção do texto da língua de origem que o tradutor processa separadamente — pode ser uma frase, uma oração, um sintagma, um item lexical, um item morfofonológico. As concepções de unidade de tradução na literatura especializada são bastante diversificadas. De um lado, VINAY & DARBELNET (1960:16) consideram ser a unidade de tradução o menor segmento do enunciado cuja coesão de signos é tal, que estes não devem ser traduzidos isoladamente. Do outro, autores adeptos da perspectiva da vertente textual, como REISS e VERMEER (*apud* ALVES, 1996:280), pretendem que a unidade de tradução seja o texto de partida como um todo, isto é, este é processado como uma unidade e o todo tem ascendência sobre as partes.

Nesta pesquisa, adota-se a postura de VINAY & DARBELNET em função, também, da especificidade do *corpus* de análise. Dessa forma, uma vez determinado que a tradução de um neologismo da LO gerou, por sua vez, uma nova formação lexical na LT, esta passa a ser considerada a unidade de tradução (UT).

A UT é apresentada inserida no contexto e, se, de um lado, o foco de análise é apenas o item lexical, do outro, para a apreensão plena do significado que subjaz ao seu significante, é levado em conta todo o contexto. Para isso, junto ao exemplo, é assinalado o número da página onde a UT aparece, tanto na obra original quanto na traduzida.

O próprio ROSA atribuía um grande valor à palavra em si, como se depreende desta sua afirmação:

“Hoje, um dicionário é ao mesmo tempo a melhor antologia lírica. Cada palavra é, segundo sua essência, um poema. Pense só em sua gênese. No dia em que completar cem anos, publicarei um livro, meu romance mais importante: um dicionário.” (ROSA, *apud* LORENZ, 1973:346)

5.3 Modalidades tradutórias

Como visto no Capítulo 2, ao se tratar do problema da equivalência e da função textual, tanto NEWMARK quanto REISS concordam em que cada tipo de texto requer um método de tradução diferente. Assim sendo, com base nas categorias textuais estabelecidas por REISS, avaliou-se *Grande sertão: veredas* como um texto em que co-ocorrem as três categorias textuais, isto é, a função informativa, a expressiva e a operativa. É preponderante, no entanto, a função operativa, que consiste em alterar o comportamento do receptor. No caso específico dessa obra, comprovou-se que tal tarefa é confiada ao neologismo. Passou-se, então, à análise da tradução das criações rosianas, com o objetivo de se verificar se a escolha tradutória de BIZZARRI garante, ou não, o exercício desse papel também ao neologismo do texto da LT.

Convém lembrar, a propósito, que os neologismos do texto da LO podem receber, ou não, no texto da LT, uma tradução neológica.

No caso da tradução não-neológica, sabe-se que esta pode ser compensada por outros meios, sintáticos ou estilísticos. Portanto os neologismos rosianos não traduzidos por criação neológica no texto da LT, embora não constituam objeto de análise deste estudo, serão comentados no Capítulo 8. Considerando as modalidades de tradução que constituem o modelo de análise desta dissertação, conforme apresentado no Capítulo 3, BIZZARRI utiliza os seguintes procedimentos:

- 1) Tradução literal
- 2) Decalque
- 3) Equivalência
- 4) Transposição
- 5) Empréstimo
- 6) Modulação
- 7) Omissão.

1) Tradução literal

A definição de tradução literal, como sugerida por AUBERT — “...estreita correspondência lexical e uma rigorosa correspondência estrutural com o original ...” (*apud* MENDES, 1991:138) —, é considerada excessivamente rígida, uma vez que, dadas as especificidades lexicais rosianas, é “muito difícil avaliar o que seria uma estreita correspondência lexical” (MENDES, 1991:140). Por tradução literal, entende-se a modalidade utilizada sempre que a tradução resulta em um texto correto que respeita as características formais, estruturais e estilísticas da LT. Essa modalidade é vista por BARBOSA (1990:94) como o mais comum entre os vários tipos de tradução. VINAY & DARBELNET (1960:48) caracterizam-na, a princípio, como um procedimento completo, único e reversível, pois a tradução inversa reproduziria exatamente o texto original. Eles afirmam, ainda, que este é o tipo de tradução mais adotado entre línguas da mesma família e, sobretudo, da mesma cultura.

Tendo-se em vista a especificidade semântica que o termo neológico carrega, considera-se, neste estudo, a reversibilidade tradutória como a possibilidade de retraduzir, obtendo-se, como resultado, o mesmo significado do termo da LO, sem, contudo, exigir uma rigorosa correspondência estrutural.

Exemplo:

“Um sentir é do **sentente**, mas o outro é do **sentidor**” (p. 291)

“Un sentire è quello del **sentente**, un altro è quello del **sentitore**.” (p. 259)

2) Decalque

Segundo VINAY & DARBELNET, o decalque é um caso particular

de empréstimo. Essa modalidade de tradução é apresentada por MENDES (1991:134) com base na segunda versão do modelo desses autores (1975), quando sua caracterização é reformulada e passa a significar “a assimilação de um termo da língua de partida pela língua de chegada, adaptado ao seu padrão fonológico e morfológico”.

Apesar da proximidade entre ambos, o decalque não se confunde com o empréstimo, porque, enquanto este utiliza a própria palavra da LO, na sua forma idêntica, aquele lança mão de palavras já existentes na LT, atribuindo-lhes novo significado emprestado da LO, como ocorre em “fim-de-semana”, que se origina do termo inglês *weekend*.

Tendo em vista que, neste estudo, analisa-se a tradução de neologismos também realizada por uma criação lexical, o termo resultante da tradução por decalque não é uma palavra já existente na LT, mas, sim, uma nova formação lexical. Trata-se, nesse caso, de uma palavra que resulta da assimilação do termo da LO, que, na maioria das vezes, é onomatopaico, adaptado ao padrão fonológico da LT.

Exemplo:

“Assim eu ouvindo o **ciriri** dos grilos.”(p.182)

“Così me ne stavo a sentire il **sisirì** dei grilli.”(p.163)

3) Equivalência

Constitui-se um processo pelo qual o tradutor, utilizando meios estilísticos e estruturais totalmente diversos, faz com que os dois textos, o da LO e o da LT, expressem a mesma situação. Esse processo costuma ser empregado na tradução de provérbios, idiotismos, clichês e locuções substantivas.

No presente estudo, considera-se que a tradução se faz por equivalência quando os componentes do neologismo não são traduzidos literalmente, mas com significado equivalente.

Exemplo:

“Jacaré choca — **olhalhão**, crespido do lamal, feio mirando na gente” (p. 29)

“Il caimano cova - **tutt’occhi**, rugoso di fanghiglia,...” (p. 29)

4) Transposição

Considera-se que há uma modalidade tradutória de transposição quando, embora os constituintes da formação neológica sejam traduzidos literalmente, a formação lexical, na LT, apresenta mudança de categoria, fusão, ou desdobramento de elementos, inversão de ordem, ou, ainda, uma combinação dessas alterações.

Exemplo:

“...ah, a papeagem no buritizal, que **lequelequêia**.” (p. 4)

“... ah, il cinguettare nel palmeto dei *buritis*, il **risventagliare**.” (p.42)

Observa-se que, nesse caso, o neologismo, na LO, é constituído por um verbo e, na LT, por um substantivo.

5) Empréstimo

O empréstimo consiste em copiar ou utilizar a própria palavra da LO no texto da LT. Segundo VINAY & DARBELNET, esse procedimento deve ser usado quando não houver, na LT, um

significante que tenha o mesmo significado que o empregado no texto de origem.

Assim como o decalque, emprega-se, com freqüência, em concomitância com a criação lexical onomatopaica, em que a forma e o conteúdo, muitas vezes, se determinam e/ou condicionam.

Como, neste estudo, se avalia prioritariamente a tradução dos neologismos rosianos, uma análise superficial pode sugerir que a modalidade de tradução por empréstimo é pouco utilizada. Na verdade, porém, esse processo é largamente empregado por BIZZARRI. Na versão italiana de *Grande sertão: veredas* o empréstimo é adotado com bastante freqüência, não na tradução das criações lexicais de ROSA, mas na tradução de substantivos comuns, sobretudo daqueles que designam elementos ou seres do reino vegetal e/ou animal. Veja-se, a propósito, de quantos empréstimos o tradutor faz uso numa amostra de apenas duas páginas (254 e 255) dessa obra: *sertão* (quatro vezes), *jacuba*, *caraíba*, *folha-larga*, *pau-paraíba*, *sapê*, *buritís* (duas vezes), *vereda* (três vezes).

Exemplo:

“...eu esperei o **pispissiu** de alguma outra bala ...” (p. 11)

“...aspettai il **pispissiu** di qualche altra pallottola ...” (p. 275)

6) Modulação

A modulação e a equivalência são categorias que AUBERT sugere fundir. MENDES, porém, é a favor de sua manutenção no modelo, por entender que existem diferenças sensíveis entre elas. VINAY & DARBELNET, por sua vez, consideram ser a modulação um procedimento que envolve uma mudança do ponto de vista, ou do foco. O uso dessa modalidade justifica-se quando a tradução literal ou a mera transposição resultariam num enunciado formalmente

correto, mas incompatível com o gênio da LT, ou seja, quando não resultasse exatamente no que faria um falante nativo dessa língua .

Exemplo

“... onde só faltava o buriti: palmeira *alalã* — pelas veredas.”

(p. 476)

“...dove solo mancava il *buriti*: palma *veliera* — lungo le *veredas*.” (p. 415)

Como já se viu, a formação neológica, em português, remete à idéia de ala, ou fileira, que as palmeiras formam ao crescer. A tradução italiana refere-se à forma da folha da palmeira, tão espalmada como uma vela. O tradutor cria o neologismo *palma veliera* por analogia com *nave veliera*, ‘nave a vela’. Entende-se que a mudança de foco justifica a análise como tradução por modulação.

7) Omissão

MENDES (1991:141) define a modalidade de omissão como a “categoria em que ocorre o apagamento de um segmento com perda efetiva de informação ou traços estilísticos”. Essa definição difere da que é proposta por AUBERT, que entende haver omissão apenas quando há perda de informação. Dada a especificidade do *corpus* que analisa — o neologismo — aquela autora considera a perda de nuances estilísticas um fator importante.

Exemplo:

“...e mosca-verde que se ousou, sem o zumbo frisso, perto no ar.” (p.201)

“...e la mosca verde che si avventurò senza il suo ronziò, lí vicino nell’aria.” (p.180)

Nesse exemplo, o adjetivo “frisso”, que desempenha uma função estilística pura, como esclarece MENDES (1991:121), não é traduzido. Há, portanto, uma perda de caráter estilístico. Entretanto, paralelamente, observa-se uma compensação no nível fônico: o tradutor, ao antepor o adjetivo possessivo à tradução de “zumbo”, o que resulta em *suo ronizio*, em que se retoma o fonema /s/ contido em “frisso”.

CAPÍTULO 6

A análise morfológica e tradutória dos neologismos de *Grande sertão: veredas* traduzidos em italiano por criação lexical

Antes de se empreender essa análise, convém discutir a postura do tradutor em face da imensidade de palavras novas referentes à realidade sociocultural brasileira. BIZZARRI utiliza muitas palavras da língua portuguesa, sobretudo aquelas que dizem respeito aos reinos vegetal e animal, como “arara”, “fazenda”, “fazendeiro”, “saci”, “sapê” e muitos outros. Todos esses termos adotados por empréstimo são, na versão italiana da obra, grafados em itálico e compõem um glossário, que contém a explicação, em italiano, de seu significado. Na introdução do romance, o próprio tradutor faz uma advertência ao leitor, explicando-lhe essa sua opção. A manutenção da palavra “arara” no texto em italiano, por exemplo, é justificada com base no fato de seu correspondente italiano *ara* ser por ele considerado foneticamente *fiacco*, ou seja, ‘fraco’. Por outro lado, os termos “fazenda” e “fazendeiro” são caracterizados como elementos lexicais da língua italiana. O dicionário de ZINGARELLI (1989:709) registra-os: o primeiro, como um substantivo feminino invariável, oriundo da língua portuguesa, que significa ‘propriedade agrícola brasileira’; o segundo, como substantivo masculino invariável, também oriundo da língua portuguesa, empregado para nomear o dono de uma fazenda ou aquele que trabalha nela. Assim sendo, ambos estão presentes no texto italiano, mas não são empréstimos.

Segue-se a lista e a análise morfológica e tradutória dos 74 possíveis neologismos criados por BIZZARRI a partir das criações lexicais rosianas.

Na realização dessa análise, os neologismos são, inicialmente, agrupados com base no processo de formação lexical que lhes deu origem na língua italiana. Ao lado de cada neologismo em português, assinala-se a função que ele exerce e, quando houver, o tipo de processo rosiano responsável por ele.

Logo abaixo, são apresentadas as frases que contêm os neologismos, tanto em português quanto em italiano, seguidas do número da página em que cada uma se encontra na respectiva obra. A ordem de apresentação é a da obra original.

Em seguida, faz-se uma análise da estrutura morfológica do neologismo na LT. Avalia-se, então, em cada caso, se a função do neologismo na LO é preservada na LT e conclui-se com a definição da modalidade de tradução adotada.

Os neologismos em italiano cuja formação já foi analisada no Capítulo 4, que trata da morfologia da língua italiana, serão assinalados e apresentados mais sucintamente.

Como já especificado anteriormente, os exemplos da obra original remetem à 18ª edição, de 1985, da Nova Fronteira, Rio de Janeiro, e os da versão italiana, à 4ª edição, de 1990, da Feltrinelli, Milano.

Abreviaturas das funções

FEP	⇒ função estilística pura
FME	⇒ função mista e estilística
FSE	⇒ função semântica e estilística
FM	⇒ função mista
FS	⇒ função semântica

Abreviaturas das modalidades tradutórias

MTL	⇒ modalidade de tradução literal
MTD	⇒ modalidade de tradução decalque
MTEQ	⇒ modalidade de tradução equivalência
MTTR	⇒ modalidade de tradução transposição
MTE	⇒ modalidade de tradução empréstimo
MTM	⇒ modalidade de tradução modulação
MTO	⇒ modalidade de tradução omissão

DERIVAÇÃO SUFIXAL

1) **supremada – FEP/PR8**

“E, alma, o que é? Alma tem de ser coisa interna **supremada...**”.

(p. 23)

“E l’anima, che è? L’anima deve essere una cosa interna **supremata...**” (p.24)

O termo “supremo” é traduzido por *supremo* em italiano, com sucessiva formação lexical de *supremare*, por processo de derivação sufixal, que, no particípio passado, flexionado, torna-se *supremata*. Configura-se, assim, uma tradução literal.

DSU/MTL

2) **desvéu – FSE/PR6**

“Mas, passarinho de bilo no **desvéu** da madrugada...” (p.26)

“Ma, il *passarinho de bilo* nel **disvelo** del mattino...” (p.26)

Criação neológica em italiano a partir do verbo *disvelare*, de uso literário, que significa “desvendar”. Essa formação neológica faz-se por derivação sufixal e a modalidade tradutória é a literal.

DSU/MTL**3) birbar – FME/PR5**

“Vou lá deixar essa cambada **birbar** por aí em sossego?!”.(p. 89)

“Voglio proprio permettere a quella masnada di **birbare** qui intorno in tutta calma?!” (p. 82)

O verbo *birbare* é formado por derivação sufixal a partir do nome *birba*, que, em italiano, significa ‘pessoa esperta’, ‘viva’ e, também, ‘malvada’. Trata-se de um neologismo, já que a base *birba* forma muitos nomes, como *birbante*, *birbacchione*, *birbantesco*, *birbanteria*, e, também, o verbo *birbanteggiare*, mas não, *birbare*. Esse verbo exemplifica a modalidade de tradução literal em relação ao termo da LO.

DSU/MTL**4) vivimento – FEP/PR4**

“De cada **vivimento** que eu real tive...” (p. 92)

“Di ogni **vivimento** che io ebbi reale ...” (p. 84)

Apesar de os significantes serem idênticos nas duas línguas, não se avalia essa modalidade tradutória como empréstimo. Prefere-se considerar que BIZZARRI criou o neologismo italiano a partir dos recursos morfológicos da LT. A base para a criação lexical, nesse caso é o tema do verbo *vivere*, acrescido do sufixo *-imento*.

DSU/MTL**5) avarava – FM**

“Hoje é que reconheço a forma do que meu padrinho muito fez por mim, ele que criara amparado amor ao seu dinheiro, e que tanto **avarava**.” (p. 107)

“Oggi riconosco che a suo modo il mio padrino fece molto per me, lui che aveva coltivato un amore protettivo per il suo danaro, e che tanto **avareggiava**.” (p. 97)

Tradução literal de “avaro” por *avaro* e criação lexical por derivação sufixal.

DSU/MTL

6) **manhãzando – FEP**

“...**manhãzando**, ali estava re-cheio em instância de pássaros.” (p. 133)

“...**mattinando**, lí era ripieno di urgere di uccelli.” (p. 120)

Tradução literal de “manhã” por *mattina* e sucessiva criação neológica por derivação sufixal.

DSU/MTL

7) **vespassem – FM**

“...eles podiam referver em imediatidade, o banguelê, num zunir: que **vespassem**.” (p.44)

“... quelli potevano ribollire nell’immediatezza, sollevarsi, in un sibilare: **vespando**.” (p. 218)

Tradução literal de “vespa” por *vespa* e sucessiva criação lexical por derivação sufixal. Há, contudo, uma diferença na flexão verbal, pelo uso do subjuntivo em português e do gerúndio em italiano. Esse aspecto, no caso, parece não interferir na apreensão do significado; portanto não é considerado na análise tradutória.

DSU/MTL

8) **vesgava – FM**

“...- e ele tinha olhos muito incertos e **vesgava**.” (p.254)

“...- e lui aveva gli occhi molto incerti e **strabicava**.” (p. 227)

Em português, a palavra “vesgo” pertence ao registro coloquial, corresponde, num registro culto, a “estrábico”. A tradução para o italiano pelo termo *strabico*, parecido com a do registro culto do português, é a única opção tradutória, porque a língua italiana não possui um termo coloquial para designar a mesma idéia. Trata-se, portanto, de tradução literal do substantivo e formação neológica por derivação sufixal, como ocorre em português.

DSU/MTL

9) **garcejo** – FEP

“As garças é que praziam de gritar, o **garcejo** delas...” (p.75)

“Gli aironi si divertivano a gridare, il loro **aironare**...” (p. 245)

Tradução literal de “garça” por *airone*, com formação neológica de *aironare*, por derivação sufixal, e sucessiva conversão categorial, em italiano, para verbo substantivado. Observa-se que, além de a base desse neologismo, na LT, ser uma tradução literal da base da LO, o significado do sufixo implica, nas duas línguas, a mesma idéia.

DSU/MTL

10) **sentente** – FS

“Um sentir é o do **sentente**, mas outro é o do sentidor.” (p. 291)

“Un sentire è quello del **sentente**, un altro è quello del sentitore.”

(p.259)

Tradução literal de “sentir” por *sentire* e sucessiva criação neológica a partir do verbo, com acréscimo do sufixo *-ente*.

DSU/MTL

11) **sentidor** - FS

“Um sentir é do sentente, mas outro é o do **sentidor**.” (p.291)

“Un sentire è quello del sentente, ma altro è quello del **sentitore**.” (p.259)

Tradução literal de “sentir” por *sentire* e criação neológica a partir do verbo, com acréscimo do sufixo *-tore*.

DSU/MTL

12) **friôr** - FEP / PR5

“Meu corpo era que sentia um frio, de si, **friôr** de dentro e de fora...” (p. 395)

” Il mio corpo è che sentiva un freddo, di sé, un **freddume** di dentro e di fuori ...” (p. 348)

Tradução literal de “frio” por *freddo* e formação neológica pelo sufixo *-ume*, que confere à sua base um significado depreciativo. Entende-se que essa escolha morfológica atende à função estilística da criação lexical portuguesa.

DSU/MTL

13) **diabrável** - FM

“Diadorim, semelhasse maninel, mas **diabrável** sempre assim, como eu agora eu estava contente de ver.” (p. 400)

“Diadorim, pareva effeminato, ma **indiavolabile** sempre così, come io adesso ero contento di vedere.” (p. 351)

A palavra “diabo” corresponde a *diavolo* em italiano. Para a tradução do neologismo português, o tradutor não adotou, porém, o substantivo *diavolo* como base, mas, sim, o verbo *indiavolare*,

‘endiabrar’. Vertendo do italiano para o português, o resultado seria “endiabrável” e não, “diabrável”, como ocorre no original da obra. Na verdade, o tradutor acrescentou ao verbo o sufixo *-bile*, que, como o sufixo “-ável”, em português, faz com que a coisa ou a pessoa à qual o verbo se refere possa adquirir o atributo que este expressa. Há, ainda, a hipótese de que a escolha da base foi o verbo — e não, o substantivo — por exigência morfológica, uma vez que o sufixo *-bile*, em italiano, sempre exige um verbo como base. Assim, considerando-se *indiavolare* é constituído a partir de *diavolo*, ‘diabo’, avalia-se essa tradução como literal.

DSU/MTL

14) alegremente - FM

“A Vereda recruza, reparte o plaino, de esguelha, [...] e é alegremente verde ...” (p. 511)

“La *vereda* taglia, divide la pianura, in diagonale, [...] ed è allegramente verde ...” (p. 446)

Tradução literal do verbo “alegrar” por *allegrare*, com sucessiva formação lexical por derivação sufixal.

DSU/MTL

15) verdolências - FME/PR5

“E os olhos água-mel, com verdolências, que me esqueciam em Goiás...” (p. 491)

“E gli occhi acqua-miele, con verdosità, che mi facevano dimenticare di me nel Goiás...” (p. 429)

A tradução da criação lexical “verdolências” poderia resultar num neologismo italiano formado tanto com sufixo *-ità* como com o

sufixo *-enza*, visto que ambos produzem o mesmo significado de ‘condição, ‘modo de ser’ , e formam substantivos abstratos. Por analogia fonética com o termo em português, *esperar-se-ia*, talvez, a opção pelo sufixo *-enza*. O tradutor, no entanto, considerando uma RFP da língua italiana, opta pelo sufixo *-ità*, que requer uma base adjetiva, que é, exatamente, o caso de *verde*. Quanto à formação lexical com o sufixo *-enza*, SCALISE não registra a regra. Pode-se levantar a hipótese de que esse sufixo seja menos produtivo do que *-ità*. Por terem ambos os sufixos italianos *-enza* e *-ità*, a mesma função semântica, entende-se que a tradução, nesse caso, é literal.

DSU/MTL

16) **corujante – FM**

“...ou a mãe-da-lua, de vôo não ouvido, **corujante...**” (p.496)

“...o *l'urutau*, dal volo che non si sente, **civetteggiante...**”

(p. 433)

Tradução literal de “coruja” por *civetta* e sucessiva formação lexical com o sufixo *-eggiare* e flexão verbal. O tradutor, no lugar do sufixo *-eggiare*, poderia ter utilizado o sufixo *-are*, como, em português, se emprega o sufixo “-ar”. Nesse caso, a forma resultante seria *civettare*, que já existe em italiano e significa ‘apresentar um comportamento que chama a atenção dos homens’. Para essa formação, haveria, contudo, um bloqueio semântico. Por outro lado, o sufixo *-eggiare* contém um som pós-palatal, que também se observa em “corujante”, em que é fricativo, enquanto em *civetteggiante*, é africado. Com essa escolha, o tradutor mantém, na LT, uma aderência sonora à LO.

DSU/MTL

17) **prostitutriz - FEP**

“Igual gostava de Nhorinhá — sem mesquinhice, para todos formosa, de saia cor-de-limão, **prostitutriz.**” (p. 352)

“Ma mi piaceva anche Gnorigná — la senza meschinerie, formosa per tutti, dalla veste color di limone, **prostitutrice.**” (p. 311)

O termo “prostituta” é idêntico em português e em italiano, em relação tanto ao significante quanto ao significado. A formação lexical, “prostitutriz” é considerada por MENDES como um cruzamento de “prostituta” com “meretriz”. Em italiano, também seria possível realizar o cruzamento de *prostituta* com *meretrice*, resultando em *prostitutrice*. Entende-se, no entanto, que o tradutor traduziu literalmente “prostituta” e criou em italiano *prostitutrice* utilizando o sufixo *-trice*, altamente produtivo e regular, indicador de agente feminino.

DSU/MTL18) **colombinhando - FME**

“O Hermógenes, com seu pessoal dele — que nem em curvas **colombinhando**, rastejassem, comprido grosso, mas sem bulha, por debaixo das folhas secas...” (p. 509)

“L’Ermogene, con i suoi uomini — quasi in curve **colombando**, strisciavano, lunga fila e grossa, al di sotto delle foglie secche...”

(p. 445)

Em português, a raiz “columb-” significa ‘pombo’ e é utilizada como prefixo formador de palavras, como “columbicultor”, “columbifilia”. Em italiano, “pombo” traduz-se por *colomba* e esses termos constituem a base para a formação neológica em estudo na língua portuguesa e na língua italiana, respectivamente. Em vez de

colombare, porém, o tradutor poderia ter criado *colombeggiare*, mantendo, assim, o som pós-palatal do português “colombinhando”. No italiano, haveria, no entanto, um bloqueio de ordem semântica, pois *colombeggiare* já existe na língua italiana, significando ‘namorar como pombos’. Entende-se, então, que há, nesse caso, tradução literal.

DSU/MTL

19) existível - FM

“O que é, o que é: **existível** como fundo d’água.” (p. 522)

“Quello che è, quello che è: **esistibile** come fondo d’acqua.”

(p. 456)

Tradução literal de “existir” por *esistere* e sucessiva formação lexical por derivação prefixal.

DSU/MTL

20) azulmente - FME/PR6

“Somente foguinhozinho avoável assim **azulmente**, que em leve vento se espalhava...” (p. 531)

“Era solo un fuocherellino **azzurramente** svolazzante, che si sparpagliava in lieve vento...” (p. 463)

Tradução literal de “azul” por *azzurro* e criação lexical com o sufixo *-mente*, como ocorre em português. Em italiano, ocorre o alomorfa da vogal.

DSU/MTL

21) beija-florou - FME/PR12

“Dá, deu: bala **beija-florou**.” (p. 550)

“Ed ecco, che riprese: le pallottole **colibrarono**.” (p. 479)

A tradução literal de " beija-flor" para o italiano é *colibrì*. Da mesma forma como ROSA criou o verbo a partir do substantivo, BIZZARRI criou *colibrare* por derivação sufixal e flexionou-o.

DSU/MTL

22) **aurorear - FM**

"O senhor havia de conceber alguém **aurorear** de todo amor e morrer como só para um." (p. 554)

"Vossignoria dovrebbe poter immaginare una persona **aurorare** di tutto amore e morire come fosse solo per uno." (p. 482)

Tradução literal de "aurora" por *aurora* e criação lexical por derivação sufixal.

DSU/MTL

23) **pespingue - FME/PR1**

"...e até essas sertaneja-assim e a maria-zipe, amarelas, **pespingue** de orvalhosas..." (p. 475)

"...e perfino la *sertaneja-assim* e la *maria-zipe*, gialle, **sgocciolose** di rugiada ..." (p. 415)

A formação lexical "pespingue", em português, é formada por PR1, que se caracteriza pelo uso de afixos improdutivos. A formação neológica italiana, no entanto, utiliza uma base substantiva transparente, o nome *sgocciolio*, que corresponde a 'ato de cair gotejando' ou ato de 'cair pingando', e não oferece nenhum problema de compreensão para o falante italiano. Constitui-se, no entanto, em neologismo, no caso em questão, por causa da derivação sufixal. O sufixo *-oso*, que reforça a qualidade expressa pelo substantivo da base, pode funcionar como intensificador semântico, compensando, de certa forma, a falta de carga estilística contida em

“pespingue.” A tradução não é, porém, literal, visto que “pespingue”, graças à sua constituição semântica, não tem um correspondente preciso em italiano. Avalia-se esse caso como sendo de tradução equivalente.

DSU/MTEQ

24) jājão – FME/PR6

“Tinha de vir, demorão ou jajão.” (p. 392)

“Doveva venire, ritardatario e (sic) prescioloso.” (p. 345)

O neologismo, em português, expressa a idéia de ‘vir depressa’, contida no advérbio de tempo “já”, repetido e acrescido do sufixo “-ão”. A base para a formação neológica em italiano é a forma dialetal *prescia*, que corresponde a *fretta*, de registro formal, e significa ‘pressa’. O uso de um termo de origem dialetal confere à composição lexical uma marca estilística, que é reforçada pelo sufixo *-oso*, uma vez que este acentua, em italiano, as características expressas pelo substantivo a que se pospõe. O tradutor poderia ter traduzido “jajão” por *frettoloso*, que existe na LT, porém não seria resguardada, nesse caso, a função estilística que o neologismo tem na LO. Assim, a tradução, não-litera, faz-se por transposição

DSU/MTTR

25) jagunçando – FM

“Um jagunçando, nem vê, nem repara na pobreza de todos, cisco.”

(p. 67)

“Chi si trova a jagunçare, non vede, né fa caso ala povertà di tutti, pulviscolo” (p. 62)

Formação lexical, em português e em italiano, com base em “jagunço”. Como essa palavra é contemplada no glossário que acompanha a obra, na sua versão italiana, não se pode considerá-la neológica. No entanto, configura-se, nesse caso, uma criação lexical por derivação sufixal, a partir de “jagunço”. A modalidade de tradução é a literal.

DSU/MTL

Derivação sufixal = 25 ocorrências

COMPOSIÇÃO

26) claráguas – FSE

“Muito deleitável. **Claráguas**, fontes ...” (p. 26)

“Molto gradevole. **Chiaracque**, fonti...” (p. 26)

Tradução literal de “águas” por *acque* e de “claras” por *chiare*. Nesse processo de formação lexical por composição, o substantivo pospõe-se ao adjetivo, que sofre apagamento vocálico nas duas línguas.

CP/MTL

27) sobrefalseado – FS

“Aquele encontro nosso se deu sem o razoável comum, **sobrefalseado**, como do que só em jornal e livro é que se lê.”
(p. 129)

“Quel nostro incontro accadde fuori del ragionevole normale, **superartefatto**, come quelle cose che solo si leggono in giornali e in libri...” (p. 117)

A tradução de “sobre” para o italiano pode-se fazer, indiferentemente, por *super-*, *sopra-* ou *sovra-*, formas que não apresentam diferenças, entre si, em termos semânticos. Considerando-se que o adjetivo de “falseado” é traduzido por *artefatto*, particípio passado do verbo *artefare*, ‘falsear’, pode-se caracterizar a tradução de “sobrefalseado” como literal.

CP/MTL

28) contrafim – FSE/PR6

“Sáisse de lá, eu não tinha **contrafim**.” (p. 174)

“Andandomene di là, io non avevo un **controsco**.” (p. 156)

Tradução literal dos dois constituintes da criação lexical por composição. O tradutor entende que “fim” significa ‘finalidade’ e traduz com base nesse significado. Nesse caso, no entanto, “fim” poderia ser sinônimo de ‘morte’.

CP/MTL

29) bel-ver – FSE

“Mas era o que eu sincero queria [...] de **bel-ver**, bel-fazer e bel-amar.” (p. 181)

“Ma era quello che io sinceramente volevo [...] di **bel-vedere**, bel-fare e bell’amare.” (p. 162)

Tradução literal dos constituintes da criação neológica e formação lexical por composição.

CP/MTL

30) bel-fazer – FSE

“Mas era o que eu sincero queria (...) de bel-ver, **bel-fazer** e bel-amar.” (p. 181)

“Ma era quello che io sinceramente volevo (...) di bel-vedere, **bel-fare** e **bell’amare**.” (p. 162)

Tradução literal dos constituintes da criação neológica e formação lexical por composição.

CP/MTL

31) **bel-amar** – FSE

“Mas era o que eu sincero queria [...] de bel-ver, bel-fazer e **bel-amar**.” (p. 181)

“Ma era quello che io sinceramente volevo [...] di bel-vedere, **bel-fare** e **bell’amare**.” (p. 162)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica. Nota-se que o adjetivo *bello*, em italiano, sofre elisão decorrente do encontro vocálico, na formação lexical por composição.

CP/MTL

32) **sobrevoz** – FS

“Só Zé Bebelo — as ordens, de **sobrevoz**.” (p. 303)

“Solo Zé Bebelo — gli ordini, di **sopravvoce**.” (p. 269)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica. Nos processos por composição com *sopra*, a consoante inicial do segundo constituinte costuma ser duplicada, como ocorre nesse exemplo.

CP/MTL

33) **sobre-coisa** – FS

“... mas ele quer saber tudo diverso: quer não é o caso inteirado em si, mas a **sobre-coisa**, a **outra-coisa**.” (p. 185)

“...ma lui vuol sapere tutto diverso; quel che vuole non è il caso completo in sé, ma la **sopra-cosa**, l'altra cosa.” (p. 166)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica. Nesse caso, porém, não há duplicação da consoante inicial da palavra que se pospõe a *sopra*, porque o tradutor optou pela criação lexical por composição utilizando o hífen, como ocorre também em português.

CP/MTL

34) **sobrecalor** – FS

“Zé Bebelo, sozinho por si, sem outro **sobrecalor** de regimento, servisse para governar os arrancos do sertão?” (p. 343)

“Zé Bebelo, da solo, senza altro **sovracalore** di comando, era in grado di governare gli impeti del *sertão*?” (p. 303)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica. Como há a possibilidade de se alternar, em italiano, a forma italiana *sopra* com *sovra*, entende-se que o fator eufônico tenha influenciado na escolha.

CP/MTL

35) **belazul** – FSE

“...mas depois a tinta-dos-gentios de flor **belazul**, que é o anil - trepador...” (p. 475)

“...ma poi la *tinta-dos-gentios* di fiore **bellazzurro**, che è l'anile rampicante...” (p. 415)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica. Observa-se o mesmo processo de apagamento da vogal final de “belo”, nas duas línguas. Em italiano, nesse caso, o tradutor opta pela não-elisão.

CP/MTL

36) água-mel – FSE

“E os olhos **água-mel**, com verdolências...” (p. 491)

“E gli occhi **acqua-miele**, con verdosità...” (p. 429)

Criação lexical por composição, com tradução literal dos dois constituintes.

CP/MTL

37) antes-do-começo — FSE

“E aí teve o **antes-do-começo**...” (p. 511)

“E lí ci fu il **prima-dell’inizio**...” (p. 446)

Criação lexical por composição, com tradução literal dos dois constituintes.

CP/MTL

38) vivalei — FSE

“Não faz **vivalei** em mim não” (p. 72)

“Non faccia **vivala legge** in me...” (p. 67)

Esse exemplo foi tratado no Capítulo 4, em que se discute a morfologia da língua italiana. O neologismo, em ambas as línguas, é formado por composição. O artigo feminino singular *a* é assimilado fonologicamente em português, reproduzindo, na escrita, a expressão oral. O tradutor italiano reconhece esse processo de

apagamento do artigo e recupera-o, introduzindo-o entre *viva e legge*. A tradução é literal.

CP/MTL

Composição = 13 ocorrências

ONOMATOPÉIA

39) **môm** – FEP

“Bom era ouvir o **môm** das vacas devendo seu leite.” (p. 26)

“Bello era sentire il **muum** delle vacche offrendo il latte.” (p. 26)

A formação lexical é onomatopaica e a modalidade tradutória é o decalque, pois reproduz o significado da LO com um termo da LT. Para expressar o mugido da vaca em italiano, emprega-se, geralmente, o termo *mu*, que, no presente caso, sofre alteração para a constituição do neologismo.

ONO/MTD

40) **xaxaxo** – FSE

“...o **xaxaxo** de alpercatas” (p.81)

“...lo **ciá-ciá-ció** dei sandali.” (p. 74)

Formação lexical onomatopaica, com utilização de palavra que se origina da LO e é adaptada à LT, já que o som resultante do texto traduzido, pós-palatal africado surdo, é, com freqüência, utilizado em italiano para expressar um barulho. O som pós-palatal fricativo surdo de “xaxaxo”, em português, é onomatopaico e muito parecido com *xoxoxo*, que, provavelmente, o tradutor deixou de empregar, porque, em italiano, essa forma é utilizada para afastar, com

brincadeira, alguém que incomoda. A modalidade de tradução é, pois, o decalque.

ONO/MTD

41) chirilim – FEP

“E os grilos no **chirilim**.” (p. 109)

“E i grilli con il loro **scirilin**.” (p. 99)

Exemplo tratado também no Capítulo 4. Trata-se de formação lexical onomatopaica, com utilização de palavra oriunda da LO. Na tradução, ocorre uma modificação ortográfica, cujo objetivo é reproduzir na forma italiana o mesmo som pós-palatal fricativo sugerido na palavra do português. Assim, como se trata de língua escrita, a conservação do mesmo som da LO é representada na ortografia. Outra adequação sofrida pelo neologismo consiste na alteração da consoante final. A grande maioria das palavras italianas termina em vogal, com exceção dos empréstimos e das onomatopéias, e somente as consoantes /r/ e /n/ podem ocupar essa posição final. A modalidade de tradução é o decalque.

ONO/MTD

42) ciciri – FEP

“Assim eu ouvindo o **ciciri** dos grilos” (p. 182)

“Così me ne stavo a sentire il **sisirí** dei grilli.” (p. 163)

Formação lexical onomatopaica. Observa-se o uso aliterativo do fonema /s/ para reproduzir o sibilar dos grilos, nas duas línguas. No entanto, há modificação ortográfica, no italiano, tendo-se em vista a conservação do mesmo som do português. A modalidade de tradução é o decalque.

ONO/MTD

43) **zúo** – FM

“Os bebelos se desabelhavam zuretas, debaixo de fatos machos e **zúo** de balas.” (p. 230)

“Gli uomini di Zé Bebelo sciamavano storditi, sotto le azioni maschie e lo **zuu** delle pallottole.” (p. 206)

Formação lexical onomatopaica, com utilização de palavra que se origina da LO. Há, ainda, modificação ortográfica na forma italiana para a conservação do mesmo som do português, em que a vogal final /o/ é pronunciada /u/. A modalidade de tradução é o decalque.

ONO/MTD44) **chirilil** – FEP

“O **chirilil** dos bichos.” (p. 392)

“Lo *scirilil* degli insetti. ” (p. 345)

Formação lexical onomatopaica, com utilização de termo oriundo da LO. Ocorre, também, modificação ortográfica na forma italiana para a conservação do mesmo som pós-palatal do português no começo da palavra. Estranha-se, no entanto, na LT, a manutenção da consoante final /l/. De acordo com o sistema fonológico italiano, nessa posição, somente poderiam ser empregados /r/ ou /n/. Além disso, entende-se, que em português, nesse caso, a pronúncia provável é de /u/. Observa-se, ainda, que o termo, em italiano, é grafado em itálico, não se configurando, no entanto, um empréstimo, porque não se trata de uma cópia idêntica ao original. A modalidade de tradução é o decalque.

ONO/MTD

45) **ró-ró – FSE**

“Nós dois, e tornopio do pé-de-vento — o **ró-ró** girado mundo a fora, no dobar, funil de final, desses redemoinhos...” (p. 393)

“Noi due, e il mulinare del colpo di vento — il **ro-ro** trottolante all’intorno, nel dipanare, nel risucchio finale, di quei vortici ...”
(p. 346)

Formação lexical onomatopaica, com utilização de palavra que se origina da LO. Contudo a retirada dos acentos, na forma italiana, faz com que não se trate de cópia idêntica e haja uma adaptação ao padrão fonológico do italiano. Assim, a modalidade de tradução é o decalque e não, o empréstimo.

ONO/MTD46) **tirintim – FEP**

“Achei graça no **tirintim** ligeiro, como ele recarregou a comblém.”

(p. 512)

“Mi piacque il **tirintin** rapido, con cui ricaricò il comblain.”

(p. 447)

Formação lexical onomatopaica com utilização de termo oriundo da LO. Verifica-se, porém uma modificação ortográfica do fonema final, alterado para /n/ para atender às normas fonológicas da língua italiana. Observa-se, ainda, que no começo da palavra, o fonema /t/ é pós-palatal africado em português e dental fricativo em italiano. A modalidade de tradução, pois, é o decalque.

ONO MTD

Onomatopéias = 08 ocorrências

DERIVAÇÃO PREFIXAL

47) **desendoidecer** – FS

“Por isso é que se carece principalmente de religião: para se **desendoidecer**, **desdoidar**.” (p. 15)

“È per questo che si ha bisogno principalmente di religione: per **disammattirsi**, per **disimpazzire**.” (p. 16)

A palavra “doido” pode ser traduzida por *matto* ou *pazzo* e “endoidecer”, por *ammattire* ou *impazzire*. Nesse exemplo, há, portanto, tradução literal, com formação lexical com o prefixo *dis-*, que corresponde a “des-”. Nota-se que o verbo, na tradução italiana, recebe uma flexão reflexiva não-presente em português. Supõe-se que este seja um recurso do tradutor para criar uma certa analogia fonológica com o português, que tem o sujeito indeterminado expresso pelo “se” antes de “desendoidecer”.

DPR/MTL

48) **desdoidar** – FS

“Por isso é que se carece principalmente de religião: para se **desendoidecer**, **desdoidar**.” (p. 15)

“È per questo che si ha bisogno principalmente di religione: per **disammattirsi**, per **disimpazzire**.” (p. 16)

A partir de “doido”, ROSA cria “doidar”, por derivação sufixal, e “desdoidar”, por parassíntese. Com base em *pazzo*, ‘doido’ em português, BIZZARRI resgata o verbo *impazzire*, que já existe no italiano e corresponde, literalmente, a “doidar” de ROSA, ou a “endoidar”. Em seguida, por derivação prefixal, o tradutor forma *disimpazzire*, utilizando o prefixo italiano *dis-*, que traduz o “des-” do português. Há, portanto, tradução literal.

DPR/MTL**49) soflagnar – FME/PR5**

“...a gente fosse surgir de sobrevento, soflagnar aqueles desprevenidos.” (p. 34)

“...apparire lí di soppravvento e sofflagare quelli impreparati...”
(p. 33)

Em português, “flagrar” tem dois significados: 1) ‘consumir-se em chamas’, ‘arder’; e, 2) ‘apanhar em flagrante’, ‘surpreender.’

Em italiano, *flagrare* é um arcaísmo e tem apenas o primeiro significado do português “flagrar”, ou seja, ‘arder’, enquanto em italiano, ‘apanhar em flagrante’ é *prendere in flagrante*. Entende-se que BIZZARRI cria o neologismo, em italiano, utilizando a palavra *flagrare*, já existente na LT, com o significado tomado emprestado do português, na sua segunda acepção do termo, isto é, ‘apanhar em flagrante’. Em relação ao prefixo “so-”, este existe nas duas línguas, originando-se do latim *sub-*. Esse prefixo, em italiano, produz a duplicação da consoante inicial da palavra a que se antepõe, como se comprova em *soccorrere*, ‘socorrer’ em português. Entende-se que há, também, uma assimilação do fonema /r/ de *flagrare*, gerando *flagare*. Com base nessa análise, entende-se que a modalidade de tradução é o decalque.

DPR/MTD**50) entreluz – FME**

“Dava o raiar, entreluz da aurora ...” (p. 110)

“Si era al sorgere, infralume di aurora ...” (p. 100)

Tradução literal de “entre”, que, em italiano, corresponde a *intra-* ou, também, *infra-*. A tradução de “luz” faz-se com opção pelo termo literário *lume*, no lugar de *luce*. É possível que essa opção tradutória tenha razões estilísticas e/ou eufônicas.

DPR/MTL

51) desprocede – FSE

“...e mais não pensei exato. Só isso. O senhor sabe, se **desprocede**: a ação escorregada e aflita, mas sem sustância narrável.” (p. 127)

“...e non pensai a nient’altro. Solo a questo. Vossignoria sa, si **disprocede**: l’azione scivolata e afflitta, ma senza sostanza narrabile.” (p. 114)

Tradução literal de “proceder” por *procedere*, em italiano, e derivação prefixal com o “des-“, em português correspondendo a *dis-* em italiano.

DPR/MTL

52) recompletas – FSE/PR3

“...umas carambolas de todos estalos, retruque e **recompletas**, com recuanço, ladeio perfeito, efeito produzido e reproduzido...” (p. 152)

“...alcune carambole a tutto schiocco, ribattimento e **ricompletamento**, con rimpallo, contorno perfetto, effetto prodotto e riprodotto...” (p. 137)

No termo neológico em português, o prefixo “re-”, que dá a idéia de ‘repetição’, ‘redobro’ e ‘intensificação’, antepõe-se a “completas”, um substantivo que significa, em sentido figurado, ‘fim’, ‘cabo’, ‘termo’. Por sua vez, o substantivo *completamento*

existe em italiano, como derivado do verbo *completare*, 'completar'. Na criação lexical, esse substantivo é precedido pelo prefixo *ri-*, que corresponde ao "er-" do português, com os mesmos sentidos. Nesse caso, ocorre, pois, tradução literal.

DPR/MTL

53) **disidéia** – FSE/PR6

"...o anúvio de uma má idéia: **disidéia**..." (p. 167)

"...l'annuvolio di una cattiva idea: **disidea**..." (p. 150)

Tradução literal dos dois constituintes da criação neológica.

DPR/MTL

54) **desalma** – FSE/PR6

"E em troca eu cedía às arras, tudo meu, tudo o mais — alma e palma e **desalma**..." (p. 393)

"E in cambio io cedevo in pegno, tutto il mio, tutto il resto — alma e palma e **contralma**..." (p. 346)

Quanto a esse exemplo, GALERY (1969:63) esclarece: "Na forma *desalma* o *des-* não tem valor semântico preciso, aparecendo provavelmente apenas como elemento fônico num jogo de palavras...". Em italiano, esse prefixo é traduzido por *contro-*, que se torna *contr-* diante de vogal e significa, nesse caso, 'oposição', 'ação contrária'. A palavra "alma" corresponde a *anima* em italiano. No entanto sua tradução faz-se por *alma*, é um termo arcaico correlato a *anima* e, em italiano, pertence ao registro poético. A escolha de um termo poético e arcaico, portanto de baixa frequência de uso em italiano, gera, no leitor, o mesmo estranhamento do neologismo em português. Por outro lado, essa escolha parece estratégica em termos eufônicos, pois garante a manutenção da rima na LT, como se verifica na LO. A função estilística que caracteriza

a formação lexical em português é, assim, preservada. Em ambas as línguas, a formação lexical dos neologismos ocorre por derivação prefixal. A modalidade tradutória é a da equivalência, visto que os constituintes do neologismo, em italiano, não são traduzidos de forma literal.

DPR/MTEQ

55) *desvão* – FS

“...deu de dar, diante, um *desvão* de tanajuras, que pelas grandes quantidadesdelas...” (p. 499)

“... accadde che si ebbe, lì avanti, una *svolata* di formiche alate, che per la loro grande quantità...” (p. 436)

Esse exemplo foi tratado amplamente no Capítulo 4. Trata-se de uma tradução literal de “vão” por *volata*, com formação lexical por derivação prefixal. O prefixo *s-*, nesse caso, dá a idéia de ‘falta’ e de ‘negação’.

DPR/MTL

56) *consabia* – FS

“Tudo *consabia* bem, isto sim, digo; no remedido do trivial...”
(p. 506)

“Tutto *consapeva* bene; questo sì, dico; nella misura del comune...” (p. 442)

O neologismo, em português, tem um significado bastante claro, mas não remete a outra formação lexical análoga. Em italiano, apesar de não existir o verbo *consapere*, que se constitui, portanto, em criação neológica, existem várias formas compostas com *sapere*, ‘saber’, como, por exemplo, *consapev ole*, ‘ciente de algo’; e *consaputo*, ‘sabido por diversas pessoas’.

DPR/MTL

57) **regasta – FEP/PR4**

“Agora tudo estava pronto, das obrigações — afora a de esperar, que é a que **regasta** e se recoze.” (p. 537)

“Adesso tutto era pronto, quanto ai nostri obblighi — salvo quello di aspettare, che è quello che **rilogora** e ricuoce.” (p. 468)

Essa criação lexical foi tratada no Capítulo 4 e resulta, nas duas línguas, de derivação prefixal. A substituição do afixo confere ao neologismo, na LO, uma função estilística. BIZZARRI tenta resgatá-la ao utilizar também, na sua criação morfológica, o prefixo *ri-*, que, como em português, dá a idéia de ‘repetição’. A tradução é literal — “gastar” corresponde a *logorare*.

DPR/MTL58) **lequelequêia – FME**

“...ah, a papeagem no buritizal, que **lequelequêia**.” (p. 44)

“...ah, il cinguettare nel palmeto dei *buritís*, il **risventagliare**.” (p. 42)

Essa formação lexical foi devidamente tratada no Capítulo 4. Na expressão em português, cria-se uma analogia entre o balanço da folha do buriti e o abano do leque. Em italiano, a idéia de movimento de ida e volta, de um leque, é dada pelo verbo *sventagliare*, ‘abanar o leque’. A idéia de ‘repetição’, expressa pela forma “lequeleque” na LO, é representada, na LT, pelo prefixo *ri-*. Assim sendo, a formação lexical, em italiano, faz-se por derivação prefixal e a tradução, por transposição, pois, em português, o neologismo é um verbo, enquanto, em italiano, é um nome.

DPR/MTTR

Total Derivação Prefixal = 12 ocorrências

PROCESSO ROSIANO

59) *soposo* – FME

“Ou — o senhor vai — no *soposo*: de chuva-chuva.” (p. 25)

“Oppure — vossignoria va — nell’*inzupposo*: di pioggia in pioggia.”

(p. 25)

“*Soposo*”, em português, é derivado de “*sopa*”, que, em italiano, é *zuppa*. A tradução italiana com a base *zuppa* seria *zupposo*. A tradução escolhida, no entanto, não é *zupposo*, mas, sim, *inzupposo*, que deriva do verbo *inzuppare* equivalente a ‘ensopar’. Fazendo-se o caminho inverso e traduzindo-se do italiano para o português, o resultado seria, portanto, “ensoposo” e não, “soposo”. Imagina-se que a opção tradutória de BIZZARRI se deve ao fato de que, se optasse por *zupposo*, haveria um som menos eufônico, já que o resultado seria: ... *vossignoria va — nello zupposo* ... [lo dzupozo]. Isso aconteceria porque as palavras masculinas que começam por /z/ em italiano são precedidos pelo artigo *lo*, sem possibilidade de elisão. Com a base *inzuppare*, porém, o tradutor pode utilizar o artigo elidido, o que resulta em: *nell’inzupposo* [lindzupozo], certamente mais eufônico. Como a função desse neologismo, em português, é mista e estilística, entende-se que a opção tradutória é motivada, nesse caso, por uma questão estética. Por outro lado, haveria a possibilidade de uma análise tradutória por equivalência; mas, tendo-se em vista que a base do verbo *inzuppare* é *zuppa*, ou seja, “*sopa*”, que é a mesma base de “*soposo*”, entende-se que a tradução pode ser considerada literal, mesmo que o caminho de volta não seja perfeitamente idêntico. Nota-se, ainda, a correspondência de sufixos na formação lexical nas duas línguas. O sufixo *-oso*, em italiano, acentua as

características expressas pela base. O termo *inzupposo* é um adjetivo que, tomado “referencialmente”, se torna substantivo, como em português. A formação lexical é, pois, por PR6, que se caracteriza pelo uso de afixo a base indevida.

PR6/MTL

60) vivoso – FEP/PR8

“Que não que o céu: esse é céu-azul vivoso, igual um ovo de macucu.” (p. 25)

“Che manco il cielo: e quello é un azzurro-cielo vivoso, simile a uovo di merlo sassaiolo.” (p. 25)

A formação neológica, em italiano, é idêntica à que ocorre na LO. Poder-se-ia, pois, pensar num empréstimo. Prefere-se, no entanto, avaliar que BIZZARRI também cria um neologismo na língua italiana, uma vez que é morfologicamente possível. A base para sua formação é o adjetivo *vivo* acrescido do sufixo *-oso* que, em italiano, intensifica a qualidade expressa pela base.

PR6/MTL

61) olhalhão – FME/PR6

“Jacaré choca — olhalhão, crespido do lamal, feio mirando na gente.” (p. 29)

“Il caimano cova — tutt'occhi, rugoso di fanghiglia, fissando brutto la gente.” (p. 29)

Essa criação lexical foi analisada, também, no Capítulo 4. Para MENDES (1991), essa criação lexical exerce uma função mista e estilística, que estão acopladas à necessidade de se expressar uma idéia nova, numa forma peculiar. Essa formação lexical baseia-se no modelo *tutt'orecchi*, ‘todo ouvidos’. O sufixo “-ão”, do português,

encontra seu equivalente no termo italiano *tutto*, ‘todo’. Entende-se que há, nesse caso, uma tradução por equivalência.

PR11/MTREQ

62) lualã – FME/PR1

“Bela é a lua, lualã, que torna a se sair das nuvens ...” (p. 68)

“Bella è la luna, lunona, che torna a uscire dalle nuvole ...”
(p. 63)

Esse exemplo foi analisado no Capítulo 4 A formação lexical em italiano faz-se por PR6, que se caracteriza pela aplicação de regra de criação lexical a uma base indevida. No caso, o sufixo deveria ser *-one*. Entende-se que a escolha do sufixo *-ona* é ditada por uma tendência da língua oral e, também, pretende garantir, como em português, uma seqüência de vogais *a*, num total de três. Esse sufixo, além de conferir uma função adjetiva ao substantivo e reforçar o caráter semântico, constitui um elemento *a mais*, que não está claramente expresso no português. A tradução é por equivalência.

PR6/MTEQ

63) diabralmente – FM

“Não pude, diabralmente, desarrazoado ...” (p. 458)

“Non potetti, diavolarmente, senza ragione ...” (p. 400)

O advérbio “diabralmente” encontra seu correspondente italiano em *diavolarmente*, que se origina do verbo *diavolare*. Nesse caso, a base para formar um advérbio em *-mente* deveria ser um adjetivo. No entanto, considera-se que é uma tradução literal, uma vez que “diabo” é igual a *diavolo* na LT.

PR6/MTL

64) vezvez – FEP

“...a jagunçada maior reinante no vezvez desses gerais sertões.”
(p. 308)

“...la maggiore combriccola di *jagunços* regnante nei *vaivieni* di quei *sertões* dei *Gerais*.” (p. 273)

Esse exemplo já foi analisado no Capítulo 4. Em italiano, há uma formação lexical a partir do modelo *andirivieni*, composição com os verbos *andare* e *rivenire*, ‘vir’ e ‘vir de novo’. Ocorre, portanto, uma criação lexical por PR11. Como o neologismo em português tem função estilística pura, é difícil depreender-se o seu significado na totalidade. Com base no contexto, entende-se, contudo, que “vezvez” significa a ida e vinda dos jagunços dentro do acampamento e corresponde a *vaivieni* em italiano, cujo significado é o mesmo de *andirivieni*. Ao criar *vaivieni* que reproduz o som de /v/, repetido duas vezes na forma portuguesa, BIZZARRI consegue, além de criar um neologismo como ROSA, atender à função estilística pura conferida à criação lexical em português.

PR11/MTEQ

65) alalã – FME/PR1

“...onde só faltava o buriti: palmeira alalã — pelas veredas.”
(p. 476)

“...dove solo mancava il *buriti*: palma *veliera* — lungo le *veredas*.” (p. 415)

Esse exemplo já foi devidamente tratado no Capítulo 4 e retomado no Capítulo 5, ao apresentar as modalidades tradutórias utilizadas na versão italiana da obra em análise. Assim sendo, considera-se desnecessário repetir aqui sua análise. Sua inclusão

neste conjunto objetiva marcar sua participação no *corpus* deste estudo. Convém, apenas, lembrar que, com base nas observações feitas nos referidos Capítulos, a criação lexical ocorre por **PR11** e a modalidade tradutória é a **modulação**.

66) **deslambendo – FEP/PR4**

“... se **deslambendo** em vento, do cafofo, e perseguindo tudo, um milhão de lavareda azul...” (p. 69)

“... **sdilinguandosi** al vento, e perseguendo tutto, un milione di fiamme azzurre ... “ (p. 64)

Essa formação lexical foi amplamente tratada no Capítulo 4. Há, em italiano, uma formação por **PR16**, que implica o uso simultâneo de dois prefixos: *s-*, com função de movimento, e *di-*, com função de intensidade. Nesse caso, a base é o verbo neológico *linguare*, derivado de *lingua*. Embora “lamber” corresponda a *leccare*, o tradutor opta por criar *linguare*, que remete a “língua” e ao “deslamber” das línguas de fogo, como no texto original.

PR16/MTEQ

67) **furiável – FM/PR6**

“Só o poder do presente é que é **furiável** ? Não.” (p. 321)

“Solo il potere del presente è che è **furiabile**? No ” (p. 284)

O advérbio *furiabile* é formado por derivação sufixal a partir da base *furiare*. Esse verbo é intransitivo, tem uso arcaico e pertence ao registro literário (ZINGARELLI, 1989:781). Segundo SCALISE (1994:107), a formação de um advérbio com sufixo *-bile* tem como base, na maioria das vezes, um verbo transitivo. Como *furiare* é intransitivo, há uma formação lexical fora da RFP, correspondente a

PR6, ou seja, a aplicação de afixos a uma base indevida. A tradução é literal.

PR6/MTL

68) sigritando – FSE

“A fim, o birro e o garrixo **sigritando**.” (p. 294)

“Infine, il *birro* e lo *sgricciolo sigridando*.” (p. 261)

Esse exemplo foi tratado no Capítulo 4. A formação neológica, em português, tem função semântica e estilística. O neologismo, em português, é formado por derivação prefixal com base no verbo “gritar” e tem função semântica e estilística. Em italiano, também há uma derivação prefixal, cuja base é o verbo *gridare*, ‘gritar’. O afixo é inusitado, configurando PR15. A tradução, no entanto, é literal.

PR15/MTL

Processos rosianos = 10 ocorrências

REDOBRO

69) tintipiava – FEP

“E tinha o xenxém, que **tintipiava** de manhã no revoredo...”

(p. 26)

“E c’era lo *xem-xem*, che **cin-ci-cinguettava** al mattino svolazzando ...”

(p. 26)

Esse exemplo foi tratado no Capítulo 4. BIZZARRI traduz literalmente “piar” por *cinguettare* e acrescenta-lhe afixos tomados do próprio verbo, que correspondem ao mesmo som africado pós-palatal surdo do português. Essa modalidade de criação lexical por

redobro envolve significante e significado e garante, na LT, a manutenção da função estilística do neologismo na LO.

REDR/MTL

70) arrejàrrajava – FEP

“Os tiros, que eram: ...*a bala, bala, bala...bala, bala, bala...a bala: bá!* ... — desfechavam com metralhadora. Aí arrejàrrajava, feito um capitão de vento.” (p. 333)

“I colpi, che erano: ... *la palla, palla, palla... palla, palla, palla, palla... la palla: pa!*... — sparavano con la mitragliatrice. Lì gragagnulava, come tempesta di grandine.” (p. 294)

Em seu estudo sobre os prefixos intensivos em *Grande sertão: veredas*, GALERY esclarece que o prefixo “re-” precedido de “a-” adquire valor intensivo. Aponta, também, o efeito onomatopaico e lúdico resultante desse prefixo “arre-”. Esta é sua análise quanto a essa formação lexical:

“É essa a mais original formação com *arre-*, por causa de seu efeito onomatopéico e do “acento lúdico”, que já lhe notara CAVALCANTI PROENÇA. GUIMARÃES ROSA não agregou o prefixo *arre-* diretamente ao verbo *rajar* porque na formação resultante haveria um encontro silábico desagradável e de difícil pronúncia. É provável que isso o tenha levado a antecipar e repetir a sílaba *ja*, o que produziu um efeito curioso de reduplicação silábica. A reduplicação silábica é, aliás, artifício bastante empregado pelo autor ...” (GALERY, 1969:86)

BIZZARRI traduz “rajar”, base da formação neológica portuguesa, por *gragnolare* ‘cair de chuva de pedras’. Considerando-se que a rajada da metralhadora quanto a queda do granizo produzem um som contínuo, há, nos dois casos, uma

analogia entre os efeitos sonoros, o que justifica a análise tradutória por equivalência. O tradutor, assim como ROSA, repete a sílaba inicial do verbo *gragnolare* e faz um ajuste fonético por apagamento do /r/ e alomorfia da vogal o, que passa a u. Entende-se que essa alomorfia é uma forma de aproximar o neologismo *gragagnulava* do substantivo *gragnuola*, ‘granizo’, já que o verbo *gragnolare* é de uso raro, conforme esclarece ZINGARELLI (1989:840).

REDR/MTEQ

Redobro = 02 ocorrências

EMPRÉSTIMO

71) brumalva – FSE

“... na brumalva daquele falecido amanhecer...” (p. 47)

“... nella brumalva di quel defunto albeggiare...” (p. 45)

Em português, existem os substantivos “bruma” e “alva”. Em italiano existem *bruma* e *alba*, mas não “alva”. Dessa forma, a adoção de “alva” para a composição da criação lexical faz com que o neologismo italiano seja considerado empréstimo, em termos tanto morfológicos quanto tradutológicos.

EMP/MTE

72) pispissiu – FEP

“...eu esperei o pispissiu de alguma outra bala...” (p.311)

“...aspettai il pispissiu di qualche altra pallottola ...” (p.275)

Nesse caso, a formação lexical é onomatopaica e a modalidade de tradução é o empréstimo.

EMP/ONO/MTD

Empréstimo = 02 ocorrências

EXPANSÃO DE EMPRÉSTIMO

73) farfal – FEP

“Que é que diz o farfal das folhas?” (p. 292)

“Cosa è che dice il farfagliare delle foglie?” (p. 259)

A criação lexical, em português, tem função estilística pura. Esse neologismo encerra, sem dúvida, uma intenção onomatopaica, ao imitar o barulho das folhas movidas pelo vento. A sonoridade obtida pela aliteração do som fricativo labiodental /f/ em “farfalhar das folhas” é retomada, na tradução italiana, com *farfagliare delle foglie*. Entende-se que o tradutor adota o termo “farfal” do português e o expande por derivação sufixal, criando *farfagliare*, que, em seguida, é substantivado. Em italiano, seria também possível formar *farfaglio*, que seria mais aderente ao português. No entanto, essa forma seria menos eufônica por causa da repetição muito próxima do som palatal lateral. Considera-se preservada também, na tradução neológica, a função estilística da criação lexical da LO.

EXP/EMP/MTL

Expansão de empréstimo = 01 ocorrência

REDUÇÃO

74) pim – FEP

“Aí Zé Bebelo não discrepou pim de surpresa..” (p. 84)

“E lì Zé Bebelo non dimostrò un zin zin di sorpresa ...” (p. 77)

Conforme análise de MENDES, nesse exemplo, a função da criação neológica, em português, é estilística pura. Essa função parece resguardada em italiano, uma vez que o tradutor, ao formar

seu neologismo, cria um termo de carga estilística maior que a semântica, mantendo, ainda, a vogal /i/ e o som nasal do original. Quanto à tradução, analisa-se *zin zin* como redução da palavra *zinzino*, ‘pequena porção de algo que costuma ser comida ou bebido’. Entende-se que a modalidade tradutória é a equivalência.

REDUÇÃO/MTEQ

Redução = 01 ocorrência

OMISSÃO DA TRADUÇÃO

As omissões tradutórias dos neologismos rosianos, na versão italiana de *Grande sertão: veredas*, são, ao todo, cinco. Essas omissões não chegam a comprometer a apreensão do significado. Implicam, no entanto, perdas da função estilística e/ou semântica, conforme se esclarece a seguir.

1) *frisso* – FEP

“...e mosca-verde que se ousou, sem o zumbo *frisso*, perto no ar.”
(p. 201)

“... e la mosca verde che si avventurò senza il suo *ronzio*, lí vicino nell’aria.” (p. 180)

Nesse exemplo, o adjetivo “*frisso*”, que desempenha função estilística pura, provavelmente onomatopáica, não é traduzido. Essa falta tradutória, que acarretaria, em princípio, uma perda de caráter estilístico, é, por outro lado, compensada no nível sonoro, uma vez que o tradutor antepõe um adjetivo possessivo a *ronzio*, tradução de “zumbo”, resultando em: *suo ronzio*. Dessa forma, é retomado o fonema /s/, contido em “*frisso*”.

2) **assazmente** – FEP/PR8

“Assim, **assazmente**, João Concliz tornava a vir, zelante ..”

(p. 305)

“E intanto Gian Concliz tornava a venire, zelante...” (p. 271)

A omissão tradutória, nesse exemplo, concretizada na não-tradução de “assazmente” gera uma perda de caráter estilístico, pois esse neologismo em português tem função estilística pura. Não há, no entanto, perda de ordem semântica.

3) **Talmente** – FEP/PR6

“**Talmente** eu podia lá ir, com todos me misturar, enviar por? Não!” (p. 517)

“Potevo io andar lá, mescolarmi con tutti gli altri, combattere? No!” (p. 451)

Nesse exemplo, a omissão tradutória de “talmente”, ‘desse modo’, que exerce a função estilística pura no texto da LO, parece acarretar perda estilística no texto da LT.

4) **sobreleve** – FS

“Aquela cozinha grande, no cabo do negócio, muito me aprisionava, de **sobreleve**; e contei os companheiros ...” (p.345)

“Quella cucina grande, punto di partenza, c’imprigionava molto; e contai i compagni...” (p. 305)

A omissão da tradução de “sobreleve” parece implicar uma perda semântica: de uma lado, porque esse neologismo, no texto em português, exerce função semântica; do outro, pela função intensiva que o prefixo “sobre” exerce em geral, conforme esclarece GALERY (1969:91).

5) **contra-fim** – FSE

“... despeitos de ainda carecer de aprender, **contra-fim**.” (p.120)

“... e fosse indispettito per il fatto di avere ancora bisogno d'imparare.” (p. 108)

Como esse neologismo tem função semântica e estilística na LO, a omissão tradutória gera perdas nessas duas áreas, sem, contudo, comprometer a compreensão do texto.

Os dados referentes à análise morfológica dos neologismos criados por BIZZARRI foram agrupados com base nos tipos de processo de formação lexical, número de ocorrências e seu valor percentual e são apresentados no Quadro 1.

QUADRO 1

Processos de criação lexical em italiano na tradução dos neologismos rosianos de *Grande sertão: veredas*

Processo de criação lexical	Número de ocorrências	Valor percentual
DSU	25	33,78
CP	13	17,57
DPR	12	16,22
PR	10	13,51
ONO	08	10,82
EMP	02	2,70
REDR	02	2,70
EX EMP	01	1,35
REDUÇÃO	01	1,35
TOTAL	74	100

Com base nos dados apresentados nesse quadro, observa-se que BIZZARRI cria seus neologismos utilizando com maior frequência, os processos mais comuns de formação lexical, que são a derivação, prefixal e sufixal, e a composição. Assim, considerando-se o total de ocorrências, os neologismos constituídos por derivação sufixal correspondem a 33,78 e por derivação prefixal, a 16,22%; já a criação lexical por composição equivale a 17,57%.

Em ordem de frequência, seguem-se as criações lexicais constituídas por processo rosiano, com um índice de 13,51%. Esse processo constitui uma tarefa bastante complexa, pois, para tanto, BIZZARRI se propõe, ao mesmo tempo, a criar palavras novas, de forma não-convencional, que tenham transparência semântica, sejam

correspondentes ao significado de seus equivalentes na LO e, ainda, dêem conta de desempenhar a mesma função que os neologismos exercem na LO. Em face disso, pode-se concluir que esse percentual é bastante alto, já que se aproxima muito dos processos mais comuns de formação lexical mencionados inicialmente.

Os casos de formação lexical por **onomatopéia** correspondem a **10,82%**, seguidos dos de **empréstimo** e de **redobro**, bem menos freqüentes, apresentando, cada um, um índice de **2,70%**. Por último, as ocorrências de **expansão de empréstimo** e **redução** correspondem a **1,35%** cada um.

Da mesma forma, os dados referentes à modalidade de tradução resultante da análise tradutória de 74 criações lexicais rosianas foram agrupados com base no número de ocorrências e seu valor percentual e são apresentados no Quadro 2.

QUADRO 2

Processos tradutórios das 74 criações lexicais rosianas na versão italiana de *Grande sertão: veredas*

Modalidade de tradução	Número de ocorrências	Valor percentual	Tipo de formação lexical
MTL	52	70,27	DSU = 23 / CP = 13 / DPR = 9 / PR = 5 / REDR = 1 / EXEMP = 1
MTD	10	13,51	ONO = 8 / DPR = 1 / EMP = 1
MTEQ	08	10,82	DSU = 1 / DPR = 1 / REDR = 1 / PR = 4 / REDUÇÃO = 1
MTTR	02	2,70	DSU = 1 / PR = 1
TEM	01	1,35	EMP = 1
MTM	01	1,35	PR = 1
TOTAL	74	100	

Com base nos dados apresentados nesse quadro, observa-se que a modalidade de tradução utilizada por BIZZARRI, na grande maioria das vezes, — ao todo, 52 ocorrências —, é da **tradução literal**, correspondendo a **70,27%** dos 74 neologismos italianos. No mesmo quadro, ao lado desse índice, estão discriminadas e quantificadas as formas da constituição morfológica dos neologismos assim traduzidos. De sua leitura, conclui-se que os processos mais comuns de formação lexical são, também, os formadores mais frequentes dos neologismos traduzidos por essa modalidade. Assim sendo, verifica-se que há 52 ocorrências de tradução literal, que compreendem 23 casos de derivação sufixal, 13 de composição, nove de derivação prefixal, cinco de processo rosiano, um de redobro e um de expansão de empréstimo.

O **decalque** é a segunda modalidade tradutória mais utilizada. É empregado em **10** das vezes, ou seja, em 10 ocorrências, e, em oito casos, traduz neologismos constituídos por onomatopéias. Essa escolha justifica-se por estar essa modalidade tradutória em relação direta com a formação lexical do termo a ser traduzido, pois a onomatopéia propõe-se, justamente, a reproduzir graficamente um determinado som. Esse som, para ser traduzido, é tomado por empréstimo à LO e adaptado ao sistema fonológico da LT. Nesse momento, ocorre a tradução por decalque.

A modalidade tradutória da **equivalência** é a terceira mais utilizada — ao todo, oito ocorrências —, representando **10,82%** do total. Nesse caso, não há uma relação direta com o tipo de processo de criação lexical, visto que a tradução por essa modalidade visa, basicamente, à correspondência semântica.

A tradução por **transposição** ocorre duas vezes, atingindo um índice de **2,70%**. As modalidades de empréstimo e de modulação

ocorrem, cada uma, uma vez, correspondendo a um índice de 1,35% cada uma delas. Nesses casos, apenas o empréstimo tem uma relação direta com o tipo de formação lexical, como já foi explicado.

Quanto à **omissão** tradutória, verifica-se que, dos 942 neologismos presentes no texto de ROSA, apenas cinco não recebem tradução na língua italiana, o que representa 0,53% desse total. Com base na função exercida por essas criações neológicas no texto da LO, é possível concluir-se que, das cinco omissões tradutórias detectadas, resultam três casos de perda estilística, um caso de perda semântica e estilística e um outro de perda semântica. Em nenhum deles, contudo, há, comprometimento da compreensão textual.

CAPÍTULO 7

A tradução não-neológica dos neologismos rosianos na versão italiana de *Grande sertão: veredas*

Este estudo não pretende limitar-se à análise das traduções neológicas. Assim, propõe-se a examinar, também, as soluções tradutórias não-neológicas.

Como já se viu, das 942 criações lexicais rosianas em *Grande sertão: veredas*, apenas 74 foram traduzidas por, igualmente, novas formações lexicais. À primeira vista, esse número de criações neológicas na LT parece baixo, sobretudo se se parte do pressuposto de que BIZZARRI, no seu trabalho de tradução, não deixaria de privilegiar a característica mais marcante da obra em questão, que é, de fato, a riqueza lexical. Então, se a intenção é verificar de que forma o tradutor enfrentou esse problema — pois não lhe bastaria pegar o leitor pela mão e ir andando com ele pelo sertão e suas veredas —, faz-se necessário examinar como ele concluiu a caminhada, até por outras trilhas, isto é, como ele fez o texto da LT alcançar a função textual da obra original, mesmo que por meios lingüísticos diferentes dos de ROSA.

Seguem -se alguns exemplos de soluções tradutórias não-neológicas com a análise do tratamento que BIZZARRI confere ao neologismo correspondente, ou melhor, à função que este exerce no seu contexto, na LO.

- 1) “Intanto, penso io, tutto quel che c’è, in questo mondo, è perché ce lo meritiamo e ne abbiamo bisogno. Già fin da prima.”

(p. 17)

“Por enquanto, que eu penso, tudo quanto há, neste mundo, é porque se merece e carece. Antesmente preciso.” (p. 16)

O termo português “antesmente”, conforme análise de MENDES (1991:8), é formado por PR8, que faz uso pleonástico de afixos e exerce função estilística pura. Na tradução italiana, BIZZARRI expressa a idéia de anterioridade pelo emprego do termo *già*, que, nesse caso, imprime a marca temporal de algo que aconteceu no passado; por intermédio da locução temporal *fin da prima*, ‘desde antes’, cujo uso é arcaico e define o ponto de partida da ação expressa. Entende-se que há uso pleonástico do advérbio e da locução adverbial de tempo — *già* e *fin da*, respectivamente —, assim como, em português, há uso pleonástico dos afixos. O tradutor utiliza, portanto, o mesmo processo de ROSA, com a diferença de que este recorre a uma criação neológica lexical, enquanto aquele faz uma combinação inédita de marcas temporais, empregando, ainda, uma expressão arcaica. Desses dois fatores decorre um significado temporal fortemente marcado e uma certa estranheza estilística. Com isso, realiza-se, também no texto da LT, a função do neologismo criado por ROSA e é preservada a sua função estilística, apesar de não ocorrer criação neológica.

2) “Zé Bebelo, finito di parlare, rimase lí seduto, più piccolo, piccolino piccolino, tutto rattratto.” (p. 233)

“Zé Bebelo, acabando nas palavras, ali sentadinho ficou, **repequeno**, pequenininho, encolhido ao mais.” (p. 261)

O neologismo “repequeno” não é traduzido de forma neológica, mas o significado do prefixo “re-” é resgatado mediante o uso de *più*, ‘mais’, que prece o adjetivo *piccolo*, ‘pequeno’, formando-se, assim, o superlativo deste. O adjetivo “pequenininho” é traduzido repetindo-se duas vezes o adjetivo *piccolo* na sua forma diminutiva; dessa forma, ele é superlativizado. Além disso, para concluir a idéia de pequenez, o tradutor introduz o adjetivo

rattrato precedido de *tutto*, significando ‘todo encolhido’ e correspondendo a “encolhido a mais”. Nota-se que *rattrato* pertence ao registro literário e, de certo modo, compensa a formação inusitada de “encolhido a mais” e da tradução não-neológica da criação lexical “repequeno”. Com o uso dessas estratégias morfossintáticas, BIZZARRI obtém efeito semântico-estilístico do texto português.

3) “Adesso parlava lentamente, **mellifluo**; come se stesse sempre immaginando, e raccontasse una storia a se stesso.” (p.311)

“Agora falava devagarinho, de **sonsom**, feito se imaginasse sempre, a si mesmo uma estória recontasse.” (p.352)

O neologismo em português exerce função estilística pura, expressando, por meio do fonema /s/ que se repete em “sonsom”, a idéia de doçura. Essa idéia é expressa em italiano também, mas não por processo fonológico, como em português, mas, sim, pelo emprego do adjetivo *mellifluo*, que qualifica algo, atribuindo-lhe a doçura do mel. O fato de esse termo pertencer ao registro culto e literário torna seu uso pouco comum, recriando o mesmo efeito que produz o neologismo no texto da LO. (ZINGARELLI, 1989:1133).

4) “... mi diceva solo il mio cuore: che, l’Ermogene ed io, senza **tardanza**, ci saremmo affrontati, in qualche punto ... ” (p.441)

“... me dizia meu coração: que, o Hermógenes e eu, sem **dilato**, a gente ia se frentear, em algum trecho...” (p.505)

Nesse caso também, não há tradução neológica, no entanto, o uso do termo *tardanza*, que é arcaico, portanto de baixa frequência de uso, cria no leitor o mesmo efeito do neologismo no texto da LO (ZINGARELLI, 1989:1961).

5) “L'Urucuia è un fiume, il fiume delle montagne. **Ribeve** l'allargarsi dei pantani, verde a verde, *veredas...*” (p.356)

“O Urucuia é um rio, o rio das montanhas. **Rebebe** o encharcar dos brejos, verde a verde, *veredas...*” (p.383)

O neologismo “rebebe” é traduzido literalmente, em italiano, por *ribeve*. O verbo *ribere* não é neológico, mas é de uso raro. Isso faz com que esse termo também produza no leitor o efeito equivalente àquele do neologismo do texto da LO (ZINGARELLI, 1989:1586).

Por esses exemplos, é possível verificar-se que os neologismos da LO, mesmo quando não são traduzidos de forma neológica, não deixam, na maioria das vezes, de cumprir sua tarefa também na LT. Quando não ocorre o impacto pelo estranhamento causado por um significante inédito, há, freqüentemente, um desencontro do leitor italiano em relação ao seu horizonte de expectativa, que se manifesta, às vezes, no nível morfossintático e, outras, no nível estético-estilístico. Verifica-se, em muitos casos, a escolha de um léxico de baixa freqüência de uso, como um regionalismo, um preciosismo ou um arcaísmo. Entende-se ser esse procedimento um recurso de que o tradutor lança mão para compensar a falta de uma tradução neológica na LT e, assim, garantir a manutenção das funções exercidas pelos neologismos na LO.

CAPÍTULO 8

Formas de compensação na tradução dos neologismos rosianos

8.1 A morfossintaxe e o estilo

Ao longo de todo o texto da versão italiana de *Grande sertão: veredas*, depreende-se, em algumas passagens, o uso de determinados termos ou um tipo de ordenação estrutural não exatamente idênticos àqueles que o leitor da literatura italiana costuma esperar. Nesses casos, trata-se de tradução não-neológica, na LT, de termos também não-neológicos na LO, mas marcados com uma característica morfossintática peculiar. Para tanto, são utilizadas, por exemplo, palavras de baixa frequência de uso, arcaísmos, regionalismos ou uma ordenação frasal inusitada, conferindo algo de “estrangeiro” ao texto italiano.

Seguem-se alguns exemplos dessas ocorrências devidamente comentados:

1) “Borbottai **che no.**”(p. 130)

“Rosnei que não.”(p. 145)

2) “Penso **che no.**” (p. 182)

“Em tenho que não.” (p. 203)

3) “Confesso **che si: fu di me che si spaventarono.**” (p. 352)

“Dou confesso o que foi: era de mim que eles estavam espantados.”

(p.401)

4) “Dissi **che no, no, e no.**” (p. 480)

“Dissi **que não, não, não.**” (p. 550)

5) “Scuoteva la testa **che no che no**, pareva che ci provasse gusto a poter negare così.” (p. 326)

“... sacudia a cabeça **que não que não**, que parecia ter gosto de poder negar assim.” (p. 370)

MORETTI (1994:464) registra que, em italiano, para se afirmar, ou se negar, com verbos declarativos ou que expressam juízo pessoal, se empregam os advérbios *sì* ou *no*, precedidos da preposição *di*. Por exemplo: *Dico di sì*. BIZZARRI, no entanto, utiliza, nesse mesmo caso, a conjunção *che*. Essa conjunção tem diversos usos em italiano — um deles é o de introduzir orações subordinadas declarativas —, mas não o de substituir a preposição *di* antes dos advérbios *sì* ou *no*.

6) “Come Reinaldo disse d’essere uno di quelli, io ebbi il coraggio di offrirmi per restare...” (p. 120)

“O Reinaldo se dizendo ser um deles, eu tive coragem de oferecer também que ficava ...” (p. 133)

7) “Come Zé Bebelo cavalcava sempre in testa, vedendo la cosa, prescrisse **che non si** perseguissero quei tali...” (p. 325)

“**Sendo que** Zé Bebelo assim na dianteira sempre cavalhava, vente, superintendeu que não perseguíssemos aqueles tais ... ” (p.368)

8) “Quel nitrito acuto simile a un riso sottile, e, come non potevano svignarsela lontano, alcuni sudavano ... ” (p. 352)

“Ardido aquele nitrinte riso fininho, e, como não podiam se escapulir para longe, que uns suavam ...” (p. 401)

Em português, esses exemplos são constituídos de uma oração principal e de uma subordinada, expressando uma idéia de causalidade ou de explicação, idéia que, na língua italiana, segundo MORETTI (1994:486), poderia ser expressa de várias formas, como, por exemplo, pelas conjunções e locuções conjuntivas *perché*, *poiché*, *giacché*, *dal momento che*, *visto che*, *posto che*, *considerato che*, *in quanto*, *per via che*, etc. e pela conjunção *siccome*, formada por *così come*, cujo uso é cada vez mais freqüente nessa língua.

Desta última conjunção, *siccome*, BIZZARRI utiliza apenas o *come*, um dos elementos que a compõem. A palavra *come*, em italiano, desempenha diversas funções, entre outras, as de advérbio de modo ou de advérbio interrogativo, bem como é usada, também, para se fazer a comparação de igualdade, para formar uma oração exclamativa, introduzir uma subordinada temporal, modal e outras; nunca, porém, é empregada para expressar causalidade. O uso de *come* em vez de *siccome* cria um certo embaraço interpretativo ao leitor, sem, contudo, chegar a comprometer o significado, que é depreendido do contexto.

Nos exemplos 7 e 8, observa-se que os neologismos “vente” e “nitrinte”, respectivamente são traduzidos sem criação neológica. Nos dois casos, pode-se interpretar o uso de *come* por *siccome* como uma forma de compensar a não-tradução neológica dos referidos termos.

9) “... e non aveva visto ombra di **puttana nessuna**, solo un piccolo spaccio...” (p.197)

“... não viu ar de **mulher-da-vida nenhuma**, só uma vendinha...”
(p.220)

10) “Mi contenni, dunque; non feci **manifestazione nessuna.**”

(p.199)

“Retente, então permaneci; não fiz **mostra nenhuma.**” (p.222)

Esses dois exemplos apresentam um pronome indefinido de sentido negativo posposto ao substantivo, quando sua colocação regular costuma ser a de anteposição a ele. Trata-se, nesse caso, de um recurso estilístico para conferir-se ênfase à expressão (ZINGARELLI, 1989:1232) e, ao mesmo tempo, conseguir-se maior correlação com o estilo rosiano.

11) “Perfino le pietre là nel fondo, una sbatte nell'altra, si vanno **arrotondando** lisce...” (p.17)

“Até as pedras do fundo, uma dá na outra, vão-se **arredondinando** lisas...” (p.16)

Nesse exemplo, o tradutor utiliza o verbo italiano *andare*, que corresponde a “ir” em português, seguido do verbo principal no gerúndio. Assim empregado, esse verbo perde o sentido próprio, a idéia de ‘deslocamento’, passando a expressar a idéia de uma ‘ação contínua’. Apesar de essa utilização ser contemplada pelo dicionário ZINGARELLI (1989:84), seu emprego não é muito comum em italiano. Seria mais natural utilizar-se somente o gerúndio, o que resultaria em *una sbatte nell'altra, arrotondandosi lisce*. A escolha do tradutor, no entanto, faz com que a idéia de ação duradoura, contínua, expressa na LO, seja preservada.

12) “Abbracciavo il mio amico Diadorim, il mio sentimento **andava volando** diretto a lui.” (p.20)

“Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia-voava reto para ele ...” (p.20)

Nesse exemplo, o verbo italiano *andare* é utilizado no seu sentido próprio, o de “ir”, implicando ‘deslocamento’. A frase *il mio sentimento andava diretto a lui* significa ‘o meu sentimento ia reto para ele.’. A inclusão de *volando*, ‘voando’, expressa a maneira como o sentimento ia. A tradução é, portanto, correspondente ao português, mas a ordem dos elementos, na frase em italiano, está invertida, pois era de se esperar que, nesse caso, o modo fosse explicitado depois do lugar, resultando em *il mio sentimento andava diretto a lui volando*. A ordenação frasal inusitada, no texto da LT, exatamente como está no texto da LO, garante a equivalência à intenção comunicativa do autor e a reprodução do estilo rosiano.

13) “**La gente viene dall’inferno — noi tutti — insegna il mio compare Clemente.**” (p.43)

“**A gente viemos do inferno — nós todos — compadre meu Quelemém instrui.**” (p.45)

O emprego de “a gente”, em português, e *la gente*, em italiano, merece algumas observações. A expressão “a gente” significa ‘a(s) pessoa(s) que fala(m); eu, nós.’ Em italiano, conforme esclarece o *Vocabolario della lingua italiana* (ZINGARELLI, 1989:801), a palavra *gente* tem diversos empregos — um deles é o de designar ‘pessoas em geral’. Segundo MORETTI (1994:152), o substantivo italiano *gente* tem significado análogo ao de pronomes indefinidos, quando, então, é utilizado com significado indeterminado. Portanto, apesar de ser homógrafo e ter significado parecido com o do português, não abarca o significado de ‘nós’ ou ‘eu’.

No exemplo dado, ROSA utiliza “a gente” com o significado de ‘nós’ e faz a concordância popular do verbo com este pronome pessoal. No mesmo caso, o tradutor faz seu narrador utilizar a expressão *la gente*, mas referindo-se às ‘pessoas em geral’. Com isso, universaliza a sua declaração. Depois, utilizando *noi tutti*, este inclui-se e a seus companheiros na mesma declaração. Dessa forma, BIZZARRI retoma a intenção de ROSA, que, ao usar “a gente”, quer dizer ‘nós’, reforçando essa idéia com a expressão “nós todos”, que vem em seguida. Entende-se que, ao empregar a expressão *la gente*, o tradutor mantém a relação com o significante português, mas, com um acréscimo de significado, que é reajustado, de certa forma, quando ele explicita o sujeito pelo emprego de *noi tutti*.

Desse exemplo, deduz-se o quanto BIZZARRI procura manter-se em consonância com a fala e o estilo rosianos, inclusive desviando-se da semântica italiana. Nesse caso, o desvio a que procede, na verdade, ROSA também o comete, porém no nível sintático, quando faz o verbo concordar não com o sujeito explícito “a gente”, mas com a idéia, nele implícita, de “nós.”

14) “Quasi quasi dico a vossignoria una cosa che non è poi tanto conosciuta: **sempre che** si comincia a provare amore per qualcuno, nel tran-tran ...” (p.117)

“Diz-que-direi ao senhor o que nem tanto é sabido: **sempre que** se começa a ter amor a alguém, no ramerrão ...” (p.130)

A expressão *sempre che*, em italiano, gera um estranhamento no nível sintático. De acordo com ZINGARELLI (1989:1770), essa expressão pode introduzir, como nesse caso, uma oração subordinada temporal, mas tal uso é arcaico.

15)“Niente ammazzare. Gli faranno il processo... [...] Allora Joca Ramiro acconsentí, diede il **placet**, promise il processo presto...” (p.212)

“Matar não. Vão dar julgamento... [...] Aí Joca Ramiro consentiu, o **praz-me**, prometeu julgamento já...” (p.237)

O termo latino *placet*, que significa anuência, concordância, pertence ao registro jurídico e diz respeito a documentos que, até o ano de 1929 — data da Concordata entre a Igreja Católica e a Itália —, eram expedidos pelas autoridades governamentais para regular a publicação e o cumprimento de atos eclesiásticos. Assim, a utilização, pelo tradutor, desse termo usado, na origem, para expressar legalmente um ato de concordância advindo de um órgão superior, reforça o peso da palavra da personagem que o pronuncia e fortalece sua imagem de chefe. A tradução é feita, pois, por recriação.

16) “Ci pensai, in un **interim**.” (p.354)

“Pensei o dito, num **interim**.” (p.403)

O emprego do termo latino *interim* denota que o falante possui uma certa cultura e confere superioridade a quem o utiliza. Nesse caso, quem fala é Riobaldo, que havia sido professor de seu interlocutor. A conservação do termo em latim na LT, assim como é empregado no texto da LO, garante a manutenção da função estilística na tradução.

17)“Cosa c’era, cosa vidi, nell’accampamento dell’Ermogene? **Bravacci. Caravanserraglio.** ” (p.137)

“No que foi, no que me vi, no acampo do Hermógenes. **Cabralhada. Tiba.**” (p.152)

O termo escolhido para a tradução de “cabralhada” — que, em português, tem uma conotação negativa, remetendo a “capangas” e “cangaceiro”, é — *bravacci*. Em italiano, esse termo remete a um tipo de bandido da Itália do século XVIII, chamado *bravo*, que recebia abrigo de um rico senhor, a quem garantia seus serviços em troca de impunidade e sustento. No exemplo dado, o termo *bravo* sofre alteração pelo acréscimo do sufixo *-accio* — o que lhe dá uma conotação pejorativa, — transformado, em seguida, no plural. Dessa forma, exerce a mesma função e mantém o significado de ‘reunião’/‘coleção’ que o sufixo “-ada” confere a “cabralhada” (ROCHA, 1996:61). Constitui, assim, uma escolha tradutória muito apropriada, uma vez que o termo *bravo* é conhecido pelo leitor italiano em geral, constituindo, inclusive, a denominação dos capangas de Don Rodrigo, personagem de *Os noivos*, obra clássica da literatura italiana do século XIX. No entanto, para o leitor que não conhece essa acepção do termo, mas apenas seu significado mais comum (que, em português, corresponde a ‘bom’) ou somente o significado do registro literário (que corresponde a ‘valente’ em português), esse emprego pode causar um certo estranhamento (ZINGARELLI, 1989:243).

A expressão “tiba”, ‘lugar cheio de pessoas e coisas’, também recebe, nesse exemplo, uma tradução muito adequada. O termo *caravanserraglio* é decalque de uma palavra persa, que significa, literalmente, ‘pousada’, ‘albergue para caravanas’. No mundo islâmico e na Ásia, designa o lugar de abrigo das caravanas durante a noite. Portanto, em sentido figurado, pode significar ‘lugar de muito barulho confusão e desordem’ (ZINGARELLI, 1989:301). O termo é pouco usado na língua italiana.

8.2 A tradução neológica de expressões não-neológicas no texto da LO

Como já se disse, ao ler a versão italiana de *Grande sertão: veredas*, o leitor italiano sente-se, algumas vezes, um pouco deslocado de seu mundo, de suas expectativas enquanto leitor. Em função disso, foram discutidos os neologismos, criados por BIZZARRI, responsáveis por essa estranheza e, também, algumas ocorrências em que essa responsabilidade cabe a desvios na morfossintaxe.

No entanto, há casos em que o tradutor cria um neologismo no texto da LT, sem que este ocorra no texto original português. As ocorrências desse tipo não são muitas, mas atestam a consciência que BIZZARRI tem da importância da criação lexical no texto rosiano. Essas ocorrências não são, porém, quantificadas neste estudo, porque a análise delas não faz parte dos seus objetivos. Entende-se, contudo, que, uma vez detectado, esse procedimento do tradutor deve ser assinalado.

Seguem-se alguns exemplos comentados sucintamente:

1) “**Stramaledetti! Disgraziati!**” (p.281)

“**Os mais malditos! Os desgraçados!**” (p.317)

Nesse exemplo, o advérbio intensificador “mais” em português, é substituído, na tradução, pelo prefixo *stra-*, que indica ‘medida excessiva’ fora do normal. Assim sendo, nesse caso, há uma criação neológica por DPR e a tradução faz-se por equivalência.

2) “*Legge del jagunço è il momento, il meno-lussi.*” (p.223)

“**Lei de jagunço é o momento, o menos luxos.**” (p.250)

Nesse exemplo, verifica-se uma criação neológica, na LT, por composição e tradução literal.

3)“... circondato di *buritis* dei più alti: *buriti* — verde che si sfina e riveste, **gentilbellezza.**” (p.40)

“... rodeada de buritizal dos mais altos: buriti — verde que afina e esveste, **belimbeleza.**” (p.42)

Comprova-se, nesse exemplo, comprova-se uma formação lexical neológica, na LT, por composição e tradução literal.

4)“Così **d’oggi-in-avanti**, d’ora innanzi, sempre dobbiamo essere: lui l’Ermogene...” (p.283)

“Assim, **d’hoje-em-diante** doravante, sempre temos de ser: ele o Hermógenes ...” (p.320)

Há, nesse caso, uma criação lexical por processo de formação sintagmática coesa e tradução literal. O termo em português não é considerado neológico, mas, de certa forma, o hífen faz com que a expressão seja “neológica.”

Todos esses exemplos comprovam tratar-se de formações lexicais possíveis na língua italiana, embora não-existentes. A opção de BIZZARRI por criar novas unidades lexicais que não ocorrem no texto da LO é bem mais difícil de ser realizada do que a de lançar mão de um léxico já existente. Esses neologismos representam, pois, uma iniciativa autônoma do tradutor e podem constituir uma outra forma de compensar a tradução não-neológica de formações lexicais inéditas no texto da LO, desde que a LT o permita.

8.3 Considerações sobre a função do prefixo “des-” nas criações lexicais em português e suas traduções

Conforme esclarece GALERY (1969:51), o prefixo “des-” é o mais bem representado nas formações novas de *Grande sertão: veredas*, em que aparece, na grande maioria das ocorrências, com sentido negativo. No entanto, ROSA cria, também, neologismos em que esse prefixo assume uma função intensiva: “Em outro grupo de palavras, o prefixo *-des* assume função nitidamente intensiva, porque seu valor de negação coincide com o sentido de certo modo negativo que há no radical” (GALERY, 1969:59). Pretende-se, então, verificar como o tradutor confere o valor negativo a esse tipo de neologismos, já que não utiliza, na LT, os prefixos italianos de negação *dis-* ou *s-*. Pretende-se, também, observar o tratamento que recebem as criações neológicas formadas por derivação prefixal com “des-”, quando este exerce a função intensiva.

Seguem-se alguns exemplos dessas criações lexicais, com a sua tradução para o italiano e a análise da solução tradutória.

Exemplos de criação lexical em que o prefixo “des-” tem função negativa

1) “Não fosse meu **despoder**, por azias e reumatismo ...” (p.24)

“Non fosse che ormai **servo poco**, per via dell'acidità di stomaco e dei reumatismi..” (p.25)

A idéia de ‘impossibilidade de realizar empreendimentos’, contida em “despoder”, é traduzida por *servo poco*, equivalente, em português, a ‘sirvo pouco’. Essa idéia é, ainda, reforçada pelo

advérbio de tempo *ormai*, ‘nessas alturas’, ‘agora’. A modalidade tradutória é a equivalência.

2) “Moxinife de más gentes, tudo na **deslei** da jagunçagem bargada.”
(p.148)

“Guazzabuglio di gente cattiva, tutti nel **fuorilegge** del banditismo mercenario.” (p.133)

Nesse caso, o tradutor, embora utilize um substantivo dicionarizado, *fuorilegge*, ‘fora-da-lei’, cria um neologismo semântico, pois esse substantivo, no exemplo dado, designa o bandido e não, o estado em que ele se encontra, como se comprova no texto da LO. Entende-se, pois, que a modalidade tradutória é a equivalência.

3) “Mas, em **deslúa**, no escuro feito, é um escurão...” (p.30)

“Ma, a **luna spenta**, quando è buio fatto, c’è un’oscurità...”
(p.29)

Nesse exemplo, o tradutor opta por qualificar a lua por meio do adjetivo *spenta*, ‘apagada’. A tradução, nesse caso, faz-se por equivalência.

4) “De repente, **desriu**.” (p.74)

“Dia colpo, **cessò di ridere**.” (p.76)

Nesse exemplo, a opção do tradutor é por adotar um verbo que tem um significado negativo, sem usar qualquer advérbio de negação. A expressão italiana *cessò di ridere* corresponde a ‘parou de rir’, em português.

5) “...a figura muita, o gibão **desombrado**.” (p. 231)

“... la lunga figura, la giubba dia cuoio **giù dalle spalle**.” (p. 221)

Para a tradução do neologismo “desombrado”, na descrição do giibão, o tradutor emprega a locução *giù dalle spalle*, ‘abaixo do ombro’. A modalidade tradutória é, portanto, a equivalência.

Essa pequena amostra de criações lexicais formadas pelo prefixo “des-” com significado negativo e traduzidas para o italiano sem a utilização de prefixos negativos correspondentes revela como BIZZARRI lança mão de diversas opções lingüísticas em italiano. A função negativa do prefixo em português é expressa, nesses casos, mediante recursos variados, como o emprego de um verbo seguido de um advérbio com valor negativo ou o uso de, apenas, um verbo, adjetivo, advérbio ou preposição com significado negativo.

Exemplos de criação lexical em que o prefixo “des-” tem função intensiva

1) “Daqui, deste mesmo de lugar, mais não vou! Só **desarrastado** vencido...” (p.49)

“Di qui, da questo punto esatto, non vado più avanti! Solo **trascinato a forza**...” (p.47)

Nesse exemplo, a intensividade contida no prefixo “des-”, em “desarrastado”, é reproduzida, na tradução, pelo uso de uma locução adverbial, *a forza*.

2) “Estúrdio é o que digo, nesta verdade — que, eu livre longe deles, **desaluídos** é que eles estavam comigo ...” (p.467)

“Stravagante è quel che dico, in questa verità — che, una volta libero e lontano da quelli, io li sentivo più presenti”.(p.408)

Nesse exemplo, não se faz a tradução do termo “desaluidos”, que exerce uma função semântica na LO. Em princípio, haveria, portanto, uma perda semântica no texto da LT, sem, contudo, comprometer o significado da frase, que é garantido pelo contexto.

3) “Mas **desabandonamos** aquilo, às pressas...” (p.487)

“Ma lo **lasciammo**, in fretta...” (p.425)

Nesse exemplo, a função intensiva concentrada no prefixo “des-”, em “desabandonamos”, não é resgatada no texto da LT, em que somente o verbo “abandonar” é traduzido. Levando-se em consideração que o neologismo em português tem função estilística pura, entende-se que a sua omissão tradutória, sem nenhuma forma de compensação, implica uma perda dessa mesma função no texto da LT.

4) “Me agradou que perto de casa dele tinha um açudinho, entre as palmeiras, com traíras, pra-almas de enormes, **desenormes...**” (p.11)

“C'era, vicino alla sua casa, una piacevole piccola pescaia, tra le palme, con *trairas*, grandi fuori del comune, **stragrandi...**” (p.13)

Nesse exemplo, o tradutor expressa a intensidade por derivação prefixal, valendo-se do prefixo italiano *stra-*, que confere ao adjetivo o grau superlativo. Dessa forma, a função semântica fica preservada. Há, no entanto, perda da função estilística, uma vez que o adjetivo italiano *stragrandi* não é neológico.

5) “E de repente eu estava gostando dele num **descomum**, gostando ainda mais do que antes...” (p.223)

“E di colpo io gli stavo volendo bene, fuori del comune, gli volevo ancora più bene di prima...” (p.199)

Nesse exemplo, o prefixo “des-” congrega, simultaneamente, a função negativa e a intensiva. O neologismo formado tem, pois, função estilística pura. A expressão *fuori del comune*, que corresponde a ‘fora do comum’, é uma locução dicionarizada e bastante utilizada na língua italiana. Entende-se que essa tradução atende à função negativa desempenhada pelo prefixo “des-” em português, mas não à intensiva e à estilística pura, contidas em “descomum”.

Os exemplos que se acabou de apresentar e analisar comprovam que, quando o prefixo “des-” exerce apenas função negativa, não há problemas tradutórios. No entanto, quando ele tem função intensiva, podem ocorrer perdas semânticas e/ou estilísticas na tradução proposta por BIZZARRI.

CAPÍTULO 9

BIZZARRI leitor e escritor de ROSA

9.1 A escrita “bizzarriana”

As análises efetuadas até aqui visam a contribuir para a realização do objetivo deste estudo, que é a avaliação da tradução neológica das criações lexicais rosianas na versão italiana de *Grande sertão: veredas*.

Recorrendo-se à morfologia, foram estabelecidos os processos de criação lexical em italiano, para, em seguida, se definirem as modalidades tradutórias dos neologismos rosianos no texto da LT e, então, avaliar-se a manutenção das funções exercidas pelos neologismos no texto original.

A partir desses dados, é possível delinear-se o tipo de texto resultante na LT e determinar-se se o tradutor consegue, ou não, realizar a intenção comunicativa do autor.

Vale a pena ressaltar que BIZZARRI poderia realizar a intenção comunicativa de ROSA da forma como quisesse, pois o próprio autor confere autonomia ao seu tradutor italiano. De 1959 a 1967, os dois trocam correspondência que dá testemunho da paixão e dos escrúpulos de BIZZARRI com relação a tradução. Em suas cartas, o tradutor criva o escritor de perguntas sobre o significado de centenas de palavras sertanejas e arcaicas usadas por ele, bem como de suas invenções poéticas. Este, por sua vez, estimulado pelo interesse infinito daquele, do tradutor, abre seu coração e mostra-se entusiasmado pelo trabalho dele. Em carta datada de 11 de outubro de 1963, ele escreve:

“Já me vejo, enfim, vantajosamente traduzido. Sem piada, mas sincero: quem quiser realmente ler e entender

G. Rosa, depois, terá de ir às edições italianas⁶. [...] Enfim, aqui vão as respostas. Quero, porém, que V. tenha viva liberdade, naturalmente. Espero que o que V. vai fazer seja mais uma colaboração que uma simples tradução. Obrigado” (ROSA, apud BIZZARRI, 1981:20)

Em 20 de janeiro do ano seguinte, ROSA escreve para BIZZARRI:

Eles⁷ estavam sempre querendo o ‘*Grande Sertão: Veredas*’, escreviam-me insistindo a esse respeito. [...] Mas, agora que Você acabou o ‘*Corpo de Baile*’, respondi ao homem entregando-lhe o ‘*Grande Sertão: Veredas*’... desde que BIZZARRI o traduza. Fiz mal? [...] Quando terminar – e já estamos terminando... – esta nossa viagem companheira, este dialogar de cartas, a que tão bem me acostumei, a gente vai ter saudades e sentir falta. Que iremos fazer? Você já imaginou, Você, esvaziado, de repente, deste pesado e forçoso trepidar de tarefa, sem ter, diante, este tipo de dificuldades para brilhantemente vencer? BIZZARRI, que é que, depois, Você, Você vai fazer? [...]

[acrescentado a mão]

(P.S. – *Será também um pouquinho de covardia... ou é mesmo só confiança e admiração, como acho, – o que vejo que estou, no mais íntimo, desejando: que o livro, em italiano, tenha um tanto mais de BIZZARRI e um tanto menos de Guimarães Rosa!*”) (ROSA, apud BIZZARRI, 1981:87-89)

Como se vê, ROSA confere ao tradutor “viva liberdade” para escolher seu caminho tradutório e criativo. Por outro lado, ao desejar uma colaboração e, também, que o livro “tenha um tanto mais de BIZZARRI e um tanto menos de Guimarães Rosa”, reconhece a autoria textual do tradutor. Assim sendo, não há como não se falar, nesse caso, de um texto “bizzarriano”.

⁶ A tradução a que se refere ROSA é a de *Corpo de baile*.

⁷ Trata-se da Editora Feltrinelli, de Milão.

Em função disso, pretende-se, neste capítulo, tentar refazer o percurso da escrita de BIZZARRI. Partindo-se do pressuposto de que traduzir implica aprender a refalar depois de ter aprendido a ler, pode-se afirmar que o texto traduzido é, antes de tudo, reflexo da leitura do tradutor. Além disso, é reflexo, ainda, de sua sensibilidade e competência de escrita poética. Cabe, então, perguntar como BIZZARRI percorre o sertão, ou melhor, o texto, que ECO (1994:16) chama de “bosque narrativo”. Será que ele caminha como se faz num jardim particular, ou será ele aquele leitor-modelo que atende às expectativas que o autor alimenta a seu respeito? É o próprio tradutor que esclarece, com suas próprias palavras, como costuma passear pelo bosque narrativo rosiano, em carta de 12 de março de 1964

“Perdôe o atraso epistolar, mas estou mesmo de ressaca. Não é ressaca de farra, hélas, nem de bebedeira. Para tanto, para a festinha celebradora, fico esperando a anunciada januária. É só ressaca de sertão e de cansaço, ressaca de tão prolongado viver fora de mim, procurando entender, procurando transmitir, sempre olhando o calendário como se olha o relógio. Estou de fato arriado e preciso recuperar fôlego; não dou para conversa. Mas devo cumprir, ao menos, obrigações noticiosas. E aqui estou, por isso; que V. não pense que seu amigo se perdeu num sertão sem veredas.” (BIZZARRI,1981:98)⁸

A expressão “viver fora de mim” confirma que não é no seu jardim particular, mas no sertão de ROSA, que ele se inspira para conseguir levar o leitor até o autor, fazê-lo sentir o texto original, estrangeiro, ajudando-o a atravessar as fronteiras lingüísticas e culturais. Essa postura tradutória vai ao encontro das teorias citadas sobre a equivalência, especificamente a teoria formal de NIDA (1964) e a tradução semântica de NEWMARK(1988), que priorizam a ênfase na LO. Assim, também, posiciona-se VENUTI (1995), quando

⁸ O tradutor está- se referindo à tradução de *Corpo de baile*.

propõe uma tradução *estrangeirizante* ou *resistente*, isto é, que não submeta o texto de origem a uma domesticação, mas que revele as peculiaridades da escrita do autor, tornando igualmente visível o tradutor.

Isso é exatamente o que BIZZARRI faz em sua escrita: leva o leitor até o autor e torna-se, ao mesmo tempo, visível no papel de mediador da passagem para uma nova realidade literária.

O tradutor, co-autor, faz pouco uso de orações subordinadas, garantindo a manutenção da oralidade, ou melhor, do uso poético da oralidade, com a liberdade de formar, deformar e associar palavras. Mantém o mesmo tamanho das orações de ROSA, muito curtas em relação ao estilo narrativo italiano, que, se adotado, tornaria mais lento o ritmo do período e, portanto, da ação.

Entende-se, portanto, que a função estilística, tão marcante no texto da LO, é preservada na tradução italiana, independentemente da modalidade de tradução adotada. Esse resultado deve-se a um trabalho metucioso de decifração, transcodificação de valores estilísticos e reescrita. Se a tradução, sob o ponto de vista lexical, cria, como se viu, apenas 74 neologismos *versus* os 942 do texto da LO, essa diferença é compensada pelo uso de recursos morfossintáticos inusitados e/ou estilísticos.

9.2 A Travessia Tradutória

Em 1972, o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, de São Paulo, publica um volume com a já referida correspondência que ROSA e BIZZARRI trocaram de 1959 a 1967. Essa coletânea de cartas ganha o título de *J. Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*.

A “estória” da amizade de João Guimarães Rosa com seu tradutor italiano é uma história exclusivamente epistolar, que tem seu início numa breve troca de cartas relativas à autorização para traduzir o conto “Duelo”, de *Sagarana*.

O conto foi publicado nos números VI e VII do periódico *Il Progresso Italo-Brasiliano*, de São Paulo. Alguns exemplares foram enviados, então, ao autor, que, em 5 de outubro de 1959, escreve a BIZZARRI, agradecendo-lhe:

“A tradução — de coração o digo — entusiasmou-me, achei-a admirável. Nem sei, nem pensei que fosse possível um trabalho assim. Nada do texto original se evaporou, nada foi omitido, tudo ficou preservado ... e prestigiado! E a Nota de apresentação, generosa e séria, comoveu-me. Gratíssimo, por tudo.” (ROSA, apud BIZZARRI 1981:4)

A correspondência entre ROSA e BIZZARRI continua três anos depois, quando o autor comunica ao tradutor ter assinado contrato com a Feltrinelli para a publicação, na Itália, de *Corpo de baile*. Este, em resposta datada de 3 de dezembro de 1962, autoriza aquele a indicar seu nome para as editoras italianas, como eventual tradutor, toda vez que achar “oportuno e conveniente.”

A correspondência intensifica-se: BIZZARRI solicita ao escritor muitos esclarecimentos de interpretação lexical para a tradução de *Corpo de baile*. ROSA atende entusiasmado a essas solicitações e pensa na tradução de *Grande sertão: veredas*, que gostaria de ver realizada pelo mesmo tradutor.

A seguir, são transcritos trechos significativos dessa correspondência, que evidencia uma comunhão de paixões e interesses entre ROSA e BIZZARRI, traz à luz a importância que este atribui ao ato tradutório e revela sua metodologia de trabalho. Por essas passagens, torna-se evidente, também, a dificuldade de se

conseguir publicar uma obra literária no exterior e a reticência das editoras, apesar do sucesso já comprovado em publicações anteriores. Na seleção desses trechos, deu-se prioridades às cartas que tratam, mais especificamente, de *Grande sertão: veredas* e da opinião de ROSA sobre o desempenho de seu tradutor italiano.

De BIZZARRI para ROSA, em 3 de dezembro de 1962:

“Meu caro Guimarães Rosa,

A sua carta, tão amável, me deu muita alegria; mas também me deixou com um vaidoso complexo de culpa. [...] Tinha decidido encerrar definitivamente minhas experiências de tradutor. Traduzir é praticar um exercício de estilo, uma pesquisa de interpretação; é afinal, um ato de amor, pois trata-se de se transferir por inteiro numa outra personalidade.” (BIZZARRI, 1981:7)

De BIZZARRI para ROSA, em 20 de maio de 1963:

“Por último, A NOTÍCIA: chegou anteontem o contrato do Feltrinelli⁹, já assinado, e hoje mesmo volta para a Itália, registrado aéreo. ‘Alea jacta est’, guardadas as devidas proporções. Só que o meu Rubicão não é um riachozinho, mais pedras do que água, transponível sem se molhar os pés, como aquele que originou a metáfora: mas um verdadeiro São Francisco, enorme, com águas profundas, as margens que se perdem no horizonte; e nele vou entrar, diria Dante, “in piccioletta barca”, ou melhor, diria o nosso caipira, numa canoa furada. Que Deus me ajude. Basta; em todo caso, a nossa irmandade está agora selada com novo elo, e a futura correspondência fadada a disquisições semânticas e lexicais.

Com um grande abraço

E. B.” (BIZZARRI, 1981:16-17)

De ROSA para BIZZARRI, em 7 de abril de 1964:

⁹ BIZZARRI faz referência, nesse caso, ao contrato para a tradução de *Corpo de baile*.

“A chegada de suas 776 páginas do traduzido C. de b. à casa Feltrinelli, fez lá um reboiço. Nem tinham recebido ainda o volume do ‘Grande sertão: veredas’, para opção, e foram mandando-me um telegrama, querendo contrato. Em seguida, recebi carta, manuscrita, cordialíssima, do *Egregio Signore* Enrico Filippini, que, pelo que vejo, é chefão lá, e que me diz:

‘Le scrivo per dirle che in questi giorni ho ricevuto la traduzione di *Corpo de Baile*. La traduzione é bellissima. Io non avevo ancora letto il suo libro, ora ne sono entusiasta. Ho visto che avevamo in opzione *Grande sertão: veredas*, e oggi ha (sic) dato ordine di acquistare i diritti. Spero che questa notizia possa farle piacere. Mi scusi se non le scrivo nella sua lingua: farei troppi errori. Etc.’¹⁰ [...] Já respondi, a telegrama e carta. Disse: ‘O fato de haver gostado do livro me entusiasma, ao mesmo tempo que vejo confirmada minha opinião sobre o valor do Professor Dr. Edoardo Bizzarri, admirável Tradutor.’ Etc. *Grazie mille* (sic).

E, meu caro e colossal BIZZARRI, *forte, grande, é o abraço*

do seu

Guimarães Rosa.”

(ROSA, *apud* BIZZARRI 1981:100)

De BIZZARRI para ROSA, em 26 de dezembro de 1966:

“Meu caro Guimarães Rosa,
Em véspera de Natal, chegou-me – por carta de Valerio Riva – a proposta feltrinelliana de traduzir *Grande sertão: veredas*. E eu que vivia sossegado, pensando que o caso já fosse resolvido, e o volume prestes a sair! Mais ainda: o nosso Riva chega a perguntar-me ‘dentro de quantos *meses*’ posso entregar a tradução.” (BIZZARRI, : 1981:126)

¹⁰ Escrevo para comunicar-lhe que recebi, nesses dias, a tradução de *Corpo de baile*. A tradução é belíssima. Eu não havia lido ainda seu livro, agora estou entusiasmado. Vi que tínhamos em opção *Grande Sertão*: *Veredas e* hoje dei a ordem de comprar os direitos. Espero que essa notícia lhe agrade. Peço

De ROSA para BIZZARRI, em 7 de março de 1967:

“Meu caro BIZZARRI,
A coisa vai indo. [...]
Obrigado, pela notícia e pelo envio de cópia da sua
resposta ao Valerio Riva. Quem, melhor que eu,
compreenderia os motivos que Você expõe? Bem
gostaria, entretanto, que eles insistissem, tornassem à
carga, aceitando o prazo de dois anos. Antes dois anos
com BIZZARRI que dois meses com qualquer outro...
Vamos ver o que Deus resolve. [...]
Com o forte, grato, abraço amigo

do

Guimarães Rosa.”

(ROSA, apud BIZZARRI 1981:127).

De BIZZARRI para ROSA, em 8 de outubro de 1967:

“É mesmo ‘o diabo na rua...’
Basta. Ditei as minhas condições. Se Feltrinelli aceitar,
acho que precisarei muito falar com V., pois o problema,
desta vez, não será simplesmente interpretar e traduzir,
mas reescrever em italiano. No momento, nem quero
pensar no assunto”. (BIZZARRI, 1981:130)

De ROSA para BIZZARRI, em 20 de outubro de 1967:

“Ah, que tudo pegue bem, o Riva não seja trouxa, e Você
torne a vestir a roupa de campeiro, montado em cavalo
malhado e saindo por essas chapadas e veredas
sertanejas nossas. Deus vos guie. Grato, grato é que eu
estou. [...]

BIZZARRI, meu caro, agora não escrevo mais, estou em
luta com o discurso que terei de proferir na Academia
Brasileira de Letras, onde, enfim (depois de eleito há 4
anos e meio) tomo posse, se Deus quiser, no dia 16 de
novembro proximíssimo. Não haverá traje de rigor nem
convites impressos; mas, você e Olga, meu coração
convida. Espero, depois dessa data, e no ano que vem,
estar muito mais libertado, leve, disponível.

desculpas por não escrever em sua língua: erraria demais. Etc.” (tradução da
minha.)

Aí, então...

Abrace, forte

*o seu com afeto, grato, Guimarães Rosa*¹¹
(ROSA, apud BIZZARRI 1981:131)

Dedicatória de ROSA no exemplar de *Grande sertão: veredas*, que o autor enviou para BIZZARRI:

“Para Edoardo BIZZARRI — enfrentador magistral de quaisquer montanhas, atravessador de desertos, ‘rasos’, ‘lisos’, brejais e caatingas — estas 571 páginas, como um desafio afetuoso. Mas, mais, o abraço e a grata amizade do Guimarães Rosa. Rio, 1966.” (BIZZARRI, 1981:98)

9.3 A recepção de *Grande sertão: veredas* pela crítica italiana

O *Grande sertão: veredas*, na sua versão em italiano, é publicado em novembro de 1970, três anos depois da morte de Guimarães Rosa. A crítica acolhe o romance com entusiasmo. Fazem-se, então, muitas referências às características da língua rosiana e algumas observações inerentes às dificuldades tradutórias.

Seguem-se alguns trechos retirados de resenhas literárias de jornais da época¹².

“A linguagem descritiva, dinâmica, de J. Guimarães Rosa é uma emanção direta do Sertão; seu rico colorido, seu andamento serpentina, o seu modo de delimitar todo o fato antes de resumi-lo à essencialidade racional denotam o esforço técnico do autor para dar voz à alma, às sugestões sonoras, às alucinações oníricas de uma terra-mãe sobre a qual galopam bandidos que guerreiam entre si, mudam de chefes, se amam, se suportam, se destroem, roubam, morrem de forma

¹¹ Trinta dias depois de ter escrito essa carta, em 19 de novembro, Guimarães Rosa morreu. A Editora Feltrinelli, depois de um prolongado silêncio, voltou a procurar Edoardo BIZZARRI em fins de 1969.

¹² Apresentam-se os textos diretamente em português, com tradução minha.

'natural', obedecendo a leis que estão acima de qualquer estrutura 'social'. [...] a leitura do romance torna-se interessantíssima pelo nível lingüístico, preocupado em retirar do tecido lexical características mágico-evocadoras, e pelo assunto simbólico que o narrador procura delinear e concretizar por meio de recursos lingüístico-sintáticos.[...] Talvez a característica de 'Grande Sertão' seja a de não ser um romance, mas muito mais; talvez a ambição de seu autor tenha sido a de suscitar no leitor tais conjeturas. O problema está em aberto, o leitor encontra amplo espaço para participar da composição do mosaico". (CATALUCCI, Anna Maria. O poema do homem brasileiro. *Corriere del Ticino*, Lugano (CH), 11 dez. 1970).

"Uma dimensão do tamanho da obra passa despercebida ao leitor não-brasileiro: a lingüística. Apesar dos inúmeros esforços dos tradutores nas várias línguas (e a versão italiana é louvável), o estilo rosiano, composto por orações coordenadas que se sobrepõem como num mosaico, unidas umas às outras por um fio semântico ininterrupto, e repleto de palavras indígenas, regionalismos misturados com arcaísmos e latinismos, torna-se intraduzível. Todavia, o volumoso livro é fascinante: *western* nascido sob o signo do destino, *quete (sic)*¹³ medieval com acentos de Graal, trata-se de um anacronismo grandioso, possível somente numa literatura jovem, que tem uma língua vital, toda em formação.".(BIANCHINI, Angela. Fora-da-lei no "Sertão". Uma obra-prima da América Latina. *La Stampa*, Torino, 11 dez.1970).

" Mas o verdadeiro protagonista é a paisagem do interior brasileiro, selvagem e misteriosa, elementar e sublime, apresentada de forma extraordinária numa linguagem que conhece a seca do deserto e a sinuosidade luxuriante da vegetação. Com todos os perigos e exageros, aqui e ali, de um abandono estilístico sangrento e culto. [...] E, então, esse grande romance, repleto de ações, épico e mítico-lírico, fascinante e extenuante como o espetáculo

¹³ A autora entende tratar-se do substantivo francês *quête*, 'busca', 'procura', 'demanda'.

ininterrupto da vida, alcança sua verdade: 'O diabo não existe! O que existe é o homem humano. Travessia.' O Fausto moderno não precisa mais de vender sua alma." (ALTARocca, Claudio. Deserto e paraíso. *Il Resto del Carlino*, Bologna, 29 dez.1970).

Conclusão

Procurando sintetizar a análise realizada na presente dissertação, salientam-se os pontos que se seguem.

No Capítulo 1, foram caracterizados os processos de formação lexical da língua portuguesa e, também, os processos utilizados por ROSA na formação dos seus neologismos. A apresentação dessas análises foi feita com o objetivo de contribuir para a compreensão plena das criações neológicas desse autor, objeto de estudo deste trabalho.

No Capítulo 2, foram discutidas as premissas teóricas que fundamentam o presente estudo — como a noção de equivalência proposta por NIDA, as funções da linguagem descritas por NEWMARK, a *Skopostheorie* de VERMEER e REISS. Todos esses autores, apesar de utilizarem terminologias diferentes, pregam a importância de se preservar a intenção comunicativa do autor da LO no texto da LT.

No Capítulo 3, apresentou-se o modelo tradutório empregado para a análise do *corpus* deste estudo. Examinaram-se, então, as variáveis desse modelo, dando ênfase à importância de se avaliar a função do neologismo nos textos da LO e da LT. Foi considerada, também, a variável da compensação como forma de suprir a falta de criações neológicas no texto da LT.

No Capítulo 4, foram tratados os processos de criação lexical da língua italiana, em função de uma análise morfológica de 20 neologismos criados por BIZZARRI, com base nas criações lexicais do texto rosiano.

No Capítulo 5 descreveu-se o processo de detecção dos neologismos na versão italiana de *Grande sertão: veredas*, justificando-se a escolha da unidade de tradução, para se passar, em seguida, às modalidades de tradução adotadas na versão italiana dessa obra.

No Capítulo 6, fez-se uma análise morfológica e tradutológica dos neologismos criados por BIZZARRI. Os dados levantados, após serem quantificados, comprovam que os processos mais produtivos de criação lexical em italiano, na obra estudada, ocorrem por derivação sufixal, com um índice de 33,78% dos casos, e por composição, com um índice de 17,57%. A incidência de criação lexical por processo rosiano é de 13,51% dos casos. Esse índice é bastante alto, se se considera que se trata de uma tarefa complexa, cujas ocorrências se aproximam muito dos processos de formação lexical detectados com mais frequência neste estudo. Em relação à modalidade tradutória, a mais empregada é a tradução literal, seguida pelo decalque, correspondendo, respectivamente, a 70,27% e 13,51% do total de ocorrências.

Sobre a equivalência semântica, quando há criação neológica no texto traduzido, a avaliação da manutenção do significado é positiva: a maioria das criações lexicais no texto da LT respeitam a RFP da LT, ou são formadas por PR.

No Capítulo 7, foi analisada a tradução não-neológica dos neologismos rosianos, sem, contudo, quantificar os dados, uma vez que essa análise não constitui o objetivo primordial do presente estudo. A propósito, porém, verifica-se que, na maioria das vezes, mesmo não havendo tradução neológica, a função atribuída ao texto da LO é cumprida pelo texto da LT.

No Capítulo 8, discutiram-se os recursos morfossintáticos que BIZZARRI utiliza para compensar as traduções não-neológicas de criações lexicais rosianas e, também, a formação de neologismos no texto da LT, nos casos em que não há uma criação neológica correspondente no texto da LO. Foram feitas, ainda, algumas observações sobre o tratamento que o tradutor dispensa ao prefixo “des-” na versão italiana, tendo-se em vista que esse prefixo é o

mais produtivo no texto da LO, exercendo função ora negativa, ora intensiva.

No Capítulo 9, foram consideradas as características do texto resultante da versão de *Grande sertão: veredas* na LT. Conclui-se que, além de traduzir ROSA, BIZZARRI se torna seu colaborador. O próprio escritor eleva-o à categoria de co-autor, pois, ao se aplicar à tarefa de levar o leitor italiano para o mundo que ROSA propõe, realizando, ao mesmo tempo, uma tradução “estrangeirizante”, esse tradutor torna-se visível e seu texto adquire *status* de autônomo, o que permite, então, falar-se de um texto “bizzarriano.”

Em seguida, no mesmo capítulo, transcrevem-se trechos da correspondência que ROSA e BIZZARRI trocaram durante o trabalho deste como tradutor daquele. Os textos selecionados revelam a importância que ambos atribuem a essa tarefa e confirmam a cumplicidade intelectual que brota da paixão comum aos dois pela língua.

Finalmente, foram traduzidos e transcritos trechos de resenhas, publicadas em periódicos, sobre *Grande sertão: veredas*, resenhas que comprovam a admiração e o encantamento com que os críticos literários recebem essa obra, na sua versão italiana.

O leitor que se propuser a comparar o texto original com o traduzido vai deparar-se com duas mensagens em línguas diversas, porém equivalentes. O texto traduzido é marcado pela manutenção dos significados e, na maioria das vezes, também dos efeitos estilísticos do texto original. Cumpre, no entanto, assinalar que, sendo o neologismo a unidade de tradução analisada e, por sua vez, sendo o neologismo signo desconhecido e portador de uma nova visão de mundo, há sempre a possibilidade, por parte do leitor, de uma variedade interpretativa, corroborando, assim, o que diz Riobaldo: “Um sentir é o do sentente, mas outro é o do sentidor” (ROSA, 1985: p.291).

Considerando-se o exposto, pode-se afirmar que, graças à sua indiscutível competência nas línguas portuguesa e italiana, à sua sensibilidade literária e ao seu conhecimento do mundo, BIZZARRI penetra no texto rosiano e desbrava, com segurança, seus meandros lingüísticos. Lançando mão de recursos vários advindos da morfologia, da sintaxe, da estilística e da teoria da tradução, ele alcança, como tradutor, o objetivo a que se propõe: trilhar o caminho do sertão e das veredas, levando pela mão o leitor italiano, que o acompanha seguro, mas atônito, diante de tamanha ousadia.

O assunto não foi esgotado nesta dissertação. Assim, a análise morfológica dos neologismos criados por BIZZARRI pode tornar-se matéria de novos estudos lingüísticos, numa abordagem contrastiva das línguas portuguesa e italiana, priorizando os mecanismos de produção e recepção lingüísticas. Do mesmo modo, a análise das modalidades tradutórias das criações lexicais aqui desenvolvida pode contribuir para uma reflexão mais ampla sobre as possibilidades de tradução de neologismos em textos literários.

Referências bibliográficas

- ALVES, Fábio, SCHEIBLE, Ingeborg. H.J.Vermeer: A teoria da funcionalidade (*Skopostheorie*) e a supremacia da finalidade. VIEIRA, Else Riberio Pires (org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996. 280 p.
- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo; criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990. 93 p.(Série Princípios).
- ALVES, Irene da Costa. *Modalidades de tradução: uma avaliação do modelo proposto por Vinay & Darbelnet*. São Paulo: PUC, 1983. (Dissertação, Mestrado.)
- AUBERT, Francis H. *As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. Campinas: UNICAMP, 1993. 89 p.
- _____. Descrição e quantificação de dados em tradutologia .In: _____ *Tradução e comunicação*,. São Paulo, n.4, Álamo. 1984.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990. 120 p.
- BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade; processos do neologismo*. 3.ed. São Paulo: Plêiade, 1996. 323 p.
- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 65-70.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português; uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980. 128 p.
- _____. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática. 1987.
- BASSNETT-McGUIRE, Susan. *Translation studies*. London/New York: Methuen, 1980. 159 p.
- BATINTI, Antonio. *Il sistema fonologico dell' italiano*. Perugia: Guerra, 1993. 264 p.

- BIZZARRI, Edoardo. (Org.). *J. Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri*. 2.ed. São Paulo: T.A. Queiroz, Editor, 1981. 1479 p.
- CALVINO, Italo. La sfida al labirinto. In:____. *Una pietra sopra*. Torino: Einaudi, 1980. 323 p.
- CARVALHO, Glória Maria Guiné de Mello. *Tradução: hibridismo fecundo; um estudo da tradução de contos de Mia Couto para a língua inglesa*. Belo Horizonte: Pontifícia Unversidade Católica de Minas Gerais, 1996. 170 p. (Dissertação, Mestrado em literatura de língua portuguesa.)
- COSERIU, Eugenio. *O homem e sua linguagem*. Trad. Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, 1982. 191p.
- DANIEL, Mary. *João Guimarães Rosa: travessia literária*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968. 186p.
- DELISLE, J. *L'analyse du discours comme méthode de traduction*. Initiation à la traduction française de textes pragmatiques anglais. Théorie et pratique. Ottawa: Éd. De l'Université d'Ottawa, 1980.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula; a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Trad. Attilio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 158 p.(Original inglês.)
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?*. Trad. António Fernando Cascais e Edmundo Cordeiro. Lisboa: Veja, 1992, p. 89-128.
- GALERY, Ivana VERSIANI. *Os prefixos intensivos em Grande sertão : veredas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1969. 112 p. (Tese, Doutorado.)
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. 285 p.

ISER, Wolfgang. A interação do texto com o leitor. In: COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.83.

JAUSS, Hans Robert. A estética da recepção: colocações gerais. In: COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.43-61.

----- .O prazer estético e as experiências fundamentais da *poiesis, aisthesis e katharsis*. In: COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 63-81.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. São Paulo: Ática, 1992. 64 p.

LORENZ, Günter W. João Guimarães Rosa. In: _____. *Diálogo com a América Latina; panorama de uma literatura do futuro..* São Paulo: E.P.U., 1973.

MENDES, Eliana Amarante de Mendonça. *A tradução dos neologismos de Grande sertão:veredas*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 1991, 225 p. (Tese Doutorado em Lingüística.)

----- .Neologismos em Guimarães Rosa: problemas de tradução. In:---. 3 ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES, 1987, Porto Alegre. Depto.de Línguas Modernas. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

----- . A tipologia textual de Katharina Reiss. In: VIEIRA, Else Ribeiro Pires (Org.). *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996. 280 p.

MONTI, Luisa. *Grammatica e vita*. Torino: Loescher Editore, 1974. 419 p.

MORETTI, Giovanni.B. *L'Italiano come seconda lingua nelle varietà del suo repertorio scritto e parlato*. Perugia: Guerra, 1994. 695p.

MOUNIN, Georges. *Teoria e storia della traduzione*. Trad. Stefania Morganti. Torino: Einaudi, 1965. 221 p.(Original francês.)

----- *Os problemas teóricos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975. 263p.

NEWMARK, Peter. *Approaches to translation*. Oxford. Pergamon, 1981. 200 p.

----- *A textbook of translation*. New York: Prentice Hall, 1988. 292 p.

NIDA, Eugene A. *toward a science of translating*. Leiden:E.J. Brill, 1964. 331 p.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Princípios de morfologia gerativa*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1996. 153 p. (Mimeogr.)

ROHLFS, Gerhard. *Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti. Morfologia*. Torino: Einaudi, 1968. 399 p.

----- *Sintassi e formazione delle parole*. Torino: Einaudi, 1969. 491 p.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 18.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. 538 p.

----- *Grande Sertão*. Trad. Edoardo Bizzarri. 4.ed. Milano: Feltrinelli, 1990. 499 p. (Original português.)

SCALISE, Sergio. *Le strutture del linguaggio; morfologia*. Bologna: Il Mulino, 1994. 331 p.

SCHNAIDERMAN, Boris. Os limites da traduzibilidade. In: COSTA, Luiz Angélico da (Org.). *Limites da traduzibilidade*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1996. 216 p.

SNELL-HORNBY, Mary. *Translation studies: an integrated approach*. Amsterdam: John Benjamins, 1988.

STEINER, George. *After Babel; aspects of language & translation*. 2. ed. Oxford: University of Oxford Press, 1992. 538 p.

VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility; a history of translation*. London /New York: Routledge, 1995.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires. (Org.) *Teorizando e contextualizando a tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, Curso de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos, 1996. 280 p.

VIEIRA, Luiz Claudio de Oliveira. *O percurso dos sentidos*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1991. 231 p.(Tese, Doutorado em Literatura Comparada.)

VINAY, J-P., DARBELNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier/Beauchemin, 1960 323p.

WARD, Teresinha S. *O discurso oral em Grande sertão: veredas*. São Paulo: L. Duas Cidades, 1984. 149 p.

WEINBERG, Kurt. Literary translation as a problem of reception. In: Proceedings of the IX CONGRESS OF THE INTERNATIONAL COMPARATIVE LITERATURE ASSOCIATION. Innsbruck:1979 p.251-255.

DICIONÁRIOS:

CÂMARA MATTOSO JÚNIOR. *Dicionário de Filologia e Gramática* 5.ed. Rio: Ozon s.d.

DE AGOSTINI. *Dizionario della lingua italiana*. Novara: De Agostini: 1996.

DUBOIS, Jean et al. *Dizionario di linguistica*. Bologna: Zanichelli, 1989.

FERRREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

SCIARONE, A.G. *Vocabolario fondamentale della lingua italiana*. Perugia: Guerra, 1995.

VASSALLI, Sebastiano. *Il Neoitaliano*. Bologna: Zanichelli, 1989.

ZINGARELLI, Nicola. *Il nuovo Zingarelli. Vocabolario della lingua italiana*. Bologna: Zanichelli, 1989.